

DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO

Edite Maria Sudbrack (Org)



SÉRIE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS V. 4

DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO

SÉRIE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS
v. 4

REITORIA

Reitor

Luiz Mario Silveira Spinelli

Pró-Reitora de Ensino

Rosane Vontobel Rodrigues

Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão
e Pós-Graduação

Giovani Palma Bastos

Pró-Reitor de Administração

Clóvis Quadros Hempel

CAMPUS DE ERECHIM

Diretor Geral

Paulo José Sponchiado

Diretor Acadêmico

Elisabete Maria Zanin

Diretor Administrativo

Paulo Roberto Giollo

CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN

Diretor Geral

César Luís Pinheiro

Diretora Acadêmica

Silvia Regina Canan

Diretor Administrativo

Nestor Henrique De Cesaro

CAMPUS DE SANTO ÂNGELO

Diretor Geral

Maurílio Miguel Tiecker

Diretora Acadêmica

Neusa Maria John Scheid

Diretora Administrativa

Gilberto Pacheco

CAMPUS DE SANTIAGO

Diretor Geral

Francisco de Assis Górski

Diretora Acadêmica

Michele Noal Beltrão

Diretor Administrativo

Jorge Padilha Santos

EXTENSÃO DE CERRO LARGO

Diretora Geral

Edson Bolzan

EXTENSÃO DE SÃO LUIZ GONZAGA

Diretora Geral

Sonia Regina Bressan Vieira



PRESIDENTE DA EDITORA

Denise Almeida Silva

CONSELHO EDITORIAL – CIÊNCIAS HUMANAS

Edite Maria Sudbrack – Presidente

Área de Educação

Cláudia Ribeiro Belochio - UFSM

Ane Carine Meurer - UFSM

Tatiana Bolívar Lebedeff- UPF

José Alberto Corrêa -Univesidade do Porto - Portugal

Manoel José Jacinto Sarmiento Pereira - IEC -

Universidade do Minho

Edite Maria Sudbrack– URI

Anna Rosa Santiago - UNIJUI

Maria Beatriz Moreira Luce – UNIPAMPA e UFRGS

Berenice Corsetti - UNISINOS

Pablo Gentile – UERJ

Silvia Regina Canan – URI

Área de Filosofia

Jaime José Zitkoski - UFRGS

Claudir Miguel Zuchi - URI

Lívio Osvaldo Arenhart - URI

Denis Coitinho Silveira – UFPel

Área de História

Lúcio Kreutz - UCS

Ricardo Rossatto - UPF

Arthur Blásio Rambo – UNISINOS

Área de Geografia

Nelson Rego - UFRGS

Rosa Maria Vieira Medeiros - UFRGS

Marcos Aurélio Saquet - UNESP /UNIOESTE

Carmem Regina Dornelles Nogueira – URI

Área de Psicologia

Patricia Pereira Cava - UFPel

Sérgio Roberto Kieling Franco - UFRGS

Maria Lúcia Tiellet Nunes – PUCRS

Conselheiros Ad-Hoc

Danilo Romeo Streck - UNISINOS

Amarildo Luiz Trevisan - UFSM

Eliane Schlemmer - UNISINOS

Patricia Rodrigues Fortes - URI

EDITE MARIA SUDBRACK (ORG.)

DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO

**SÉRIE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS
v. 4**



FREDERICO WESTPHALEN, RS

2011

DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO

SÉRIE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, v. 4

© Copyright 2011 – URI

Organização:	Edite Maria Sudbrack
Comissão Executiva:	Ana Paula Duso Edite Maria Sudbrack Luci Mary Duso Pacheco
Revisão metodológica:	Franciele da Silva Nascimento
Diagramação:	Franciele da Silva Nascimento
Capa/Arte:	Sara Spolti Pazuch
Revisão Linguística:	Wilson Cadoná

O conteúdo dos textos é de responsabilidade exclusiva dos(as) autores(as).

Permitida a reprodução, desde que citada a fonte.

Catálogo na Fonte elaborada pela
Biblioteca Central URI/FW

D648 Diversidade na Educação [recurso eletrônico] / organizadora Edite Maria Sudbrack. – Frederico Westphalen : Ed. URI, 2011. 93 p. – (Série Pesquisa em Ciências Humanas ; v. 4)

ISBN 978-85-7796-063-7

1. Educação. 2. Papel social da educação. 3. Lazer e sociabilidade. 4. Formação do professor. 6. Ética. I. Sudbrack, Edite Maria. II. Título. III. Série.

CDU 37

Bibliotecária Gabriela de Oliveira Vieira CRB 10/2044



Editora: URI

URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Campus de Frederico Westphalen
Prédio 8, Sala 108
Rua Assis Brasil, 709 - CEP 98400-000
Tel.: 55 3744 9223 - Fax: 55 3744-9265
E-mail: editorauri@yahoo.com.br, editora@fw.uri.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
O PAPEL SOCIAL DA EDUCAÇÃO	
<i>Francieli Rossetti, Luci Mary Duso Pacheco</i>	8
O ADOECIMENTO MENTAL EM UM CONTEXTO DE CAPS	
<i>Alice Leonardi Pacheco, Fabiana Tutida</i>	28
LAZER E SOCIABILIDADE: FORMAS DE CUIDAR E EDUCAR O CORPO NA VELHICE	
<i>Ana Carla Liscoski, Maria Simone Vione Schwengber</i>	34
LEVANTAMENTO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (LICENCIATURAS) DE QUÍMICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL FRENTE ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS	
<i>Marcelo Prado Amaral Rosa, Francisco Catelli, Eliane Maria Balcevicz Grotto</i>	46
REAL X IDEAL: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA REDE DE ATENÇÃO EM SAÚDE MENTAL DE UM MUNICÍPIO	
<i>Cátia Dalla Valle, Geisa Francieli Bonatto, Vanessa Balen Felin</i>	58
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE	
<i>Daniele Lucini, Arnaldo Nogaro</i>	70
ÉTICA DO CUIDADO: SIGNIFICAÇÃO DO SER-NO-MUNDO	
<i>Ilíria François Wahlbrinck</i>	85

APRESENTAÇÃO

O Relatório Dellors (1998), cujo teor associa a educação a um “tesouro a descobrir”, tem reiterado o papel da inovação num mundo em mudanças contínuas e de aprendizagens permanentes. Assim, a educação não se encerra numa fase da vida, nem acontece num único espaço, já que aprender por toda a vida é condição imperativa de sobrevivência.

Na perspectiva anunciada, esta edição da “Série Pesquisa”, intitulada “Educação e Diversidade” orbita em torno das diferentes interfaces e espaços da aprendizagem em áreas e fases da vida, concebendo a educação como um processo sistêmico.

A publicação abre com “O papel social da Educação”, cuja contribuição propugna formar “cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade”. Apoiada em Freire, exercita a reflexão sobre o momento contemporâneo e seus desafios.

Na perspectiva de abrir espaços para as produções da área de Ciências Humanas, insere-se também, o texto “O adoecimento mental em um contexto de CAPS”. Com base em Foucault, o artigo reflete a concepção de “loucura” que tem preponderado na modernidade. Nesta dimensão propõe estratégias de intervenção focadas na terapia em grupo, na atenção psicossocial, e no fortalecimento dos vínculos familiares e sociais. Tal abordagem, reflete sobre novas possibilidades de ação/intervenção no adoecimento mental.

Na continuidade desta publicação, o artigo, “Lazer e sociabilidade: formas de cuidar e educar o corpo na velhice” segue a temática do envelhecimento e suas interfaces com o lazer e com as relações sociais. O texto apoiado em dados estatísticos do IBGE, aponta o aumento da expectativa de vida da população, associando-a às práticas de lazer e de biosociabilidade como práticas de saúde.

O texto denominado “Levantamento dos Cursos de Formação de Professores (Licenciaturas) de Química do Estado do Rio Grande do Sul frente às Tecnologias Digitais”, debate o avanço tecnológico das últimas décadas e suas transformações no ensino/aprendizagem. O foco de estudo relatado no artigo, analisa a tecnologia utilizada na formação inicial dos profissionais da área de química, advogando o espaço da formação inicial de professores para tomada de consciência acerca da aplicação dos recursos tecnológicos na educação.

Na sequência, “Real X Ideal: algumas reflexões acerca da rede de atenção em saúde mental de um município”, debate as políticas públicas de atenção à saúde mental, com ênfase na construção de uma rede comunitária de cuidados, na perspectiva da humanização do atendimento ao sujeito com sofrimento mental, de forma integral e integrada.

Em a “A Formação do professor e sua influência na aprendizagem do estudante”, os autores refletem a emblemática relação entre formação docente e aprendizagem, enfocando a profissionalização, o envolvimento e comprometimento dos profissionais, das agências formadoras e das políticas de formação. Proclamam, ainda, a problematização do conceito de formação adotado e de que forma ela acontece. O artigo contribui, também, com propostas que qualificam a formação do professor, impactando na aprendizagem do aluno.

A contribuição do texto “Ética do cuidado: significação do ser no mundo”, baseada em Heidegger, reflete a dimensão ética na atual crise da humanidade, em sua relação com o ser no mundo, problematizando as possibilidades de realização e cura diante da crise.

Deixamos registrado nesta apresentação, o agradecimento aos articulistas e avaliadores pelas contribuições, convidando-os a novos desafios.

Cumpre-nos também, desafiar o (a) leitor (a), para novos olhares e outros posicionamentos.

Edite Maria Sudbrack
Chefe do Departamento de Ciências Humanas - URI

O PAPEL SOCIAL DA EDUCAÇÃO

Francieli Rossetti¹
Luci Mary Duso Pacheco²

INTRODUÇÃO

O papel social da educação baseia-se na formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade em que se encontram inseridos, através disso a educação trabalha em prol do desenvolvimento integral do ser humano. Neste sentido observamos a realidade enfrentada pela educação em seu contexto amplo, buscando identificar as dificuldades e os avanços da educação atual.

A educação ultrapassa a visão metodológica e avança no sentido do trabalho coletivo que visa atender as necessidades da sociedade atual, buscando trabalhar aspectos que priorizem o desenvolvimento social.

Ao tratar-se do tema Papel Social da Educação buscou-se um trabalho interdisciplinar que contemplasse as mais diversas formas de pensamento, oportunizando a pesquisa de forma abrangente. Através de amplas pesquisas nas mais diversas áreas constatou-se a necessidade de unificar as ideias existentes formando assim um novo ponto de vista sobre o assunto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com a constante mudança no aspecto social que vem sofrendo a população, constata-se que a cada dia torna-se mais necessário que a educação assuma seu papel de forma mais consciente e abrangente no aspecto social e humano da sociedade.

A educação é responsável pela promoção e o desenvolvimento do cidadão; no entanto cabe perguntar que tipo de cidadão deseja-se formar?

Deve-se salientar que a educação não vem sendo tratada de forma prioritária pelos governantes, o que a torna em alguns aspectos inferior, inclusive pela inaplicabilidade de forma coerente das verbas.

A educação segundo Freire (1996) é uma forma de intervenção no mundo e esta pode reproduzir a ideologia dominante ou desmascará-la.

¹ Graduada em Pedagogia e Pós-graduanda em Psicopedagogia.

² Doutora em Educação.

É pela educação que ocorre a formação de cidadão consciente, com posição política e visão crítica, além, disso a educação possui um papel determinante na criação da sensibilidade social necessária para reorientar a humanidade.

Através da educação é que forma-se cidadão consciente de seu papel na sociedade. No entanto é necessário que se faça um trabalho sério, buscando trabalhar a realidade e os anseios dos alunos.

Cabe à escola fazer um trabalho de interação que proporcione o desenvolvimento crítico baseado em acontecimentos reais, que venham ao encontro com a necessidade dos alunos. Nesse sentido, a educação só será interessante para o aluno se esta contemplar a sua realidade, e se for trabalhada de forma dinâmica e criativa; proporcionando um conhecimento novo que pode ser baseado no empírico.

A construção do conhecimento é algo que abrange muito mais que simplesmente aprender um conteúdo, é construir uma cidadania consciente através da criticidade, assim a escola deve ser um espaço de formação que contemple o aspecto global, proporcionando o desenvolvimento da cidadania através da criticidade e da autonomia.

A interação social é fundamental para o desenvolvimento da educação e precisa ser trabalhada de forma a atender e contemplar todos, buscando assim o amplo processo da inclusão social e o respeito às diferenças.

Em suma, é evidente e inquestionável que a escola tenha sua co-responsabilidade social, pois compete a esta promover a inclusão, o respeito a diversidade, despertar para a construção do “eu” e a descoberta do “outro”, mas antes dela, compete a família, instituição primeira na vida da criança, desenvolver a afetividade, a sensibilidade, o respeito, os limites, o conviver. A educação ainda é o caminho para a construção de uma sociedade mais igual, mas esta é o meio, o principio continua sendo a família. (CÁSSIA, 2009, online).

Quando fala-se do processo de inclusão social, o que normalmente vem em mente, são os alunos especiais, ou seja, portadores de necessidades especiais em relação ao acesso à educação. Mas o termo inclusão é muito mais amplo que isso e retrata a inclusão de qualquer indivíduo que está sendo excluído por um determinado motivo.

Deve-se despertar em cada ser humano, o espírito de crescimento social para buscar diferentes formas de resolver os obstáculos que a sociedade apresenta contribuindo para a formação de cidadãos capazes de enfrentar as dificuldades da vida no caminho para o sucesso.

É papel da educação valorizar a cultura de sua própria comunidade, buscando a formação de cidadão capaz de interferir criticamente para transformá-la.

Uma boa educação é baseada em formação contínua, e, portanto, cabe também ao corpo docente um constante aperfeiçoamento, pois a roda da educação gira muito rápida, e é necessário acompanhar o processo.

É necessário que o professor também esteja consciente de seu papel de agente facilitador do processo de ensino-aprendizagem, buscando constante aperfeiçoamento e amando seu ofício, em relação a esta questão Freire destaca que:

Estou absolutamente convencido de que a prática educativa, de que tenho falado e cuja boniteza e importância tenho me referido tanto também não pode ter para sua preparação as razões de ser ou as motivações referidas. É possível até que alguns cursos de formação de magistério venham sendo irresponsavelmente meros "caça níqueis". (FREIRE, 1996, p. 47).

Um cidadão crítico participativo, dinâmico e inovador é fruto de uma educação democrática e cidadã que busca no respeito mútuo, no diálogo e na construção do saber, o caminho para uma cidadania consciente, onde o processo humanista e solidário prevalece, transformando assim a sociedade, tornando-a mais justa.

A escola vem passando por várias transformações, algumas benéficas e outras não. A sua maior evolução foi na modificação do processo escolar quando da implementação da visão do ensino-aprendizagem. No entanto por outro lado há uma desvalorização da escola por parte dos governantes, proporcionando um sucateamento das mesmas pela falta de estrutura física e equipamentos, além da desvalorização dos profissionais da educação. "É obvio que problemas ligados à educação, não são apenas problemas pedagógicos, são problemas políticos e éticos tanto quanto os problemas financeiros." (FREIRE, 1996, pg. 51)

Nunca na escola se discutiu tanto quanto hoje assuntos como falta de limites, desrespeito na sala de aula e desmotivação dos alunos. Nunca se observou tantos professores cansados, estressados e, muitas vezes, doentes física e mentalmente. Nunca os sentimentos de impotência e frustração estiveram tão marcantemente presentes na vida escolar. Estes problemas afetam o desenvolvimento do processo educativo e tornam muitas vezes o processo em algo pesado e desmotivante.

Os problemas que afetam a educação precisam ser absorvidos pela escola, para que um bom trabalho possa ser realizado perante os alunos, pois embora saibamos que a realidade enfrentada muitas vezes torna o processo de educar um desafio, o mesmo precisa ser desenvolvido com responsabilidade e cuidado com o educando.

A educação é fundamental para a convivência em sociedade, e, portanto merece respeito e valorização; no entanto precisa-se lutar em prol da sobrevivência da escola e pelo melhoramento da educação, pois todo e qualquer cidadão, tem o direito a educação,

assegurado pela lei, com isso é necessário que a escola se organize de forma a mostrar seu poder e sua função perante a sociedade na busca pela formação de seres críticos e autônomos, constatando que a educação é base de vida do indivíduo, e é através dela que os seres humanos se tornam cidadãos conscientes de seu papel social.

As crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, de indagar-se, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam deter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo. (FREIRE, 2000, p. 58).

A escola atualmente tem buscado construir sua identidade em meio a tantos avanços e mudanças, que vão desde o meio de viver, pensar e agir das pessoas até as formas de governo da sociedade.

Talvez hoje um dos maiores problemas da escola seja o de não contar muitas vezes com a presença efetiva das famílias, ou seja, as famílias transferiram sua responsabilidade para a escola, e esta que até então tinha o papel de preparar para a vida, mas contando com o que o aluno já carregava consigo, hoje muitas vezes precisa trabalhar certos aspectos que em teoria seria papel da família. No entanto depara-se com esta triste realidade, onde os pais delegam toda responsabilidade pela educação de seus filhos para escola, seja ela no sentido dos valores, ou da formação da personalidade do indivíduo. A escola atual perdeu o apoio que as famílias lhe depositava, pois hoje ao invés de serem parceiros na educação tornaram-se distantes e o processo é individualizado. Antigamente a escola junto com os pais cobrava resultados positivos dos alunos, e o respeito prevalecia em sala de aula, hoje em boa parte das salas de aula os alunos não tratam a educação com o devido respeito.

A educação é um processo de construção que possibilita que o homem esteja em constante aprendizado, o que significa que este nunca estará completo, no entanto a escola tem papel fundamental neste processo. A visão do inacabado faz com que a educação esteja sempre em constante evolução.

O trabalho coletivo também é essencial para um bom andamento do processo educacional. Quando a engrenagem da escola funciona de forma correta o processo educativo acontece de forma mais eficaz.

A escola trabalhando de forma global e coletiva consegue de forma mais efetiva o apoio da sociedade e das organizações que podem contribuir de forma recíproca com as propostas da escola.

A qualidade da educação também esta ligada às condições nas quais se encontram as instituições de ensino, pois constata-se que não ocorre o processo efetivo de manutenção

tanto dos espaços físicos, quanto dos bens móveis e imóveis das escolas, e inclusive dos materiais pedagógicos, e o que há alguns anos atrás se encontrava em um estado regular, hoje encontra-se de uma forma geral sucateada.

Não há qualidade educacional sem um entorno rico em materiais que possam ser utilizados como materiais de aprendizagem. Entretanto a riqueza dos materiais não é uma garantia no processo de produção de qualidade educacional. A qualidade desses materiais e suas características de utilização por meios da dinamização pelo docente profissional e ética ou mais importante que sua existência. (BRASLAWSKI, 2005, p. 35).

O dinamismo da educação é fundamental para um bom andamento das atividades, pois torna a aula mais leve e atrativa para o aluno, e é por isso que o planejamento da aula é essencial para a realização de um bom trabalho.

A educação é a única forma coerente de formar cidadãos, pois é através dela que se instiga o aluno a querer aprender sempre mais, e com isso constatar a importância da educação em sua vida.

Educar para a vida é peça fundamental no processo educativo, pois torna os alunos seres conscientes de sua realidade e de seu papel na sociedade. O aluno precisa sentir-se parte integrante do processo educativo para que este tenha significado. O aluno precisa compreender o porquê a educação é necessária para o seu desenvolvimento e fundamental para seu futuro.

O papel mais importante da educação é a preparação do aluno para a vivência em sociedade e para isso necessita levar em conta o processo social já vivido pelo aluno.

O aluno precisa perguntar-se o porquê das ações, por exemplo, por que a educação é tão necessária para a sua vida, e o porquê existem as escolas e os professores, já que vive-se em uma era em que a internet “resolve” todos os nossos problemas. E é isso que faz a diferença, quando depara-se com a importância da escola e do corpo docente, pois por mais que a tecnologia esteja presente, nada substitui a importância da escola e do professor no desenvolvimento do ser humano. A educação vem passando por constantes modificações, no entanto abre caminhos para novos conhecimentos.

O processo educativo vem sofrendo retaliações, e o reflexo está na sociedade. O aumento da “marginalidade” é um exemplo disso, a falta de limites e consciência crítica, fazem com que a criminalidade aumente cada vez mais e a educação se intimida diante desta realidade; os professores já não possuem autoridade e não são respeitados na sua profissão.

A profissão que já foi orgulho para muitos, hoje se tornou um pesadelo, pois os professores já não se sentem seguros em sala de aula, e outro ponto que torna o processo

docente difícil é a base salarial da classe que obriga os docentes a fazerem paralisações para que as autoridades venham a tomar atitudes.

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do desrespeito aos educadores e a educação inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesas de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. (FREIRE, 1996, p. 67).

O capitalismo vem mudando a concepção de homem, quando para o mercado o que vale é quanto você tem e não o que você é, o ser humano torna-se algo vulnerável e alvo fácil do processo capitalista.

Esse processo invade os lares cada vez mais, fazendo com que os pais tenham que trabalhar fora, e em vários horários, deixando os filhos a mercê dos meios de comunicação que instigam o consumo exagerado. A partir daí ocorre o processo de compensação, quando os pais substituem sua presença física e sua afetividade com os filhos por objetos.

A sociedade esta cada vez mais individualista e consumista o que torna o ser humano cada vez mais solitário e sujeito às “emboscadas” da sociedade capitalista.

A sociedade esta alienada, e hoje somos prisioneiros de um sistema, onde nós estamos presos enquanto os indivíduos que cometem atos ilícitos estão soltos, e nesta perspectiva as crianças crescem fechadas em casas ou apartamentos, sem poder sentir o lado bom da liberdade, podendo andar de bicicleta e brincar no pátio, mas muitas vezes as crianças estão expostas a um risco bem maior que brincar no pátio, e quando os pais acham que as crianças estão muito seguras em casa, a internet, tem invadido os lares e muitas vezes por falta de acompanhamento em seu uso tem destruído famílias.

A educação deixou de ser prioridade para o sistema capitalista, pois é por ela que se formam-se cidadãos críticos e conscientes, tornando-se capazes de superar o processo consumista desenfreado e, no entanto isso não é lucrativo para o processo. “A educação, num sentido amplo, cumpre uma iniludível função de socialização, desde que a configuração social da espécie se transforma em um fator decisivo da hominização e em especial da humanização do homem.” (SACRISTÁN, 1998, p. 13).

A educação vem se detendo no processo de socialização como base de trabalho, pois hoje o que falta é o trabalho cooperativo e coletivo, pois em se tratando da sociedade capitalista onde, o individualismo prevalece, deve-se juntar forças para tentar inverter este processo, pois é fato que o ser humano não consegue viver sozinho e isolado e que necessita

do “próximo”; no entanto boa parte deste processo de socialização acontece na escola, pois muitas vezes é o único espaço em que a criança tem contato com outras crianças que são semelhantes a ela.

Em um mundo onde o dinheiro “imperá” o processo social é de difícil expansão, pois as diferenças de classe sociais são exorbitantes, e tornam a cada dia o rico mais rico e o pobre mais pobre, e é por isso que a educação é tão importante, pois é só por meio dela que poderemos ter um mundo melhor e mais justo, pois para evoluir no processo é necessário um histórico educacional, pois hoje o grau de instrução é fundamental para a conquista de um espaço na sociedade.

Educar é um ato de amor, e proporciona ao educando e ao educador a realização quando atingido o objetivo, esta relação de professor e aluno é fundamental para que o processo se concretize, pois sem a afetividade a escola não existe.

A educação ultrapassa os limites do capitalismo e precisa urgentemente voltar a cumprir de forma efetiva seu papel social para que a sociedade possa sair do processo alienatório que hoje afeta principalmente a faixa mais carente da sociedade.

A população mais carente passa a sofrer mais com este processo por ser excluída do processo social, e conseqüentemente do processo educativo. Uma sociedade sem educação é de fácil manipulação; o que acaba tornando a sociedade alienada.

Em primeiro lugar, a vida da aula como a de qualquer grupo ou instituição social pode ser descrita como um cenário vivo de interações onde se intercambiam explícita ou tacitamente idéias, valores e interesses diferentes e seguidamente enfrentados. (SACRISTÁN, 1998, p. 19).

O governo tem deixado um pouco de lado a educação básica e investido na educação superior, criando programas como o PROUNI (Programa Universidade para Todos) que destina vagas em instituições privadas para alunos carentes, o que não garante uma educação de qualidade, e também tem ocorrido o processo de disseminação das universidades à distância que vem prejudicando de certo modo a formação; por serem cursos de curta duração e que nem sempre cumprem as normas exigidas.

É necessário repensar o papel da escola em relação à educação, quando da construção da criticidade e da autonomia do aluno, pois é necessário que a educação trace princípios alternativos para preparar os alunos para enfrentarem os desafios impostos pela sociedade capitalista que é altamente excludente.

A educação precisa ser tratada de forma mais séria, pois não se trata somente de uma questão de cidadania, mas sim que a educação esta diretamente ligada à produtividade e ao desenvolvimento econômico do país.

Boa parte de nossa população é considerada analfabeto funcional, o que significa que apenas identificam algumas palavras e leem bilhetes simples, e este processo não tem sido levado em consideração pelos governantes, e em um país que é regido pela democracia só há democracia se há possibilidade de escolha, e sem informação não há opção de escolha e este processo ocorre na faixa carente da sociedade.

A educação esta sendo desvalorizada pela sociedade, tendo em vista que o que conta é a quantidade e não a qualidade da educação, onde perante o sistema mundial o que vale é a quantidade de pessoas alfabetizadas, e não se estas estão realmente alfabetizadas, pois para o sistema uma pessoa que consegue escrever o próprio nome é considerada alfabetizada, mas sabemos que neste processo a pessoa seria mesmo um analfabeto funcional.

Educar é um elo de humanização que busca na essência do ser humano a capacidade de socializar-se e interagir com o mundo por meio das palavras e gestos.

A educação reflete sua direção na sociedade, pois ela faz toda diferença na formação social do indivíduo. Educar é ir além do processo conteudista, é trabalhar com o real e o concreto, de acordo com a vontade do aluno e a necessidade da sociedade. Nossa educação agoniza na burocracia que corrompe a verdadeira essência de seu poder e torna nossa sociedade vazia e desamparada.

Para começar esta discussão, convém recordar que a ciência hoje não estabelece cadeias estritas de causa e efeito, porque geralmente, não conseguimos saber o que é causa e o que é efeito em particular nas ciências sociais. Educação causa desenvolvimento ou desenvolvimento causa educação? (DEMO, 2004, p. 113).

O aluno precisa ser o sujeito da educação e não o objeto. Muito se evoluiu desde a educação tradicional, mas ainda há muito que fazer para que a educação tome a proporção necessária para o desenvolvimento da nação.

A educação na infância é essencial para desenvolver o lado afetivo e cognitivo da criança. É necessário que se trabalhe estimulando a fantasia, fazendo com que esta viva plenamente sua infância e desenvolva suas potencialidades.

A educação é necessária em qualquer fase do desenvolvimento do ser humano para que se possa usufruir plenamente do processo cognitivo a educação é essencial.

Uma das principais fases do desenvolvimento humano é a infância, e, no entanto a educação infantil tem papel fundamental na formação do ser humano, pois é nesta fase que se aprimora a personalidade e se estimula o processo cognitivo. No entanto precisa-se de profissionais bem formados para realizar um bom trabalho principalmente na fase da infância, pois nesta fase desenvolve-se boa parte das potencialidades humanas, e estas precisam ser estimuladas.

Atualmente um dos problemas mais discutidos é a educação inclusiva, onde a lei existe e deve ser cumprida, ao mesmo tempo em que os professores não estão preparados para tal, e as instituições não possuem espaços físicos adequados para a mesma.

O processo inclusório é amplo e complexo e precisa ser trabalhado de forma especial, pois há muito a se fazer para idealizar este projeto, este retrata também a inclusão de classes sociais entre outras e, no entanto é dever da escola demonstrar as diferenças, ou seja, que cada ser humano é único e precisa ser respeitado como tal.

A educação tem papel fundamental no processo de melhoramento da qualidade de vida do ser humano, e a lei garante educação a todos, mas na prática não é isso que acontece, há muita falta de vagas para os alunos nas escolas públicas, fazendo com que muitas crianças fiquem fora da escola.

A educação ultrapassa os limites da sala de aula e tem seu início na família, primeiro contato social da criança, e é necessário que esta acompanhe de perto o processo escolar.

A educação esta presente em todos os lugares, mas nem toda informação recebida é adequadas, no entanto é necessária a criação de uma visão classificatória que permita separar os dados bons dos ruins, e isso acontece no espaço da sala de aula, onde constrói-se uma visão crítica de mundo.

No entanto a partir de tudo isso cabe perguntar se a educação está ou não cumprindo o seu papel social, e constata-se que:

Está cumprindo quando...

- Ocorre o empenho dos profissionais em favor da educação.
- A escola trabalha a realidade social de seus educandos.
- Apesar das dificuldades não perde-se a esperança em um mundo melhor.
- Quando os professores buscam alternativas de diversificação e tornam suas aulas criativas.
- Quando mesmo sabendo do “descaso” com a educação, o corpo docente dá o melhor de si em suas atividades.
- O professor realiza a formação continuada.
- Quando a escola em conjunto com a comunidade escolar busca caminhos alternativos para superar as dificuldades.
- Quando observa-se a participação da escola nos eventos da sociedade.
- Quando a escola busca reunir a comunidade escolar para atividades.
- Quando se observa na sociedade a evolução do processo inclusivo.

- Quando se constata que existem excelentes profissionais formados no país.
- Quando repensada a realidade, constata-se o quão importante é a profissão docente que se faz “mãe” de todas as profissões, pois qualquer profissional formado passa pela escola.
- Formação de cidadãos críticos.
- Autonomia.
- Visão política.
- Construção do conhecimento.

Não está cumprindo quando...

- Os profissionais não buscam sua formação continuada.
- A falta de estrutura das escolas prejudica o trabalho.
- Quando há um conformismo com a realidade.
- Quando ocorre o trabalho de forma abstrata, sem levar em conta a realidade dos alunos.
- Quando não são trabalhados os problemas enfrentados pela sociedade.
- Quando o professor não é a autoridade em sala de aula.
- Quando não é trabalhado o processo de socialização em sala de aula.
- Quando a escola deixa de trabalhar a autonomia e a criticidade dos alunos, caindo no conformismo do mundo capitalista.
- Quando a escola não leva em conta as particularidades e a individualidade dos alunos.
- Quando o profissional não se sente realizado na profissão e não se sente parte do processo educativo.
- Quando a aula é ministrada de qualquer jeito sem a devida preparação.
- Quando não há participação da família na escola, e ambas não trabalham juntas.
- Quando a escola deixa de envolver a sociedade em suas ações.

A educação não é um processo passivo, através dela é que os alunos passam a ter posição em relação aos fatos da sociedade. Deve-se salientar que os alunos trazem de casa uma bagagem de conhecimentos que precisam ser levadas em conta durante o trabalho em sala de aula.

O trabalho com a realidade do aluno é essencial para o bom andamento do processo, já que vivemos em uma sociedade muito eclética, e é necessário a socialização e integração para que ocorra o conhecimento das particularidades das comunidades que cercam a escola, pois nas sociedades modernas, a escola passou a ocupar um papel essencial na integração do indivíduo à sociedade.

A modernização com o passar do tempo tornará a produção automatizada com o avanço tecnológico, e isso levará a população a uma adequação que passa pela educação formal, e, no entanto quem não obtiver acesso a esta estará automaticamente excluída do processo social e profissional, ficando profissionalmente ultrapassado. No entanto é cada vez mais necessária a aplicação da educação formal, buscando atender o maior número de pessoas possíveis.

Hoje a população adulta que busca formação encontra no EJA (Educação de Jovens e Adultos) a forma mais rápida de completar a educação básica, mas esta hoje já não é garantia de sucesso profissional. Muitas pessoas, por não terem condições de cursar um curso superior, buscam formação nos cursos técnicos, que formam de maneira rápida e dão uma garantia maior de emprego, e a procura por cursos profissionalizantes só aumenta de maneira a fazer este módulo de ensino se expandir.

A disseminação da educação à distância que é de formação rápida e com baixo custo leva muitas pessoas a buscar esta formação. Mas, no entanto a educação vem sendo alvo da mercantilização e não há controle rígido sobre os métodos utilizados pelas instituições de ensino, e quem deveria dar o exemplo acaba trabalhando contra as regras da educação, e boa parte da população que não possui condições de bancar uma educação de qualidade acaba contribuindo para essa realidade.

A realidade social faz com que a minoria da população tenha acesso a uma educação de qualidade, enquanto a maioria da população fica a mercê da falta de incentivos públicos para uma educação de qualidade e de acesso a todos.

Com os avanços tecnológicos fica cada vez mais diferente o trabalho em sala de aula, pois é necessário achar formas criativas e atrativas de trabalho que vão além das informações em enxurrada aplicadas pela internet, e a educação para as camadas populares que já é de difícil acesso com os avanços tecnológicos fica ainda pior, pois enquanto muitos alunos de camadas populares mais desenvolvidas têm acesso diário à internet, os demais nem sequer conhecem um computador, e muitas vezes em uma sala de aula existem alunos de diversas realidades sociais o que dificulta o trabalho.

O processo educativo baseado no construtivismo possui alguns pontos que são relevantes e precisam ser ressaltados, pois segundo ele o aluno é o centro do processo educativo, e deve ser estimulado a levantar hipóteses e buscar respostas. Neste processo predomina a ação reflexiva e o pensamento é indutivo, e o processo utilizado é o de ensino-aprendizagem. Esse processo construtivista é hoje o mais utilizado e o mais coerente em ação nas escolas, pois torna o professor um mediador do processo, fazendo que com ensine e ao mesmo tempo aprenda com o aluno. O processo educativo é atualmente baseado na construção do conhecimento, onde os alunos aprendem através do concreto e o professor é um mediador.

A missão do educador na atualidade é muito ampla, pois não basta ter a “técnica” de ensinar a ler e escrever, é necessário ter um conhecimento amplo, que vai do educativo ao psicológico, além de ser necessária formação continuada para atualização e aprimoramento.

A educação convive com os meios de comunicação que passam a todo instante o incentivo ao consumismo exagerado e ao processo individualista e, no entanto a escola precisa encontrar formas de usar estes instrumentos em seu benefício para realizar um bom trabalho.

A luta da educação é em prol de uma sociedade mais justa e igual para todos, que beneficie todos os cidadãos, e que seja crítica e lute pelos direitos. Educar é uma prática para a liberdade segundo Paulo Freire, e, é pensando nisso que a educação precisa lutar em prol da libertação da alienação da sociedade, pois a educação é o único elo de humanização possível. E segundo FREIRE a prática da Educação Popular também atua como base no desenvolvimento da educação em seu contexto geral.

Ao contextualizar o processo da Educação Popular observa-se que este processo não está restrito ao ler e escrever, mas sim em valorizar o processo de ensino aprendizagem baseado no conhecimento empírico. A Educação Popular se destaca pelo trabalho diferencial em relação à educação formal pelo fato de trabalhar com o real e o concreto.

A Educação Popular visa o cuidado e o respeito com o conhecimento que o aluno traz consigo e procura trabalhar a realidade vivida pelos mesmos. A educação servindo como revitalização do processo social do cidadão, proporcionando o retorno a vivência social e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida.

A Educação Popular é toda e qualquer ação que não esteja direcionada diretamente à sala de aula e que retrate a educação, e esta deve basear-se nas necessidades do povo e ter uma finalidade social.

Paulo Freire é o mentor desta forma de educação que tem visão humanista e procura educar a partir da realidade. Para a Educação Popular a vivência é de fundamental importância para a aprendizagem, pois segundo ela tudo o que se vive e se sente, se aprende.

A Educação Popular parte do princípio do resgate da cidadania, buscando resgatar o excluído e reinseri-lo no processo social.

Com a Educação Popular o processo educacional deixa de ser neutro e passa a ter um significado de ato político, ela está ligada profundamente ao questionamento das relações de exploração e desigualdade existente na sociedade. Preocupa-se com os setores excluídos da sociedade na busca da melhoria da qualidade de vida.

A Educação Popular tem como ponto de partida a realidade do cidadão, sendo que este se encontra excluído do processo social e do sistema capitalista. O processo da Educação Popular deve contribuir para o exercício de cobrança das ações políticas geradas em nome do povo e que também possa incentivar os aspectos éticos e utópicos para que o ser humano tenha esperança na melhoria de vida e de sua inserção efetiva na sociedade.

A Educação Popular realiza um trabalho humano que se dá em grande parte pela prática do indivíduo e luta pela sua libertação do sistema alienado em que se encontra. Este modelo de educação é uma categoria diferente, pois visa atender o ser humano excluído da sociedade, buscando trabalhar a sua realidade de acordo com as necessidades encontradas pela sociedade em que se encontra inserido.

Este modelo de educação se dissipa à medida que a sociedade toma consciência de sua importância para a superação do processo alienatório, e também quando da valorização do indivíduo enquanto ser humano buscando trabalhar a importância da liberdade com responsabilidade.

Educar para a vida nada mais é que tornar o cidadão membro atuante na sociedade, fazendo com que este se sinta parte integrante do contexto social em que se encontra inserido.

Na concepção de Paulo Freire os princípios da Educação Popular estão relacionados à mudança da realidade, e, no entanto constata-se que este processo perpassa os níveis mais profundos da educação buscando na troca de experiências a aquisição de novos conhecimentos.

A Educação Popular abre os olhos dos cidadãos e mostra que é necessário lutar por igualdade de direitos, que mesmo estando em uma classe social desfavorecida possui direito a melhor qualidade vida, pois a constituição lhe garante saúde, educação, moradia... Embora saibamos que nem sempre a lei é cumprida efetivamente, neste sentido citamos que “Paulo Freire usou sua metodologia como ‘círculos de cultura’ que proporcionou a alfabetização de

trezentos trabalhadores em quarenta e cinco dias, estes alfabetizados utilizando o método de ‘leitura de mundo’.” (PEREIRA, ANDRADE, 2008).

Educar crianças já é uma tarefa árdua, imaginem educar jovens e adultos que em sua maioria encontram-se desmotivados, portanto cabe ao professor fazer o processo teoria - prática e refletir sobre o mesmo, pois o processo de ensino – aprendizagem do jovem e do adulto decorre de um trabalho dentro de sua realidade com conteúdos de uso diário pelos mesmos.

Segundo Paulo Freire, precisa-se ter esperança, principalmente ao pensar o processo educativo, e sendo assim a Educação Popular precisa repassar esta mesma esperança para o ser humano de que podemos ter um mundo melhor, e este mundo melhor passa pela educação, com isso a educação popular cruza a fronteira da escolarização e busca o resgate da cidadania e a necessidade do processo de inclusão em seu contexto amplo.

A Educação Popular prima pelo processo participativo e coletivo, onde busca atender as necessidades da sociedade, fazendo-se entender que a união faz a força.

O conformismo da população carente faz com que muitas vezes esta deixe de lutar por seus ideais, e, no entanto a educação tem papel fundamental, pois muitas vezes o desânimo é tamanho que o indivíduo perde a vontade de viver e a educação traz a luz que muitas vezes faltava para dar a volta por cima e superar suas dificuldades, pois ela proporciona novos conhecimentos que irão contribuir para a melhoria de vida.

Não há cidadania sem o mínimo de condições de vida digna, e, no entanto a educação popular deve mostrar caminhos alternativos para que esta população carente possa tentar sair desta situação, esta visão parte do processo de trabalho paralelo da educação com o estímulo à evolução. A educação popular é um movimento político que luta por uma prática social participativa e inclusiva.

Entendo a educação popular como esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares: capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que esta ai, para que se possa fazer escola de outra jeito. Há estrita relação entre escola e vida política. (FREIRE, NOGUEIRA, 2001, p. 15).

A Educação Popular é um elo de humanização que busca na sua essência o trabalho com a autonomia e visão política, fazendo com que o ser humano passe a lutar por seus direitos e volte a fazer parte de forma efetiva da sociedade. A educação é um processo de construção do conhecimento que parte do empírico e busca na troca de experiências um crescimento coletivo.

O educador popular deve ter algumas características marcantes, como o prazer de trabalhar com esta categoria de ensino, buscar um trabalho diferenciado que venha ao encontro com as necessidades dos educandos e que acima de tudo tenha uma relação afetuosa com os alunos.

É na Educação Popular que os alunos encontram um espaço onde podem repartir suas alegrias e tristezas, vivenciando a cada dia novas experiências, superando dificuldades e acumulando vitórias. O que falta muitas vezes é oportunidade e o voto de confiança para que o ser humano possa mostrar sua potencialidade.

A Educação Popular é o meio mais coerente de trabalhar com a população excluída do sistema, que já não interessa para a sociedade capitalista, pois não gera o consumismo desenfreado, então é necessário que se acredite na mudança e que se aposte na visão de Paulo Freire em sua prática para a liberdade, demonstrando que o ser humano tem valor.

Embora se viva em um país livre e democrático, sabe-se que ainda há muito o que se fazer para que todos os cidadãos possam ser livres e desfrutar da verdadeira democracia.

A Educação Popular não se encontra tão espalhada quanto deveria, pois o poder público não investe neste processo educativo, fazendo com que boa parte da população carente fique a cada dia mais à mercê da sociedade, e já conformados não cobram seus direitos de cidadãos. É compreensível, quando se observa tal realidade, pois sabe-se que povo educado é povo consciente de seu papel na sociedade e que cobra seus direitos.

A Educação Popular é muito peculiar, pois não trabalha conteúdos específicos, busca trabalhar a realidade do aluno, buscando ajudá-lo a resolver os problemas cotidianos. Neste processo a coletividade é de fundamental importância para o bom andamento dos trabalhos.

A constatação da importância da vivência em sociedade e a consciência que o ser humano não vive sozinho são básicos no trabalho da educação popular. A importância de despertar nas pessoas a solidariedade e a coletividade, para que a essência da Educação Popular seja cumprida.

É através da Educação Popular que ocorre a busca por desenvolver a autonomia, a criticidade e a luta em prol do desenvolvimento da comunidade. Educar para desenvolver potenciais escondidos e para despertar visões diferenciadas mostrando que cada ser humano é único e que tem seu valor e seu espaço no mundo.

Quando a educação é repensada em termos de desenvolvimento, é indispensável analisar o poder da cidadania da comunidade em relação ao processo de organização perante a sociedade. Nestes termos, o papel da educação torna-se um estímulo que tenta libertar o homem de sua subordinação, e fazê-lo pensar e ingressar neste mundo inovado.

Nesse sentido, a Educação de Jovens e Adultos deve estar atenta à peculiaridade de cada comunidade, levando em consideração os valores pré-estabelecidos em suas culturas locais, trabalhando sempre baseado na educação popular e nos princípios e ensinamentos de Paulo Freire.

Pois, ainda vivemos em uma era em que os prédios escolares têm aparência de hospitais ou presídios, enormes corredores e com vigilância constante, levando os alunos a se sentirem controlados. Para que possamos ter uma educação de qualidade é essencial que se trabalhe a cidadania e o “ser humano” como ser racional e construtor do conhecimento, pois a pobreza não é sinônimo de falta de criatividade e potencial.

Organizar é a palavra chave, pois a sociedade só consegue evoluir se estiver envolvida em organização que proporcione a união, força e luta de classes, objetivando o desenvolvimento, a modernização, ordenado em planos de ação.

Levando-se em conta que a Educação Popular é definida pelo esforço, organização e capacitação, tendo o poder de pensar a escola de um outro jeito, tendo seu berço na luta, removendo obstáculos e resistindo à dominação e é pensando nestas ações que a educação precisa realizar suas atividades.

O homem, por natureza, é um ser curioso, criativo e insatisfeito com a vida. Ele sente necessidade de explorar e transformar tudo ao seu redor. O ser humano está sempre por se construir, e a convivência com os fatores ambientais e culturais influencia consideravelmente no desenvolvimento da personalidade e da conduta. Através da razão o homem tem o poder de transcender e destacar-se perante aos outros seres vivos.

De acordo com esse ponto de vista, uma pessoa vem a ser o que é por causa dos padrões culturais do seu meio. E, segundo a teoria evolutiva, o homem do futuro será, sem dúvida, diferente do de hoje. De acordo com a visão racionalista, visão clássica do homem, herdada da Filosofia Grega, o que mais distingue o homem dos demais animais é o fato de ele ser um ser racional. Através de sua sabedoria conseguiu transformar o mundo; experimentou, colonizou, civilizou e humanizou o mundo. É possível que a mais valorosa de suas atitudes seja o amor, pois é através dele que fazemos o bem. Talvez o “fazer bem” se realize em contextos diferentes e também é possível que tenha um entendimento diferente; mas para os educadores fazer o bem é ajudar a próximo e toda a comunidade, promovendo a cidadania e construindo o saber.

A escola é juntamente com a família, a instituição social que maiores repercussões tem para a criança. A escola será determinante para o seu desenvolvimento cognitivo e social.

Muitos estudos demonstraram a importância da escolarização para o desenvolvimento cognitivo da criança; a escola modifica os modos de pensamento.

Levando-se em consideração todas as características de um sistema, pode-se concluir que é através de atividades coletivas que se chega ao objetivo, pois não existe educação sem que esta esteja em um sistema da sociedade.

O sistema educacional abrange dimensões maiores que se inter-relacionam com todo o sistema nacional do país, e isto leva a maiores possibilidades, mas, no entanto temos muito a evoluir neste sistema, pois ainda a educação possui dificuldades em todos os níveis. No entanto, não se deve pensar na educação somente em sala de aula, mas também na educação em sentido amplo que funciona principalmente na área social de um país, e que tem sua finalidade voltada aos setores carentes da sociedade.

O processo educativo acontece simultaneamente e de formas variadas, tanto no sentido formal como o informal, e é por isso que esta se faz tão importante na vida, pois sabe-se que sem educação não há nem sequer cidadãos reconhecidos, pois para qualquer atividade realizada na sociedade torna-se necessário o processo educativo, embora saiba-se que as dificuldades existem, mas muito já se tem avançado no processo da educação.

As evoluções tanto nas metodologias, como nas formas de ver e pensar a educação, faz com que a cada dia a sociedade tome consciência de sua importância para a evolução do país tanto no sentido econômico, como no social. Pois embora o poder público a pense de forma quantitativa e não qualitativa, sabemos que esta realidade pode vir a mudar se a sociedade interferir neste processo, exigindo uma educação de qualidade.

A educação é algo imprescindível para o bom andamento da sociedade, pois povo educado tem mais facilidade de compreensão de mundo e consegue exigir seu direito e tem compreensão de seus deveres.

Uma sociedade desenvolvida passa pela educação, e é através dela que um país se desenvolve e evolui na busca de uma melhor qualidade de vida para seus cidadãos, pois a educação atua de forma decisiva na melhoria de vida da população.

Embora todas as dificuldades enfrentadas pela educação atualmente, constata-se que muito se evoluiu neste sentido e que apesar das dificuldades os professores permanecem acreditando na melhoria do processo, e trabalhando na busca da formação de cidadãos críticos e autônomos.

A educação nunca foi tão comentada como atualmente, tanto em seus problemas como em suas vitórias, e com isso deve-se muito agradecer a nosso mestre Paulo Freire que abriu nossa visão sobre os problemas, mas também sobre algumas formas de resolução dos

mesmos, e nos mostrou que muitas vezes não basta somente reclamar dos problemas, mas sim dentro de nossa possibilidade tentar resolver, foi o que ele fez superou suas dificuldades enfrentou repressões e foi à luta, e como resultado nos deixa um legado que é seguido no mundo inteiro deixando um exemplo de cidadania e luta em prol da educação.

O maior legado deixado por Paulo Freire foi o modelo de trabalho com a educação popular que mostrou que outra visão de educação é possível, e que se deve adaptar as metodologias para a realidade, que muito se aprende com as vivências e que a educação precisa ter sentido para que tenha efeito.

No entanto sabe-se que há muito a se fazer para que nossa sociedade evolua no sentido amplo, mas a base passa pela educação e com isso a escola é responsável por uma boa formação, fazendo o que estiver ao seu alcance para que o país venha a evoluir e quem sabe um dia ser modelo mundial no processo educativo, pois há profissionais de qualidade para realizar esta tarefa, o que falta é um empenho por parte do poder público para que isso se concretize.

O Brasil é um país caracterizado por um povo de diversificada cultura, de coragem e luta, e isso faz com que se possa mudar a realidade enfrentada, e isso só acontecerá passando por uma educação de qualidade e em benefício de todos, no entanto precisa-se lutar para que esta educação chegue a todos os cantos e que tenha apoio da sociedade, para que esta possa voltar a acreditar no potencial do processo educativo.

Educar é mais que preparar para a vida é um ato de amor que vai além dos conteúdos trabalhados, portanto os profissionais que trabalham nesta área precisam estar cientes que seu papel vai muito além do trabalho em sala de aula, e que sua missão é transformar vidas auxiliando a família e complementando o que o aluno traz consigo.

A educação é um elo de humanização e precisa ser lembrada sempre, pois é através dela que a sociedade será inclusiva, superando a discriminação com o diferente, e também será livre e crítica com consciência de seus deveres e direitos, sabendo cobrar o que lhe for assegurado por lei.

O processo educativo muito se deve ao trabalho de muitos profissionais que, embora com todas as dificuldades enfrentadas, continuam a lutar por seus ideais e a sonhar com um mundo melhor.

Educar é uma missão e para isso é necessário que se tenha perseverança, e que o professor seja sonhador e lute de forma intensa por dias melhores. Sabe-se que a missão é difícil, mas cada ser humano precisa levar mais a sério o processo educativo, pois as demais profissões são respeitadas na sociedade com certeza passaram por uma sala de aula, e é por

isso que se deve respeitar a escola e todos que trabalham nela, pois só através da educação se chegará a ter uma sociedade melhor, que insira todos os cidadãos e transforme as dificuldades em desafios superáveis.

Quem ama educa já dizia o mestre Paulo Freire e é ao pensar nisso que se precisa lutar sempre em prol da educação, para que a cada dia ela possa superar suas dificuldades e para que a sociedade possa novamente vir a trabalhar de forma conjunta com a escola, na formação de cidadãos críticos, autônomos e com visão de sociedade onde a cooperação esteja presente.

Educar para a vida é isso, é tentar tornar o mundo a cada dia um pouco melhor e ao educar constata-se que ninguém no mundo é tão sonhador quanto o professor, pois a educação só existirá enquanto houver esperança em dias melhores.

O professor é um ser abençoado que busca em sua profissão a cada dia superação, embora saiba-se que muitas vezes por questões “políticas” quem assume a sala de aula não é a pessoa preparada para o cargo. Precisa-se ter esperança de que isso venha a mudar, pois somente com formação adequada e com vocação, é que se conseguirá profissionais comprometidos com uma educação de qualidade que pode transformar o mundo.

CONCLUSÃO

Ao realizar um contraponto entre a base teórica e a visão prática constata-se que o processo educativo é um tema polêmico que está em contato constante com a classe discente e docente do processo escolar, com isso é visível a preocupação de ambos com os rumos do atual processo educativo.

A educação passa por alguns momentos delicados em sua trajetória ao mesmo tempo em que possui inúmeras conquistas, e estas se devem ao processo de ensino - aprendizagem que busca na construção do conhecimento a resposta para uma educação de qualidade.

O processo teórico - prático faz com que ocorra a constatação de que apesar de todas as dificuldades enfrentadas pela educação atualmente, o processo docente ainda continua sua luta em prol de uma educação de qualidade, e que a esperança continua inserida no processo educativo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Rita, Cristina. **Educação popular e a construção de um poder ético.** Disponível em: <www.espacoacademico.com.br>. Acesso em: 12 abr. 2010.

BRASLAWSKI, Cecília. **Dez fatores para uma educação de qualidade para todos no século XXI**. 1. ed. Brasília/DF: Editora Moderna, 2005.

CASSIA, Erica. **O papel social da escola**. Disponível em: <www.recantodasletras.uol.com.br>. Acesso em: 02 abr. 2010.

DEMMO, Pedro. **Sociologia da educação: sociedade e suas oportunidades**. 1. ed. Brasília/DF: Editora Plano Editora, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação, Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. 1ª Edição. São Paulo/SP: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 35. ed. São Paulo/SP: Editora Terra e Paz, 1996.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano, **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. 6. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2001.

PEREIRA, Fabíola Andrade; ANDRADE, Vivian Galdino. **(Re) pensando a educação popular e suas perspectivas diante da construção da escola cidadã**. Disponível em: <www.espacoacademico.com.br>. Acesso em: 15 maio 2010.

SACRISTÁN, J. Gimeno; GOMES, A. L. Peres, **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre/RS: Editora ArtMed, 1998.

O ADOECIMENTO MENTAL EM UM CONTEXTO DE CAPS

Alice Leonardi Pacheco¹
Fabiana Tutida²

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios existem registros da loucura. Michel Foucault (1978), em *História da Loucura*, narra como ao longo do século XV, os barqueiros eram encarregados de levar os loucos para portos distantes, na chamada nau dos loucos. Hoje em dia, sabe-se que essa prática não persiste, ainda que os loucos sejam isolados e, na maioria das vezes, discriminados. No entanto, apesar de haver um movimento antimanicomial no Brasil há 23 anos, os manicômios continuam sendo depositários de doentes mentais.

Este artigo tem o intuito de desmistificar essa ideia ainda predominante de tratar a loucura utilizando apenas a internação e a medicação psiquiátrica, por isso apresenta os serviços substitutivos como uma estratégia de intervenção possível, especialmente na modalidade de terapia de grupo com pacientes portadores de sofrimento psíquico grave.

A PROPOSTA DOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Apesar da política do Ministério da Saúde de diminuição gradual dos leitos psiquiátricos, sabe-se que ainda existem milhares de pessoas internadas em hospitais e clínicas psiquiátricas, o que vem de encontro à proposta dos CAPS, que se constituem como a principal estratégia do processo de reforma psiquiátrica.

“Os CAPS são instituições destinadas a acolher os pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar, apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia, oferecer-lhes atendimento médico e psicológico.” (BRASIL, 2004, p. 09).

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são serviços públicos de saúde mental, destinados a atender indivíduos com transtornos mentais. São chamados serviços substitutivos, pois surgem como uma aposta na substituição das internações em hospitais psiquiátricos, e tem como idEia central tratar a saúde mental de forma adequada, oferecendo

¹ Acadêmica do curso de Psicologia VII semestre pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI - Campus de Santiago - RS. alice.leonardi@hotmail.com

² Professora do curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI - Campus de Santiago - RS, Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica, PUC - Porto Alegre - RS. fabianatutida@hotmail.com

atendimento à população, realizando o acompanhamento clínico, e promovendo a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho e ao lazer, a fim de fortalecer os laços familiares e comunitários.

As práticas realizadas nos CAPS se caracterizam por ocorrerem em ambiente aberto, acolhedor e inserido na cidade, no bairro. Os projetos desses serviços, muitas vezes, ultrapassam a própria estrutura física, em busca da rede de suporte social, potencializadora de suas ações, preocupando-se com o sujeito e sua singularidade, sua história, sua cultura e sua vida cotidiana. (BRASIL, 2004, p. 14).

A luta antimanicomial pretende modificar o sistema de tratamento clínico da doença mental, eliminando gradualmente a internação, entendendo que a mesma é uma forma de exclusão social. Essa proposta de reforma psiquiátrica é um processo político e social complexo, porém necessário, que visa a mudança dos modelos de atenção e gestão nas práticas de saúde mental e aspira a superação da violência asilar.

A reforma psiquiátrica brasileira apresenta-se, assim, como movimento em contínua transformação – através do qual se busca viabilizar a passagem de um modelo de assistência centrado no hospital psiquiátrico para um modelo de atenção comunitário – incidindo sobre campos distintos, mas em relação: cultura, política, gestão, formação, clínica... (PALOMBINI, 2007, p. 31).

TRANSTORNOS MENTAIS GRAVES E SERVIÇOS SUBSTITUTIVOS EM MODALIDADE DE TERAPIA DE GRUPO

Um grupo em um serviço substitutivo pode ser um espaço privilegiado de troca onde os participantes podem “viver experiências afetivas realmente novas, fundantes, que permitam um cerzido (não perfeito) na trama desta subjetividade.” (CARROZZO, 1991, p. 34).

O transtorno bipolar e as psicoses são considerados transtornos mentais graves. Segundo o DSM-IV (1995), a esquizofrenia caracteriza-se por pelo menos dois dos seguintes sintomas, presentes em um espaço significativo de tempo: delírios; alucinações; fala desorganizada; comportamento totalmente desorganizado ou catatônico; sintomas negativos como embotamento afetivo, alogia ou avolição. Então, a aposta dessa experiência no CAPS foi de realizar um grupo terapêutico com pacientes diagnosticados com tais adoecimentos mentais, na tentativa de produzir novos discursos e intervenções através da abordagem em grupoterapia, pois entende-se que o grupo é um espaço de construção de diferentes relações.

DISCUSSÃO ACERCA DAS PRÁTICAS DESENVOLVIDAS

A realização do estágio no CAPS I deu-se no contexto de um grupo terapêutico com pacientes portadores de sofrimento psíquico grave. Éramos três estagiárias de Psicologia que coordenávamos esse grupo; eu era estudante do 6º semestre e as outras duas estagiárias do 8º semestre, mas ambas estávamos realizando o estágio na modalidade extracurricular.

O grupo terapêutico se reunia todas as quintas-feiras, das 9:30 h às 10:30 h, no CAPS, com o objetivo de proporcionar aos pacientes um espaço onde eles tivessem a liberdade de falar sobre o assunto que quisessem sem julgamentos ou moralidades que impedissem a sua fala. Além disso, em um grupo há a possibilidade de aumentar as relações e a expressão.

Primeiramente, o que percebi foi que no grupo, os pacientes têm a possibilidade de SEREM semelhantes e têm uma maleabilidade de colocações, além de fazerem amigos, como eles mesmos afirmavam. A nossa tentativa sempre foi a de ter uma escuta terapêutica, trabalhando a subjetividade dos pacientes, de modo que eles pudessem se sentir à vontade para colocar em palavras tudo aquilo que estavam sentindo e não conseguiam ou não queriam expor para outras pessoas. Quando percebíamos que o paciente estava com dificuldade para se expressar sobre determinado assunto, tentávamos disponibilizar elementos para que ele se manifestasse.

Quando entrei no grupo, que já existia há cinco anos, o mesmo se encontrava em um período muito complicado, de diversas modificações, em que uma estagiária que estava há bastante tempo no grupo havia saído, por ocasião de sua formatura; o grupo teve o seu dia modificado; e, principalmente, porque aconteceu uma brusca diminuição no número de seus pacientes, pelos seguintes motivos: uma paciente faleceu, outros pacientes foram remanejados para atendimento individual e houve, ainda, alguns casos de desistência; devido a isso o grupo ficou pequeno, sendo essa uma reclamação constante dos pacientes, que queixavam-se que o grupo estava vazio e queriam que entrassem mais pacientes para terem mais amigos; então tentávamos trabalhar essa falta a cada semana. A partir disso, uma adversidade se colocou no grupo: éramos três terapeutas para três pacientes, sendo que um dos pacientes ficou mais de três meses sem ir ao CAPS por não haver um meio de transporte para levá-lo. Isso dificultou muito as nossas intervenções, pois em vários encontros do grupo, por haverem mais terapeutas que pacientes, uma de nós, estagiárias, acabava não participando, já que essa questão de haver uma quantidade maior de terapeutas em relação ao número de pacientes possui uma representação muito intensa, especialmente para os pacientes, que por estarem em minoria perante nós, podem se sentir acuados e constrangidos, em “desvantagem”.

Em várias oportunidades propusemos desenhos, pinturas, recortes e colagens, utilizando vários materiais e técnicas dinâmicas, na tentativa de deixar o ambiente mais “leve”, principalmente quando o grupo estava passando por essa fase delicada de sucessivas transições. Outra estratégia que passamos a adotar foi a de não ficar apenas dentro da sala da instituição, mas ir também para a rua, onde há mais espaço de intervenção, por isso, sempre que possível, procurávamos realizar a grupoterapia em uma praça municipal, localizada em

frente ao CAPS. Em determinadas ocasiões, também realizávamos visitas domiciliares, a fim nos aproximarmos mais da realidade de cada paciente e saber mais sobre as suas vivências, incluindo suas famílias no processo terapêutico, já que sabemos que a mesma tem um papel fundamental no acompanhamento do sujeito que possui um sofrimento psíquico. A desconstrução da loucura como doença orgânica também passa por essa esfera familiar e pela reintegração social, porque enquanto a doença mental for abordada dentro de um paradigma puramente psiquiátrico, as famílias irão se sentir cada vez mais excluídas do tratamento, por acreditarem que não sabem e não tem o instrumental necessário para lidar com o adoecimento mental e por existir uma culpa subjacente.

Como o funcionamento do paciente psicótico é peculiarmente diferente do paciente neurótico, pois o paciente neurótico possui amarrações suficientes para suportar quando lhe são suscitadas angústias, enquanto o paciente psicótico pode se desorganizar muito se lhe são tiradas suas “certezas”, evitávamos induzir-lhes ansiedades ou angústias em excesso ou quantidade tóxica, para que esses não se sentissem sem nada, “vazios”.

O psicótico tem certeza absoluta do que fala, por isso na maioria das vezes é preciso evitar tirar a única coisa que ele tem, a sua “certeza”, para não desestruturar o sujeito. Assim, é importante estar disponível para o outro e abrir mão de suas “verdades” e certezas, para poder “entrar” no delírio psicótico.

Muitas vezes precisávamos ser bastante claras em nossas falas, explicando-lhes várias coisas, pois o paciente psicótico possui grande dificuldade para ligar a cultura à linguagem, por isso em certas situações eles não conseguiam compreender uma linguagem metafórica, então tentávamos ter um discurso mais concreto, já que eles faziam uma literalidade da palavra. Lacan (1966 apud CHECCHINATO, 1988) afirmou que existem três registros na subjetividade humana, que seriam: o real, o simbólico e o imaginário. O psicótico corta esse real e dessa forma não há possibilidade de uma comunicação entre o “eu” e o “não-eu”. As palavras, na psicose, não têm mediação, aparecem em uma total materialidade, é tudo ao “pé da letra”, não há cadeia significante, o que há é uma forma absoluta de se lidar com a linguagem, onde a palavra e a coisa são uma só. O discurso psicótico seria “descolado” desse significante, ou seja, o psicótico recebe o significado, porém tem dificuldade em entrar no aspecto simbólico da fala, por isso esse significante fica foracluído.

O significante na psicose se materializa. A dificuldade de simbolizar, encontrada pelo psicótico, faz com que esses significantes apareçam no real, de maneira avassaladora, terrível, deixando o sujeito à deriva, sem separação entre o que é interior e exterior. (SOBRAL, 2008, p. 27).

O termo forclusão foi introduzido por Jacques Lacan, em 1956, para designar um “mecanismo específico da psicose, através do qual se produz a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito”. (PLON, ROUDINESCO, 1998, p. 245). Quando acontece essa rejeição, o significante é foracluído e retorna sob forma alucinatória no real do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscar compreender a lógica do funcionamento na psicose me possibilitou visualizar melhor esse modo subjetivo, construindo novos métodos de ação/intervenção, pois quando analisamos o ser humano em seus aspectos psíquicos, percebemos que apesar de aparentemente diferentes, as pessoas guardam entre si certas relações em seus modos de ser e agir.

A partir dessa vivência, pude entender a importância de permitir que o paciente psicótico se expresse, ouvindo-o, sem censurá-lo, e o quanto é significativo também que o terapeuta seja pró-ativo, investigue e se mostre curioso sobre os discursos do paciente, porque a partir de sua própria fala o paciente tem a possibilidade de simbolizar suas demandas, fazendo uma mediação entre o fato e a representação do fato, podendo assim, passar a olhar o real, a coisa em si. O uso de medicamentos psiquiátricos é importante, visto que busca reduzir a intensidade dos sintomas e corrigir disfunções do sistema nervoso central, o que contribui para que os pacientes aproveitem melhor as psicoterapias, tanto grupais quanto individuais, que passam a ficar centradas em suas próprias temáticas. Entretanto, é necessário que haja um cuidado com o excesso de medicações, pois se as prescrições não obedecerem a certos limites e critérios, podem se tornar demasiadamente invasivas e limitadoras. Penso ser uma prática muito reducionista simplesmente medicá-lo, já que esse paciente, assim como qualquer outro, precisa de um espaço para poder falar livremente, significando e representando suas questões.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Saúde Mental no SUS: Os Centros de Atenção Psicossocial**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CARROZO, Nelson Luiz Magalhães et. al. Campo de criação, campo terapêutico. In: A CASA. Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia. **A rua como espaço clínico: Acompanhamento terapêutico**. São Paulo: Escuta, 1991.

CHECCHINATO, Durval et. al. **A clínica da psicose**. Campinas: Papirus, 1988.

DSM-IV. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Trad. Dayse Batista. 4. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da loucura**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

PALOMBINI, Analice de Lima. **Vertigens de uma psicanálise a céu aberto**: a cidade. Contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SOBRAL, Paula Oliveira. **Psicose e escrita**: a inscrição de um sujeito. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

LAZER E SOCIABILIDADE: FORMAS DE CUIDAR E EDUCAR O CORPO NA VELHICE

Ana Carla Liscoski¹
Maria Simone Vione Schwengber²

INTRODUÇÃO

Hoje o tema envelhecer está presente na contemporaneidade, sobretudo por razões demográficas. Considerando dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 1999 e 2009, a proporção de idosos (60 anos ou mais) no Brasil aumentou de 9,1% para 11,3%, o que representa cerca de 21 milhões de pessoas idosas.

Esse crescimento da população idosa, de certa forma, tem provocado novos olhares para o envelhecimento e estimulado novas maneiras de encarar e viver a velhice. Assim, o envelhecimento, que foi sempre associado a conceitos negativos, ligados à velhice como doença, inatividade, fim da vida, solidão, falta de consciência de si e do mundo, na sociedade contemporânea, ganha uma nova concepção, relacionada a um envelhecimento “ativo e bem-sucedido”, mediante a adoção de investimentos educativos sobre os corpos velhos. Trata-se de investimentos que conferem aos idosos a possibilidade de cuidar e educar o corpo que envelhece, de maneira a amenizar e/ou retardar o processo de envelhecimento. Os cuidados contemplam dieta, prática de exercícios físicos, atividades de lazer e, por que não dizer, o envolvimento em práticas de sociabilidade.

As práticas de lazer para os idosos na contemporaneidade, conforme Ortega (2003), implicam processos de subjetivação na construção das identidades pessoais – as bioidentidades (idosos saudáveis, ativos). Trata-se da formação de um sujeito que se autocontrola, autovigia e autogoverna, assim constituindo um modo de educar o corpo idoso, pois, com as práticas de lazer, os idosos “demonstram sua competência para cuidar de si e construir a sua identidade.” (ORTEGA, 2003, p. 65).

As formas de biosociabilidade, na sociedade contemporânea, parecem constituir uma rede de práticas e saberes que intensificam a educação dos corpos velhos. São saberes que permitem que os idosos combatam os efeitos da decrepitude do tempo e retardem a sua

¹ Acadêmica do 10º semestre do curso de Educação Física da Unijuí e bolsista da Fapergs. E-mail: anacarla.edf@hotmail.com

² Professora do Curso de Educação Física e do Mestrado em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – Unijuí. Participante do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (Geerge), vinculado ao PPG-EDU da UFRGS do grupo *Paidotribus*.

própria finitude, ampliando a ideia de que o sujeito é responsável pela sua vida, pelo seu corpo e por sua saúde.

Messina (2003) destaca que os idosos buscam constantemente uma imagem corporal segundo um modelo de corpo jovem e ativo, com uma temporalidade própria de movimentos rápidos, resistentes ao envelhecimento, o que vem constituindo um novo jeito de ser velho ou, ainda, uma “nova velhice”. O sujeito “deve se manter afastado do envelhecimento através da prática de atividades físicas e mentais, as quais lhe garantam a manutenção de suas capacidades funcionais.” (BARROS, CASTRO, 2002, p. 113).

O novo velho caracteriza-se como um sujeito que cuida de si, que está em busca de sua autonomia, bem-estar, independência. É um ser ativo que proporciona a si mesmo momentos de lazer, que busca manter-se atualizado com as mudanças tecnológicas e sociais e não deixa espaço para grandes dores. Sendo assim, na sociedade contemporânea, “um novo modo de envelhecer é estimulado, procurando demonstrar que é possível ter um envelhecimento adequado e bem-sucedido, através de um novo estilo de vida.” (MAIA, PERURENA, 2008, p. 2).

O envelhecimento bem-sucedido está relacionado, portanto, a uma permanente construção e reconstrução do corpo velho e de suas imagens. É o envelhecimento de homens e mulheres que assumem a responsabilidade por seu corpo, sua imagem e sua saúde, construindo sua identidade de “novos velhos”. Com isso, o corpo velho torna-se visível, sai às ruas, frequenta academias de ginástica, faz dietas, vai a bailes e, conforme Stepansky (1999), coloca-se na vida social como uma categoria afirmativa – de idoso –, e não mais por subtração – o que não é jovem.

Nesse contexto, entendemos que a prática das atividades de lazer na velhice talvez possa constituir-se em um elemento fundamental para os idosos construírem uma nova identidade de velho, de “novo velho”, que cuida do seu corpo e da sua mente, que vive com prazer. Sendo assim, o lazer direcionado às pessoas idosas emerge da ideia de que, na sociedade contemporânea, “os indivíduos são convencidos a assumir a responsabilidade pelo seu envelhecimento e, conseqüentemente, pela sua saúde, pela sua aparência ou pelo seu isolamento.” (RODRIGUES, 2003, p. 1).

O lazer, conforme o sociólogo francês Dumazedier, pode ser entendido como o:

[...] conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se livre de vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 1973 apud CHEMIN, 2003, p. 103).

Em um entendimento alargado do conceito das atividades de lazer, Dumazedier (2000) classifica-as em categorias quanto ao conteúdo: do universo *estético*: feito de imagens, emoções, sentimentos (cinema, TV, igreja); do universo *intelectual*: cognição, informação (busca de conhecimentos, jornais, revistas, acesso à literatura); do universo *físico*: desenvolvido por meio de práticas corporais e esportivas (caminhadas, ginástica, esporte e atividades correlatas, executadas de maneira formal ou informal, em espaços tecnicamente planejados, como pistas, academias, clubes, escolas esportivas); do universo *social*: dos espaços (balada noturna, boate, *pubs*, discotecas); e do universo *turístico*: desenvolvido mediante atividades turísticas (viagens, passeios).

No presente estudo, abordaremos as atividades de lazer que, conforme a classificação de Dumazedier, compõem o universo social dos idosos ijuienses, especialmente considerando que, na velhice, emerge a necessidade de identificação com um grupo de iguais. Segundo Kamkhagi (2008), as perdas evidenciadas com o envelhecimento (amigos falecem; modismos, tecnologias e competências alteram-se ao longo do tempo) fazem com que o idoso se sinta só, mesmo na companhia de outras pessoas, tornando-se necessário reinventar modos de convivência (com outros idosos) que o coloquem em um lugar positivo na sociedade.

Essa necessidade que os idosos manifestam de criar vínculos com outros idosos justifica-se, de acordo com Santos (2009), também porque o homem é um ser social por natureza, estando ligado à existência do outro e manifestando a necessidade vital de complementaridade. As interações sociais, no entanto, não se dão da mesma forma, conforme aponta Simmel (1983); elas surgem com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos. Assim, as relações sociais estabelecidas entre os homens e mulheres configuram formas de sociabilidade que caracterizam os diferentes modos de quem vive em sociedade.

Acreditamos que o conhecimento das formas de sociabilidade entre os idosos nos levará à compreensão dos processos de envelhecimento e da experiência corporal nessa fase da vida, mostrando-nos como diferentes grupos de idosos vivem a experiência do envelhecimento de seus corpos. Diante disso, propomo-nos a investigar os espaços do universo social para a prática de atividades de lazer existentes para os idosos no município de Ijuí, buscando compreender de que modo os idosos e as idosas vivem a experiência do envelhecimento de seus corpos.

O CAMPO DA PESQUISA

Ijuí é um município brasileiro de pequeno porte, localizado no interior do Estado do Rio Grande do Sul (Fig.1). É conhecido como Terra das Culturas Diversificadas, pela mistura

de várias etnias que o compõem. Ijuí é uma cidade que se destaca regionalmente como prestadora de serviços, sobretudo na área da Saúde e Educação, por atender mais de 48 municípios. De acordo com dados do IBGE (2007), Ijuí conta com uma população de aproximadamente 76.739 habitantes. Destes, 10.115 são idosos (pessoas com 60 anos ou mais), o que corresponde a aproximadamente 13,2% da população ijuicense. A população de idosos é composta por 4.310 homens (42,6%) e 5.808 mulheres (57,4%).



Figura 1: Localização de Ijuí no Estado do Rio Grande do Sul

PERCURSO METODOLÓGICO

A presente pesquisa caracteriza-se como exploratória, de campo e de análise quantitativa e qualitativa. Para o desenvolvimento desta pesquisa, inicialmente foi realizado um movimento exploratório com a finalidade de identificar os espaços das práticas de lazer do universo social destinadas aos idosos no município de Ijuí-RS. Tal processo foi iniciado junto a órgãos públicos e também através de conversas informais com idosos frequentadores dos espaços de lazer.

Identificados os espaços, realizamos visitas aos grupos, onde os dados foram coletados através de entrevista aplicada ao coordenador das atividades do grupo, de relatório de observação e de fotografias. Nesse movimento, localizamos 25 espaços de práticas de lazer (Fig. 2) do universo social voltados aos idosos. Destes, 12 se constituem em bailes de “Terceira Idade”, não vinculados a entidades governamentais, 11 grupos são ligados a um projeto da prefeitura municipal e dois grupos são relacionados a entidades privadas. Após a coleta de dados, realizamos a descrição desses espaços e seu posterior mapeamento.

A análise dos dados partiu da leitura dos relatórios das visitas, sobre os quais foram constituídas categorias de análise, apontando para a descrição dos espaços de lazer voltados para os idosos no município de Ijuí e do comportamento dos idosos em cada espaço.

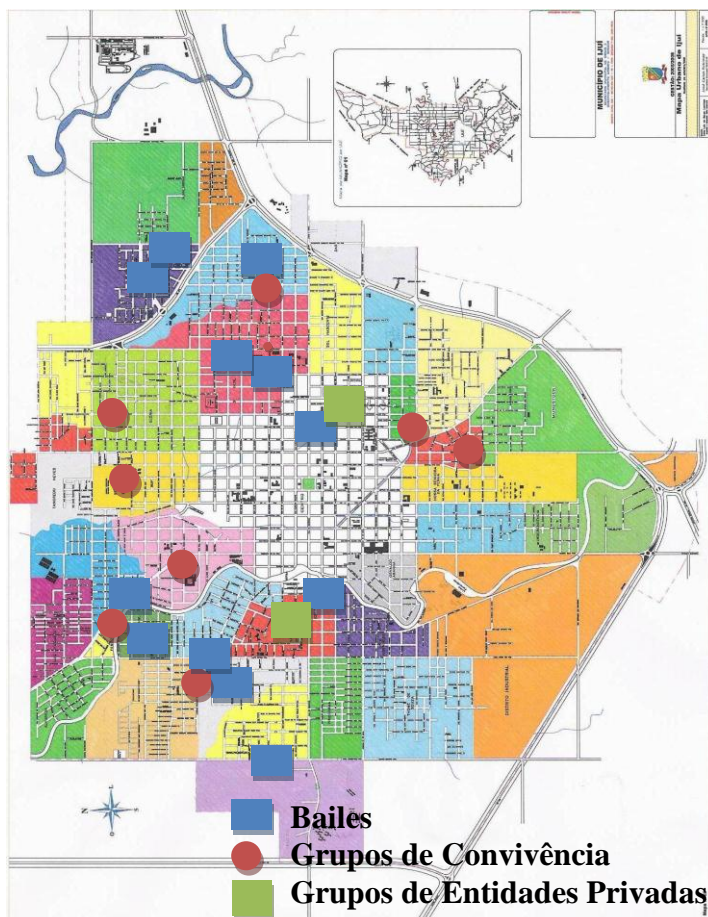


Figura 2: Localização dos espaços de lazer existentes nos bairros de Ijuí

OS ESPAÇOS DE LAZER

O baile foi um dos componentes do universo social das práticas de lazer para idosos que localizamos no município de Ijuí. Visitamos 12 bailes. Estes são, na sua totalidade, independentes, ou seja, não recebem apoio financeiro do poder público, como também não estão vinculados a nenhuma entidade. Sendo assim, para cobrir as despesas (aluguel do salão, músicos, garçons e segurança), é cobrado ingresso dos participantes do baile. O valor do ingresso é, em média, de 3 a 5 reais.

Os bailes acontecem de terça-feira a domingo, iniciando no começo da tarde e terminando ao entrar da noite. A média de participantes varia de 50 a 300 pessoas. Em todos eles, é visível que a maior presença é de mulheres. Geralmente, o ambiente dos bailes apresenta-se da seguinte forma: a banda que anima o baile fica em frente à pista de dança; as

mesas, cobertas por toalhas coloridas, ocupam lugares ao redor da pista. Sobre elas, encontramos sempre uma cerveja, a qual parece constituir-se como uma espécie de combustível para os dançarinos.

Alguns bailes estabelecem normas para a entrada. Nos bailes que visitamos, as regras de conduta que se apresentaram mais evidentes podem ser resumidas em: às mulheres, não é permitida a entrada com vestidos acima do joelho ou muito decotados; aos homens, a entrada é proibida com roupas esportivas, como regatas, bermuda ou chinelo, além do uso de tênis, boné ou chapéu; durante o baile, não é permitido beijar ou “amassar”, conforme informações fornecidas pelos organizadores.

Os grupos de convivência constituem outro componente do universo social das práticas de lazer voltadas para idosos localizadas no município de Ijuí. Com essa caracterização, encontramos 11 grupos de idosos que se localizam em nove bairros e dois distritos (meio rural) do município de Ijuí. Esses grupos estão vinculados ao Projeto Conviver, desenvolvido pelo Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), entidade da prefeitura de Ijuí. Esse projeto visa a atender mulheres idosas, acima de 60 anos, em vulnerabilidade social; para integrarem-se a um grupo, as idosas não podem receber mais de dois salários mínimos.

O Projeto Conviver é coordenado por duas assistentes sociais, responsáveis por promover e acompanhar as atividades do grupo. A contribuição da prefeitura restringe-se ao provimento de materiais para artesanato, distribuídos uma vez por mês, do lanche, que é fornecido em todos os encontros dos grupos, e de uma estagiária de Educação Física, que realiza exercícios de ginástica e alongamento, entre outras atividades, em todos os grupos.

Os grupos reúnem-se em locais designados pela prefeitura, sendo geralmente o salão da igreja ou a sede do bairro. Os encontros acontecem de segunda à sexta-feira à tarde, com início previsto entre 13h30min e 14 horas e término entre 16h30min e 17 horas. Participam desses grupos, em média, de 20 a 38 idosas, sendo todas assíduas. Segundo elas, não comparecem apenas por motivos de doença ou consulta médica. O total de idosas chega a 306.

Os ambientes onde as idosas se reúnem são muito semelhantes. Sentam-se em círculo para que possam olhar-se umas às outras. Nesses grupos, as principais atividades desenvolvidas consistem em fazer ginástica e alongamento, jogar bingo, fazer artesanato, como crochê e tricô, tomar chimarrão, “contar causos” e fazer orações; para finalizar as atividades do dia, fazem o lanche.

Encontramos ainda dois grupos vinculados a entidades privadas, sendo elas o Sesc-Ijuí e a Unijuí. O grupo da Boa Idade da Unijuí está vinculado ao Projeto Integrado para a Terceira Idade (Piti), ligado ao Curso de Educação Física da Unijuí. O grupo é coordenado por um professor do curso de Educação Física, que orienta as atividades desenvolvidas por uma acadêmica bolsista do curso. O grupo também possui uma diretoria própria, que controla as frequências, elabora o calendário anual de atividades e arrecada uma taxa mensal de seus membros para as atividades turísticas ao longo do ano e de férias no litoral. Nesse grupo, são desenvolvidas as seguintes atividades: a) de aptidão física, com ginástica aeróbica e local, musculação, caminhadas e jogos de voleibol, basquetebol e futsal; b) recreativas, com chás, comemoração de aniversários, festa junina e jogos adaptados; c) de turismo, com passeios, excursões, férias no litoral; d) culturais e artísticas, com oficina de dança, palestras e curso de informática; e) de assistência social, fazendo visitas e auxiliando na confecção de artesanatos em entidades, como o Lar da Menina, Lar da Criança, Apae e Sabeve; e f) religiosas, com missas realizadas na capela São Geraldo.

As atividades de ginástica, musculação e esportes são desenvolvidas ao longo da semana, pela manhã e à tarde, quando os integrantes são organizados em turmas, conforme a atividade de seu interesse. Já as demais atividades seguem o cronograma social elaborado pela diretoria do grupo e contam com a participação dos membros das turmas já citadas que assim o desejarem. Participam dessas atividades aproximadamente 150 idosos, sendo 16 homens e 134 mulheres. A maioria é assídua, não comparecendo apenas por motivos de doença.

Já o grupo de convivência Maturidade Ativa está vinculado ao Sesc-Ijuí, que disponibiliza espaço físico, infraestrutura e profissionais para trabalhar com o grupo. É coordenado por uma conselheira, funcionária do Sesc-Ijuí, possuindo também uma diretoria, composta por membros do grupo. O grupo reúne-se todas as quintas-feiras a partir das 14h30min e desenvolve atividades físicas, culturais, educativas, de saúde e lazer, as quais são realizadas de acordo com um cronograma bimestral, sendo que, a cada quinta-feira, é realizado um tipo de atividade.

Aos membros do grupo, ainda é oportunizada a participação na turma de teatro (todas as terças-feiras, das 8 às 11 horas) e na academia de musculação (segunda e quarta-feira, das 8 às 9 horas, e terça e quinta-feira, das 14 às 15 horas). Participam dessas atividades aproximadamente 62 idosos, sócios do clube, sendo a maioria mulheres; existem apenas quatro ou cinco homens associados.

AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE

A partir de nossas “andanças” durante a pesquisa, podemos reafirmar a ideia de que o humano se constitui enquanto ser social, especialmente na velhice. As questões acerca da socialização entre os idosos representam um elemento fundamental para fundar o modo “novo velho” de ser. O que nos parece é que as práticas de lazer trazem de volta a oportunidade de conviver em sociedade.

Consideramos que as práticas de lazer se constituem não somente em uma atividade de lazer “livre de escolha” (REQUIXÁ, 1980) ou “um fenômeno pessoal de prazer, que as pessoas conquistam através de um tempo de não utilidade” (BRAMANTE apud GOERCK, MÜLLER, 2003, p. 141), mas, sobretudo, em um elemento fundamental para o desenvolvimento da personalidade, função atribuída ao lazer por Dumazedier (2000) e exposta nos estudos de Ortega (2000). Com esse entendimento, caracterizamos os grupos de idosos como espaços de lazer/sociabilidade que permitem a constituição de um “novo velho” e, conseqüentemente, configuram um novo modo de viver a velhice.

Segundo Simmel (1983), as atividades somente serão fatores de sociabilidade quando transformarem indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para o outro. Assim, neste estudo, percebemos que o que mais motiva os idosos para participar dos grupos são as relações de amizade que ali se estabelecem. Tais relações de amizade constituem-se no elemento-chave para a sociabilidade nos grupos de idosos.

Para as idosas, apesar das limitações impostas pelo envelhecimento, os grupos de convivência representam uma oportunidade de estarem entre iguais e manterem-se ativas, seja pelas atividades propostas pela estagiária de Educação Física, pela simples memorização do número de pontos do crochê ou do tricô, pela troca de saberes sobre os artesanatos ou simplesmente pela conversa na roda de chimarrão. Observamos que a sociabilidade nesses grupos se baseia no prazer da conversa, na troca de afetos, na convivência, na alegria de viver.

Considerando que o viver é norteado pela busca da felicidade, supomos que a alegria – e todos os afetos dela derivados – se constitui num elemento que leva ao aumento da vontade de viver e de existir dos idosos. Esse desejo que percebemos derivar da convivência é o que impulsiona os idosos a buscarem esse ambiente de sociabilidade, pois o contato com iguais deixa-os alegres e motivados, principalmente para cuidarem de si, do corpo, da aparência.

Além disso, o grupo pode representar uma fuga dos problemas da vida, o que também é permitido nas relações de sociabilidade. De acordo com Simmel (1983), a sociabilidade não

poderia oferecer nenhum lado de libertação, alívio ou serenidade se não fosse realmente nada mais além da fuga da vida ou de suspensão meramente momentânea de sua serenidade.

Além da convivência, aos bailes estão atrelados a outros elementos que dizem respeito à educação do corpo velho, já que nesse espaço os vínculos sociais são estabelecidos por pessoas de diferentes faixas etárias e diferentes camadas sociais. Os bailes possibilitam aos idosos uma oportunidade para exibir não somente o corpo, mas também suas emoções, seu estado de atividade, como quem dissesse: “eu não sou velho porque eu sou ativo”, tendo a certeza de que serão admirados pelos olhares dos outros idosos, o que, de certa forma, maquia o lado depreciativo da velhice. Com isso, podemos dizer que o baile se caracteriza como um encontro potencializador que traz alegrias, revigora, dá um novo sentido à vida e ao corpo do idoso.

Outro elemento que merece destaque relaciona-se com os comportamentos diferenciados de velhos e velhas no baile, atravessando uma questão de gênero e traduzindo de forma simplificada as diferentes maneiras como homens e mulheres encaram o envelhecimento de seus corpos. Enquanto os homens parecem atuar como figurantes no baile, recolhidos num canto, bebendo e olhando o baile passar, os corpos das mulheres ganham visibilidade, pois estas buscam exibi-los durante a dança, por meio de sua produção e de seu comportamento. No baile, as mulheres fundaram uma possibilidade de valorização do próprio corpo e de sua condição feminina na velhice. Assim, o baile constitui-se no espaço essencial para positivar e/ou ressignificar os corpos velhos, sobretudo os femininos, pois desafiam a sua invisibilidade.

De acordo com Alves (2004), o baile potencializa certa feminilidade e mostra o lado “faceiro” dessas mulheres, a identidade de uma mulher que atravessa primordialmente a produção (roupas, acessórios, maquiagem) e a *performance* corporal. Conforme Siqueira (2009), a valorização do corpo pela construção da aparência está no cuidado com o modo de apresentar-se para o outro, no desejo de ser admirado, enquanto a *performance* é valorizada pela demonstração da habilidade do corpo para executar os movimentos da dança. Tanto a produção quanto a *performance* promovem a visibilidade dos corpos, assim como propiciam uma valorização da autoestima com relação ao próprio corpo.

Além disso, o baile, pelo encontro e contato com os sexos, oferece a oportunidade do exercício da sedução. Diante disso, entendemos que a escolha pelo baile como espaço de lazer pelos idosos pode estar ligada a desejos e emoções. Nesse ambiente de sociabilidade, estão presentes os olhares, as músicas (que fazem emergir sentimentos diversos) e o enlaçamento

dos corpos na dança a dois. Dessa forma, o baile representa mais do que um espaço de convívio social, sendo também um lugar de encontros amorosos.

Os bailes, talvez mais do que outras formas de sociabilidade entre idosos, permitem a positividade do corpo velho, seja pela *performance* exibida por meio da dança, o que significa o corpo como símbolo da imagem de um/a vencedor/a, que supera constantemente as limitações biológicas decorrentes do envelhecimento, seja pela oportunidade de exercício da sedução, que reafirma aos idosos que o envelhecimento não lhes tira a capacidade de amar, de sentir prazer, de viver intensamente a velhice.

Monteiro (2005) destaca que, por meio das relações estabelecidas nos grupos, é permitido aos idosos continuar agregando significados à construção de suas identidades corporais, fundamentalmente porque descobrimos o nosso corpo pela observação dos corpos dos outros, como também, em grande parte, mediante observações dos outros a respeito do nosso próprio corpo.

Os grupos de idosos, portanto, conforme Ortega (2003), implicam processos de subjetivação na construção das identidades pessoais – as biodividades –, que, nesse caso, se caracterizam como idosos saudáveis e ativos. O resultado é a constituição de um indivíduo responsável que orienta as suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e que mantém seu corpo ativo para curtir o que de melhor essa “nova fase da vida” oferece.

A frequência nos grupos, contudo, não nos parece apenas um motivo para os idosos saírem de casa, mas também um modo de favorecer os cuidados com a saúde, a imagem corporal e a convivência com amigos. Eles se sentem bem ali, e a sua presença chega a ser quase um compromisso consigo mesmos. Sendo assim, a participação dos idosos nos grupos parece ser importante na construção do modo de viver e ser desses “novos-velhos”, enquanto a sociabilidade constituída nesse espaço de lazer é um elemento facilitador da construção dessa identidade, permitindo estruturar novos sentidos e possibilidades para o “envelhecer”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados, neste momento, apontam para os espaços de lazer como ambientes onde se constituem diferentes formas de sociabilidade e, por consequência, se configuram distintos modos de envelhecimento dos idosos ijuienses. O entendimento das formas de sociabilidade constituídas entre os idosos leva-nos à compreensão dos processos de envelhecimento e da imagem corporal nessa fase da vida, dizendo-nos sobre o modo como diferentes grupos de idosos vivem a experiência do envelhecimento de seus corpos.

O que observamos, no entanto, é que a forma de sociabilidade depende da identificação e da predisposição de cada indivíduo, sendo da natureza humana a necessidade de estar e participar de um grupo social. Dessa forma, independentemente das atividades que os idosos realizam (o baile, o exercício físico ou grupo de convivência), o importante é estar ativo e estar com o outro.

As relações de sociabilidade estabelecidas entre idosos nos espaços das práticas de lazer do universo social no município de Ijuí podem, ainda, ser ressignificadas como práticas de saúde, considerando-se que nesses espaços os idosos buscam muito mais do que ocupar o tempo, livres das obrigações familiares e religiosas. Eles procuram preencher o vazio da inatividade no encontro com seus pares e nos relacionamentos amorosos, pela companhia e pelo namoro.

REFERÊNCIAS

ALVES, Andréa Moraes. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BARROS, Regina Duarte Benevides de; CASTRO, Adriana Miranda de. Terceira idade: o discurso de *experts* e produção do “novo velho”. In: ESTUDOS Interdisciplinares do Envelhecimento, Porto Alegre, 2002. v. 4.

CHEMIN, Beatris Francisca. O lazer como produto do trabalho. In: MÜLLER, Ademir; DACOSTA, Lamartine Pereira. **Lazer e trabalho**: um único ou múltiplos olhares. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003. p. 83-115.

DUMAZEDIER, Jofre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: cursos do College de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

IBGE – Agência Ijuí. **Dados população de Ijuí**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <agijui@ibge.gov.br>. Acesso em: 26 jul. 2010.

KAMKHAGI, Dorli. **Psicanálise e velhice**: sobre a clínica de envelhecer. São Paulo: Via Lettera, 2008.

MAIA, Gabriela Felten da; PERURENA, Fátima Cristina Vieira. **Corpo, velhice e saúde**: formas de viver e ser na velhice. Florianópolis; 2008. Disponível em: <www.fazendogenero.ufsc.br/sts/st47/maia-perurena-47.pdf>. Acesso em: 16 set. 2009.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MESSINA, Mônica. **Dimensões do envelhecer na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: 2003. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/mundial_rj>. Acesso em: 30 set. 2009.

ORTEGA, Francisco. **Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades**. Rio de Janeiro, 2003, p. 59-77. (Cadernos de Saúde Coletiva).

ORTEGA, G. Uribe. Identidade cultural, território e lazer. In: LAZER em uma sociedade globalizada. São Paulo: SESC; World Leisure, 2000, p. 165-177.

RODRIGUES, Minéia Carvalho. As novas imagens do idoso veiculadas pela mídia: transformando o envelhecimento em um novo mercado de consumo. **Revista da UFG**, v. 5, n. 2, dez. 2003 (on-line).

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de Si? A Educação dos corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos**. Tese (Doutorado em Educação)– Programa de Pós-Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2006.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de Sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 34).

SIQUEIRA, Monalisa Dias. Sociabilidade e envelhecimento feminino nos bailes de dança de salão em Fortaleza. **Revista Iluminuras** - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH e ILEA/UFRGS, v. 10, n. 24, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/issue/view/908>>. Acesso em: 30 abr. 2010.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros. A natureza do vínculo na vida humana. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: Edufsc, v. 43, n. 1, p. 181-199, abr. 2009.

STEPANSKY, Daizy. Velhice, imaginário e cidadania. In: VILHAÇA, Vilhaça (Org.). **Que corpo é esse?** Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

LEVANTAMENTO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (LICENCIATURAS) DE QUÍMICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL FRENTE ÀS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Marcelo Prado Amaral Rosa¹
Francisco Catelli²
Eliane Maria Balcevicz Grotto³

INTRODUÇÃO

As transformações sociais que ocorrem na contemporaneidade, em um planeta conectado por cabos de fibras óticas, computadores e redes virtuais, vão além da troca das tecnologias de informação e comunicação. Assim, se o cenário do século XX apontava para a produção industrial de bens de consumo, o cenário montado pela sociedade do conhecimento⁴ para o século XXI é o da informação. De tal forma, as TICs⁵ desempenham papel central na sociedade e por consequência na educação. Frente à realidade da não possibilidade de retrocesso frente à tecnologia em voga, cabe às instituições de ensino de todos os níveis, integrar-se às novas práticas e novas possibilidades gerados pela utilização dos recursos tecnológicos (DOWBOR, 2001; GUARESCHI, BRANDÃO, 2006).

No momento, a intenção do estudo, é quantificar e mapear os cursos de formação de professores (licenciaturas) de Química do estado do Rio Grande do Sul, com a finalidade de evidenciar a presença da tecnologia como disciplina no currículo dos cursos de Química.

No decorrer desta leitura será tratada a formação inicial docente em relação à tecnologia voltada ao ensino, sendo que nesta “conversa” (MARQUES, 2006) sobre o ensino de Química mediada pelas tecnologias digitais, é trazida de forma generalista a figura docente

¹ Graduado em Licenciatura em Química pela URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, *campus* de Frederico Westphalen. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS – Universidade de Caxias do Sul/RS. marcelo.pradorosa@yahoo.com.br

² Doutor em Educação pela Université Laval, CAN. Professor do Programa de Mestrado em Educação da UCS – Universidade de Caxias do Sul/RS.

³ Mestre em Educação pela UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. Professora da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, *campus* de Frederico Westphalen/RS.

⁴ Sobre conhecimento adotamos aqui a hierarquia feita por Dowbor (2001): elementos fragmentados constituem *dados*, os dados organizados constituem *informação*, a informação elaborada pelo sujeito que a utiliza, na interação com a realidade, se transforma em *conhecimento*. Uma relação harmoniosa de conhecimento, ação e valores poderia significar *sabedoria*.

⁵ Inicialmente se utilizava TI – Tecnologia da Informação, para designar de forma geral as transformações relacionadas ao avanço informático. Com o avanço tecnológico crescente das comunicações, passou-se a utilizar TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação ou ainda a sigla TCI. Pierre Lévy prefere utilizar o termo Tecnologias da Inteligência.

relacionada com um olhar focal à figura específica do professor de Química. Ainda, posteriormente às reflexões acerca da figura docente, é descrito o método empregado na coleta de dados, seguido das quantificações e mapeamentos dos municípios que desfrutam em suas delimitações geográficas de IES – Instituições de Ensino Superior, que ofertam para população a graduação de Licenciatura em Química. E para finalizar, apresentaremos algumas considerações sobre a temática com vistas aos resultados levantados.

FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE QUÍMICA E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

No ambiente escolar, o uso dos recursos informáticos estão presentes em todas as áreas do conhecimento, devido ao fato da tecnologia adaptar-se mais rapidamente às necessidades da população em relação às instituições de ensino que sentem dificuldades em superar modelos pedagógicos que já não satisfazem às necessidades da realidade (DOWBOR, 2001). No ensino de Química não é diferente, pois, mesmo com a literatura especializada da área, tem sua base no paradigma educacional da racionalidade técnica. Este modelo é questionado devido à simplificação do raciocínio em que opera, pois os saberes docentes não são questionados e, geralmente, é um conhecimento universal que está posto (MONTEIRO, 2001). De acordo com Dowbor (2001, p. 13) “já não basta hoje trabalhar com propostas de modernização da educação. Trata-se de repensar a dinâmica do conhecimento no seu sentido mais amplo, e as novas funções do educador como mediador deste processo.”

Diante da realidade apresentada acima e da complexidade de assuntos que norteiam a inserção tecnológica da escola, como instituição social, torna-se fundamental questionar a postura dos cursos de formação de professores. Em específico a formação de professores de Química do estado do Rio Grande do Sul, faz suscitar interrogativas como: de que forma é abordada a informática na educação nos cursos de formação de professores de Química? Quais e quantas são as disciplinas que abordam conteúdos de cunho tecnológico voltados ao ensino? Qual é o panorama do estado do Rio Grande do Sul no curso de licenciatura de Química frente ao avanço da tecnologia no ensino de conceitos químicos? Os conteúdos relacionados à informática vêm sendo abordados pelo viés puramente técnico ou revelam uma abordagem pedagógica da informática no processo educacional?

Evidenciar a situação atual dos cursos de formação inicial de professores de Química é de extrema relevância. De acordo com Guareschi e Brandão (2006) o fato do despreparo dos professores perante a informática pedagógica na escola pode ser atribuído à sua formação acadêmica, devido ao abismo entre o emprego técnico e pedagógico, quando são presentes

tópicos informáticos na formação. A distância existente entre tecnologias na educação e os docentes da rede pública foi evidenciado por Rosa e Grotto (2008, 2009) na região noroeste do estado do Rio Grande do Sul.

De acordo com Ripper *apud* Grotto (2004, p. 70), “é necessário preparar o professor para assumir uma nova responsabilidade como mediador de um processo de aquisição de conhecimentos [...]”. Acordando com Flôres e Vicari (2005, não paginado), “com o uso do computador, o professor faz com que seu aluno alcance maior autonomia [...] utilizando-se das ferramentas da Informática”. Neste sentido, a formação inicial é fundamental para o docente construir conhecimento sobre as tecnologias digitais e entender como integrá-las em sua prática pedagógica, assumindo assim a responsabilidade por sua aprendizagem (DUFFY, JONASSEM in GROTTTO, TERRAZZAN, 2003).

A atividade docente constitui-se basicamente na relação dos professores com seus saberes, sendo isso, fundamental para a formação da identidade profissional. Assim, a formação docente para atuar com tecnologia, de acordo com Guareschi e Brandão (2006, p. 32) “implica novas formas de se fazer educação e, por conseguinte, requer novas estratégias na formação de quem faz educação”.

A relevância dos estudos sobre a imersão da tecnologia digital na formação inicial de professores é o fato de que os computadores estão chegando às escolas¹⁶. Evidenciando-se o compromisso das universidades em abordar a tecnologia de forma técnica e, sobretudo, pedagógica nos cursos de licenciaturas, visando formar pessoal capacitado para o trabalho com a nova realidade educacional brasileira, a qual evidencia cada vez mais a presença corriqueira dos recursos informáticos na educação em todos os níveis.

Outrossim, independentemente da forma como seja abordada a questão pedagógica da tecnologia na educação nos cursos de formação de professores, o que não nos podemos permitir, como orientadores de gerações futuras, é não termos um conhecimento competente da tecnologia, pois de acordo com Meleiro e Giordan (1999, p. 18), ao analisarem a importância do computador nas escolas, enfatizam que “o analfabeto não é só aquele que não domina a leitura, a escrita e a oralidade (analfabetismo tradicional), mas também aquele que não detém os códigos que lhe permitam [...] a utilização de recursos informáticos.”

¹⁶ Nas escolas privadas com maior incidência devido a situação econômica diferenciada e pressão familiar. Nas escolas públicas através de iniciativas governamentais como o Proinfo – Programa Nacional de Informática na Educação, projetos de parcerias entre estados, municípios e comunidade e mais recentemente o projeto UCS – Um Computador por Aluno.

METODOLOGIA

A pesquisa insere-se numa abordagem qualitativa/quantitativa. Os instrumentos de coleta de dados constituem-se de análise de documentos (LÜDKE, ANDRÉ, 1986), disponibilizados na rede mundial de computadores (*home pages* das IES) que orientam a organização e o planejamento dos cursos de formação de professores (licenciaturas) de Química; informações referentes ao número de cursos de Licenciatura em Química em funcionamento no estado do Rio Grande do Sul; questão de inserção da tecnologia nos currículos dos referentes cursos de formação de professores. Para o mapeamento foram utilizados dados geográficos do triênio 2008, 2009⁷ e 2010. A amostragem de análise foram todas as Instituições de Ensino Superior do estado do RS, tanto da rede pública quanto da rede privada, com oferta de curso de graduação de Licenciatura em Química. Para o mapeamento da localização geográfica em que se encontram os cursos de Licenciatura em Química utilizou-se como referência, a divisão geopolítica regional do estado do RS (ANEXO A).

CENÁRIO GEOGRÁFICO DA FORMAÇÃO DOCENTE EM QUÍMICA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Os resultados da coleta de dados a respeito da quantificação e mapeamento dos cursos de Licenciatura em Química do RS nos mostram que, de acordo com o último censo da educação superior realizado pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, no estado do Rio Grande do Sul havia 99 IES – Instituições de Ensino Superior no ano de 2008. Deste total, 11 IES apresentaram a graduação de Licenciatura em Química, sendo a região do noroeste rio-grandense (ANEXO A) a que apresentou o maior número de IES formadoras de profissionais da área educacional voltada à disciplina de Química. Estes números revelam um percentual de 11,11% das IES gaúchas⁸ como formadoras de professores de Química.

O quadro 1 explicita a distribuição evidenciada no ano de 2008, das IES formadoras de professores de Química no estado do Rio Grande do Sul.

⁷ Dados referentes ao ano de 2009 ainda não foram publicados, sendo que a previsão é para setembro de 2010. Além disso, a atual base de dados do e-mec não permite resgatar informações de anos passados. Estes fatores deixam uma lacuna em aberto neste trabalho, que será preenchida no segundo semestre deste ano.

⁸ A distribuição geográfica dos municípios que se localizam as IES formadoras de professores de Química no RS no ano de 2008 é apresentada no Anexo B.

Quadro 1: Cursos de Licenciatura em Química no estado do Rio Grande do Sul no ano de 2008.

REGIÃO		NÚMERO DE MUNICÍPIOS	MUNICÍPIOS	INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR
A	Sudeste Rio – Grandense	2	1. Rio Grande 2. Capão do Leão	1. FURG – Fundação Universidade Federal de Rio Grande. 2. UFPEL – Universidade Federal de Pelotas.
B	Sudoeste Rio-Grandense	---	---	---
C	Centro Ocidental Rio-Grandense	1	1. Santa Maria	1. UFSM – Universidade Federal de Santa Maria.
D	Centro Oriental Rio-Grandense	---	---	---
E	Metropolitana de Porto Alegre	2	1. Porto Alegre 2. Canoas	1ª. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1B. PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2. ULBRA – Universidade Luterana do Brasil.
F	Nordeste Rio-Grandense	1	1. Caxias do Sul	1. UCS – Universidade de Caxias do Sul.
G	Noroeste Rio-Grandense	6	1. Frederico Westphalen 2. Erechim 3. Santo Ângelo 4. Cruz Alta 5. Ijuí 6. Passo Fundo	1. URI – Universidade Regional Integrada do Alto Médio Uruguai e das Missões. 2. URI – Universidade Regional Integrada do Alto Médio Uruguai e das Missões. 3. URI – Universidade Regional Integrada do Alto Médio Uruguai e das Missões. 4. UNICRUZ – Universidade de Cruz Alta. 5. UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. 6. UPF – Universidade de Passo Fundo.

FONTE: Disponível em: <www.portal.mec.gov.br>. Acesso em: 13 out. 2008.

Analisando o quadro 1, é possível verificar que a região de maior concentração de IES formadoras de docentes de química é a região noroeste rio-grandense com seis municípios formando docentes. Evidencia-se é o fato da URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões se destacar sendo a instituição de maior abrangência na formação de docentes da área química do Rio Grande do Sul. E por fim, percebe-se a concorrência entre as IES (todas privadas) na região G do estado em detrimento de regiões (B e D) não ofertarem a referida graduação.

Referente ao ano de 2010, com a base de dados digital do MEC (e-mec) é possível colher dados referentes à região sul do Brasil demonstram que o estado do RS é o maior formador de professores de Química com 15 IES, conforme tabela 1.

Tabela 1: Número total e porcentagem dos cursos de formação de professores (licenciaturas) de química na região Sul do Brasil⁹.

Estados da região Sul/BRA	Total de Cursos Superiores	Total de instituições com graduação de Química (%)
Rio Grande do Sul (RS)	299	15 (5.01)
Santa Catarina (SC)	271	03 (1.10)
Paraná (PR)	304	14 (4.60)

Fonte: Base de dados digital do MEC (e-mec).

Em relação ao ano de 2008, o ano de 2010 apresenta um aumento no número de IES com a graduação em Química, aumentando também o número de municípios¹⁰ beneficiados com a graduação em questão, conforme o quadro 2.

Quadro 2: Cursos de Licenciatura em Química no estado do Rio Grande do Sul no ano de 2010.

REGIÕES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL		NÚMERO DE MUNICÍPIOS	MUNICÍPIOS	IES – INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR
A	Sudeste Rio – Grandense	2	1. Rio Grande 2. Capão do Leão	1. FURG – Fundação Universidade Federal de Rio Grande. 2. UFPEL – Universidade Federal de Pelotas.
B	Sudoeste Rio-Grandense	2	1. Alegrete 2. Bagé	1. IFET – Instituto Federal Farroupilha 2. UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa
C	Centro Ocidental Rio-Grandense	1	1. Santa Maria	1. UFSM – Universidade Federal de Santa Maria. 2. UNIFRA – Centro Franciscano Universitário
D	Centro Oriental Rio-Grandense	1	1. Santa Cruz do Sul	1. UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul.
E	Metropolitana de Porto Alegre	2	1. Porto Alegre 2. Canoas	1ª. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1B. PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2. UNILASALLE – Centro Universitário La Salle.
REGIÕES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL		NÚMERO DE MUNICÍPIOS	MUNICÍPIOS	IES – INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR
F	Nordeste Rio-Grandense	1	1. Caxias do Sul	1. UCS – Universidade de Caxias do Sul.
G	Noroeste Rio-Grandense	6	1. Frederico Westphalen 2. Erechim 3. Santo Ângelo 4. Cruz Alta 5. Ijuí 6. Passo Fundo	1. URI – Universidade Regional Integrada do Alto Médio Uruguai e das Missões. 2. URI – Universidade Regional Integrada do Alto Médio Uruguai e das Missões. 3. URI – Universidade Regional Integrada do Alto Médio Uruguai e das

⁹ Não existe graduação em Licenciatura em Química na modalidade a distância, portanto os dados são relativos apenas aos cursos presenciais.

¹⁰ A distribuição geográfica dos municípios que se localizam as IES formadoras de professores de Química no RS no ano de 2010 é apresentada no Anexo C.

				Missões. 4. UNICRUZ – Universidade de Cruz Alta. 5. UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. 6. UPF – Universidade de Passo Fundo.
--	--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

FONTE: Base de dados digital do MEC (e-mec).

Analisando o quadro 2, é possível verificar que a região de maior concentração de IES formadoras de docentes de química ainda é a região noroeste rio-grandense com os mesmos seis municípios formadores de docentes na área em questão. Evidencia-se ainda que a URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões continua sendo a instituição de maior abrangência no RS quando o assunto é formação de professores de Química. E por fim, percebe-se que as regiões B e D que em 2008 não apresentavam registro de oferta da graduação de licenciatura em química, em 2010 passam a ofertar a população o referido curso superior.

Com relação à tecnologia, em trabalho publicado na *Química Nova*, Ferreira (1998) comprova a popularidade dos recursos tecnológicos, mediados pelo computador, entre os químicos devido ao número vasto de possibilidades de troca de informações, demonstrando com isso que a Química está bem disseminada e incorporada na rede mundial de computadores, podendo assim dar suporte ao estudante e ao professor. Ainda, neste mesmo trabalho, é feita uma pesquisa nas bases de dados do MEDLINE¹¹ (dez/97) na palavra chave “*Internet Education*”, indicando 565 citações de trabalhos publicados nos últimos quatro anos. A busca pela palavra chave “*Internet Education*” na base de dados MEDLINE (mai/97-10) indica 8.250 citações, ou seja, um crescimento de produção relacionado ao uso dos recursos informáticos de 1.460%. Já quando a pesquisa se restringe aos sites de busca Google e Yahoo (em português) usando na palavra chave “*tecnologia no ensino de química*”, obtiveram-se, respectivamente: 4619 citações. Estas buscas permitem mostrar, mesmo que de forma superficial, o quanto as ferramentas tecnológicas estão presentes na educação, trazendo inúmeras possibilidades de pesquisas, mesmo quando o assunto buscado seja específico.

Ainda, a presença da tecnologia pode ser percebida na formação inicial dos professores, através das grades curriculares. Assim, o levantamento quantitativo da presença de disciplinas que apresentam alguma relação com as palavras: *tecnologia e/ou informática* foi realizada nos currículos das licenciaturas em Química das IES gaúchas, revelando que das

¹¹ Base de dados MEDLINE: <http://www.ncbi.nlm.gov/pubmed>.

15 instituições que apresentam a referida graduação, 20% não apresentou relação com as palavras *tecnologia* e/ou *informática* nas disciplinas regulares das grades curriculares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação inicial de professores mostra-se como o caminho possível para incorporar a aplicação dos recursos tecnológicos na educação. Assim, a partir dos resultados coletados, é possível efetuar algumas considerações sobre a incorporação das tecnologias digitais no ensino de química:

O estado do Rio Grande do Sul apresentou um crescimento no último triênio em relação ao número de IES formadoras de professores de Química, destacando-se como o maior formador de docentes da área na região Sul do Brasil. A distribuição geográfica dos cursos de formação pode ser caracterizada como homogênea, com a expansão evidenciada no ano de 2010 do referidos cursos de graduação;

Em relação à presença de disciplinas de cunho tecnológico na grade curricular dos cursos de formação de professores de química, é possível atestar dois momentos distintos: i) disciplinas tecnológicas (técnicas) na primeira metade dos cursos; e ii) disciplinas tecnológicas (pedagógicas) na segunda metade dos cursos (normalmente uma disciplina) em aproximadamente 60% das graduações do estado, o que demonstra que a permanência de espaços e tempos fragmentados e instrumentalizadores é uma realidade que persiste na formação de professores;

Concordamos que o professor é representante do conhecimento por atribuição, mas o que não podemos aceitar é que a formação do professor desloque-se do plano do entendimento da tecnologia e da educação para uma preparação academicista, sem preocupações mais profundas com as questões ligadas ao entendimento e à compreensão da tecnologia, ou seja, o contexto atual da era planetária e digital. Por esse viés, entendemos que a formação de professores de Química necessita, além de conhecimentos técnicos e pedagógicos, uma formação crítica em relação aos recursos tecnológicos da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

DOWBOR, L. **Tecnologias do conhecimento**: os desafios da educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FERREIRA, V. F. As tecnologias interativas no ensino. **Química Nova**, v. 21, n. 6, 1998, p. 780-786.

FLÔRES, M. L. P.; VICARI, R. M. Inteligência artificial e o ensino com computador. **CINTED – UFRGS**, v. 3, n. 1, maio 2005.

GROTTO, E. M. B. **Práticas docentes com o uso de ambientes baseados em websites**: uma possibilidade de ensino. Santa Maria, 2004, 137f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Santa Maria.

GROTTO, E. M. B.; ROSA, M. P. A. Ensino de química: uma proposta metodológica mediada pela TICs. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v. 9, p. 79-97, 2008.

GROTTO, E. M. B. ; ROSA, M. P. A. A informática como estratégia didática no ensino de química. In: SUDBRACK, Edite Maria; GROTTO, Eliane Maria Balcevicz (Org.). **Políticas de formação docente**: vivência emancipatória. Frederico Westphalen: URI, 2009, p. 53-71.

GROTTO, E. M. B.; TERRAZZAN, E. A. Prática docente: concepções sobre o uso de ambientes educacionais baseados na Web. **CINTED – UFRGS**, v. 1, n. 2, set. 2003.

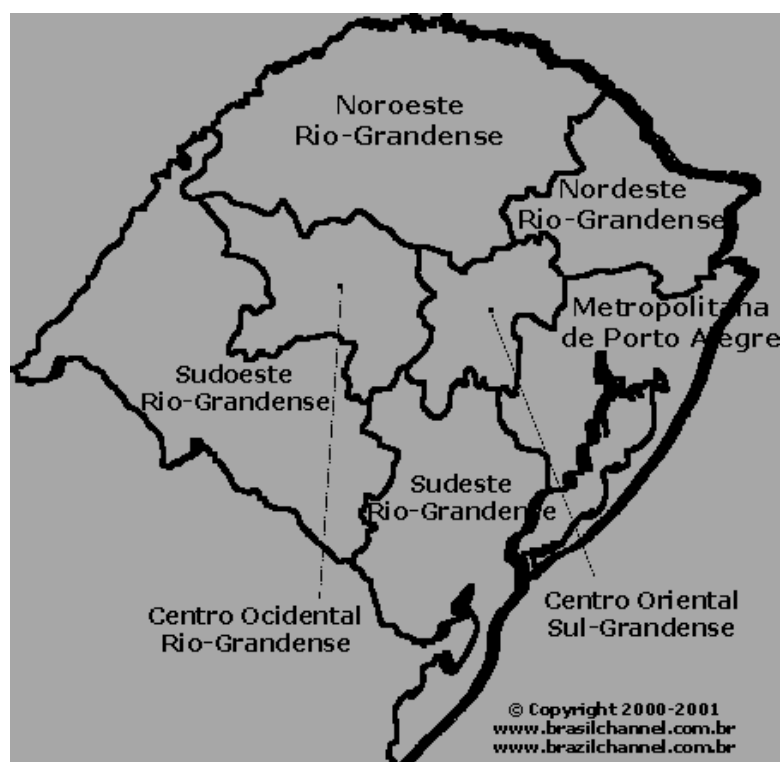
GUARESCHI, A. P. D.; BRANDÃO, E. J. R. Formação docente para atuar com a informática educativa: análise dos cursos de licenciatura do Instituto de Ciências Exatas e Geociências da Universidade de Passo Fundo. In: TEIXEIRA, A. C.; BRANDÃO, E. J. R.; **Tecendo caminhos em informática na educação**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2006. 223p.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5. ed. rev. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2006, 154p.

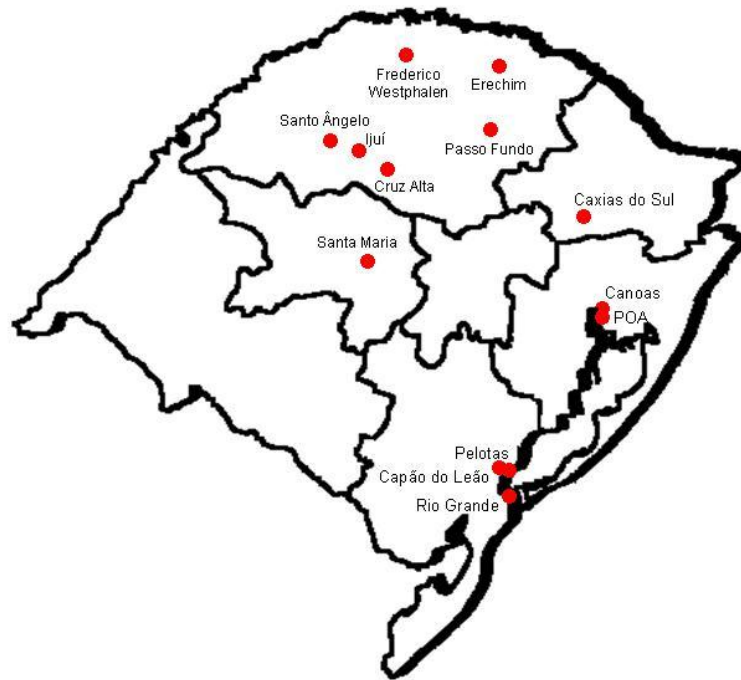
MONTEIRO, A. M. F. C. Professores entre saberes e práticas. **Educação & Sociedade**, v. 22, n. 74, p.121-142, abr. 2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo/BRA: EPU, 1986.

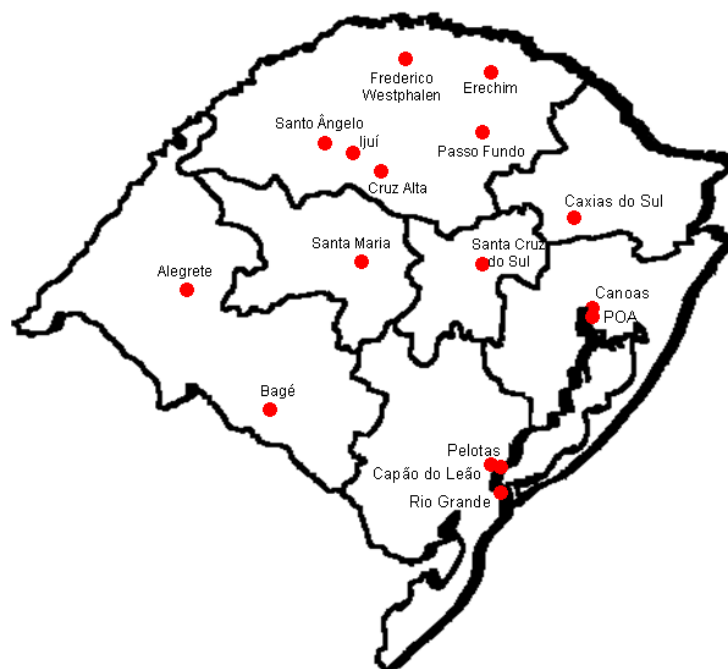
ANEXO A – Divisões regionais do estado do Rio Grande do Sul.



ANEXO B – Distribuição geográfica dos municípios onde se localizam as IES formadoras de professores de química do estado do Rio Grande do Sul no ano de 2008.



ANEXO C – Distribuição geográfica dos municípios onde se localizam as IES formadoras de professores de química do estado do Rio Grande do Sul no ano de 2010.



REAL X IDEAL: ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA REDE DE ATENÇÃO EM SAÚDE MENTAL DE UM MUNICÍPIO¹

Cátia Dalla Valle²
Geisa Francieli Bonatto²
Vanessa Balen Felin²

INTRODUÇÃO

O presente artigo atém-se a problematizar toda a articulação que envolve a rede de atenção integral à saúde mental, seja sob o ponto de vista geral quanto pelo destaque dado ao município em questão. Este município se localiza no estado do Rio Grande do Sul, fazendo parte de um emaranhado de municípios que compõem a Coordenadoria Regional de Saúde, órgão que oferece suporte técnico nas questões da saúde em diferentes programas, intermediando ações do Estado para os municípios.

De acordo com o Ministério da Saúde (2009c), a garantia de acesso aos serviços de saúde no Brasil deriva da criação de estratégias para a responsabilização sanitária partilhada entre os municípios, os estados e a União para que, preferencialmente, os municípios organizem redes de atenção integral à saúde de forma mais sustentável. Quando isto não é viável, a cooperação e integração entre gestores e a construção de redes regionalizadas é crucial, uma vez que vários municípios são de pequeno porte e não possuem acesso a toda tecnologia e recursos para qualificar a vida da sua população.

Dentro desta perspectiva, salienta-se que a saúde brasileira caracteriza-se por um movimento processual de estruturação para melhor atender os seus usuários no que diz respeito, principalmente, às mudanças advindas da reforma psiquiátrica, sendo que esta trouxe uma esperança no sentido de humanizar os serviços assistenciais de saúde mental e mobilizar políticas públicas, reconfigurando-as através de novas práticas e novos saberes. Ao mesmo tempo, esse processo de desinstitucionalização trouxe diversos debates com relação à organização dos serviços de saúde, acessibilidade, saúde pública, garantia de qualidade de atenção, dentre outros, onde a discussão sobre as redes de atenção à saúde mental torna-se imprescindível para melhor visualizarmos o cenário atual da saúde

¹ Artigo desenvolvido na disciplina de Atenção a Saúde Mental, na Pós Graduação em Saúde Mental Coletiva pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen.

² Psicólogas, alunas da Pós Graduação em Saúde Mental Coletiva pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen.

A partir dessa contextualização, em um primeiro momento, faremos uma sucinta introdução a respeito dos dispositivos da rede de saúde mental, caracterizando, de forma simultânea, os serviços existentes nesse âmbito no município referido neste trabalho. Posteriormente, nos determos a discutir sobre a questão da articulação intersetorial, sistema de referência e contratransferência e apoio matricial, conceitos importantes para melhor entendermos sobre a dinâmica dos dispositivos da rede de saúde mental.

DISPOSITIVOS DA REDE DE ATENÇÃO A SAÚDE MENTAL

Conforme Brasil (2005), a rede de atenção à saúde mental é parte integrante do Sistema Único de Saúde (SUS), órgão que regula e organiza em todo o território nacional as ações e serviços de saúde de forma regionalizada e hierarquizada, em níveis de complexidade crescente, tendo direção única em cada esfera de governo. O SUS baseia-se em três princípios doutrinários: o acesso universal público e gratuito às ações e serviços de saúde, à integralidade das ações e à equidade da oferta de serviços, sem preconceitos ou quaisquer formas de privilégios. Com relação aos princípios organizativos, identifica-se a descentralização político administrativa e o controle social das ações, exercidos por Conselhos Municipais, Estaduais e Nacional de Saúde, com representação dos usuários, trabalhadores, prestadores de serviços, organizações da sociedade civil e instituições formadoras.

Segundo o Ministério da Saúde (2009c), foi somente a partir da construção do SUS, rede organizada de ações e serviços públicos de saúde, instituída no Brasil por Lei Federal na década de 1990, que houve uma ampliação da concepção de saúde, que deixou de ser reduzida simplesmente a ausência de doença e passou a ser entendida como produto e produtor de uma complexa rede, uma produção social composta de múltiplos fatores. Assim, foi proposta uma nova forma de atenção e gestão para o enfrentamento da produção saúde-doença: um sistema de saúde universal, integral, unificado e articulado em redes regionalizadas e descentralizadas. Dentro desta perspectiva, o Ministério da Saúde ressalta que:

Um dispositivo é uma ação, um projeto, uma tecnologia a ser implementada, algo que dispare um movimento de mudança para transformar as práticas vigentes, tanto na atenção como na gestão em saúde. Eles são ferramentas que disparam mudanças no processo de trabalho agenciando ações com outros dispositivos e grupos de trabalho, na perspectiva de construção de redes solidárias e cooperativas. (BRASIL, 2009c, p. 20).

Assim, cabe destacar que as redes de atenção à saúde, segundo o Ministério da Saúde (2009c, p. 8) representam “o conjunto de serviços e equipamentos de saúde que se dispõe num

determinado território geográfico, seja ele um distrito sanitário, um município ou uma regional de saúde”. Estes serviços podem ser entendidos como dispositivos de uma rede ampla e complexa, que procuram realizar mudanças nas práticas de saúde mental de forma conjunta e relacional. Uma unidade básica de saúde, um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), uma comunidade terapêutica, leitos em hospital geral, são alguns exemplos de dispositivos de uma rede de saúde mental.

De acordo com o mesmo autor, a construção de redes se apresenta como uma tarefa difícil, o que exige a implantação de tecnologias que qualifiquem os encontros entre os diversos serviços, saberes e especialidades. Torna-se necessário que a cobertura em saúde seja acompanhada de uma ampliação da comunicação entre os diferentes dispositivos, resultando em processos de atenção e gestão mais eficientes e que deem conta de atender o sujeito de forma integral e humana. É a partir dos processos de interação entre os serviços e destes com outros movimentos e políticas sociais que fazem com que as redes de atenção alcancem com efetividade os seus propósitos.

Conforme relatado, o município conta com diversos dispositivos na sua rede de atenção a saúde mental, sendo que o CAPS é um deles. O CAPS I presta serviço comunitário e ambulatorial, não se enquadrando como um serviço de urgência e emergência. Configura-se como um lugar de referência e tratamento para pessoas que sofrem de transtornos mentais, psicoses, neuroses, incluindo transtornos relacionados às substâncias psicoativas, como o álcool e outras drogas. Entre as atividades oferecidas pelo serviço encontram-se oficinas terapêuticas, dinâmicas de grupo, atendimento familiar, individual e medicamentoso, grupos de convivência, entre outros. O atendimento acontece através de busca espontânea e direta, ou através de encaminhamentos pelos serviços de saúde do município, como por exemplo, a Unidade Básica de Saúde, o Hospital Geral, o Conselho Tutelar, dentre outros.

De acordo Schnerider (2008) a Portaria nº 336/GM, criada em 2002, vem a regulamentar os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS, crucial para a sua implantação. Essa portaria reconheceu e ampliou o funcionamento e a complexidade dos CAPS, que têm o objetivo de oferecer atendimento diuturno às pessoas que possuem transtornos psíquicos severos e persistentes, num dado território, cuja severidade e/ou persistência justifiquem sua permanência em um regime de cuidado intensivo, comunitário, personalizado e promotor de vida, oferecendo cuidados clínicos e de reabilitação psicossocial, evitando as internações e favorecendo o exercício de sua cidadania e inclusão social, bem como promover o fortalecimento de seu vínculo familiar.

Conforme entrevista junto à Coordenadoria de Saúde, o CAPS do município é constituído por uma forte rede interligada com outros serviços de saúde mental, porém o excesso de demanda é uma dificuldade existente, sendo que o mesmo atende a um número de usuários superior ao estabelecido. A partir disso, pode-se inferir que existe uma determinada deficiência na gestão do sistema de saúde, o que por sua vez pode sobrecarregar os profissionais em suas práticas e comprometer a qualidade dos serviços prestados.

O município também conta com dois grupos de autoajuda, o AA (Alcoólicos Anônimos) e o Al-non, coordenado por voluntários. Segundo Filzola (2009), os grupos de autoajuda são considerados importantes fontes de apoio, pois reúnem pessoas com os mesmos objetivos, dificuldades, necessidades e podem colaborar com o apoio necessário às pessoas e suas famílias. O AA pode ser definido como uma comunidade de homens e mulheres que compartilham experiências buscando solucionar os problemas e ajudar na recuperação de outras pessoas. Já o Al-Anon é um espaço de troca de experiências para familiares e amigos de alcoolistas. Cabe destacar que esses grupos não estão ligados a seitas, religiões ou partidos políticos.

Com relação à modalidade de atenção denominada Comunidade Terapêutica, De Leon (2003) salienta que a mesma surgiu na Grã-Bretanha na década de 1940, sendo inicialmente utilizada para a atenção a pacientes psiquiátricos crônicos e só posteriormente foi adaptada ao tratamento da drogadição. Atualmente, se caracteriza como uma opção de tratamento que se desenvolve além das correntes terapêuticas tradicionais, sendo bastante utilizada no caso de sujeitos dependentes de álcool e outras drogas, desprovidos do suporte social necessário para obter êxito em uma modalidade menos intensiva de atenção.

No que concerne a esse dispositivo de saúde, o município conta com uma CT (Comunidade Terapêutica), sendo esta uma entidade civil, sem fins lucrativos. A mesma desenvolve programas de recuperação terapêutico-educativo para dependentes químicos e etílicos, com o objetivo de promover a transformação e o crescimento pessoal do indivíduo, através de mudanças no estilo de vida. De acordo com a Coordenadoria de Saúde, o serviço conseguiu atualmente 12 vagas para internações credenciadas pelo SUS, porém o mesmo teve que se adequar a critérios estabelecidos pelo Ministério da Saúde.

Outro serviço de saúde que conta o município são os leitos psiquiátricos em hospital geral. Atualmente o hospital do município conta com 17 leitos, todos credenciados pelo SUS, sendo que, destes, dez são para pacientes dependentes de álcool e outras drogas e sete são destinados a pacientes psiquiátricos. Segundo Brasil (2005) o estabelecimento de leitos em hospital geral oferece uma retaguarda hospitalar para os casos em que a internação se faça

necessária, após esgotadas todas as possibilidades de atendimento em serviços extra-hospitalares. Cabe salientar que o número de leitos psiquiátricos em hospital geral não deverá ultrapassar 10% da capacidade instalada do hospital, até um máximo de trinta leitos.

Segundo Pitiá (2009) na atenção básica, pelas políticas públicas atuais, procura-se promover experiências de atendimento em saúde mental, nos serviços das Unidades Básicas de Saúde (UBS) e pela Estratégia de Saúde da Família (ESF). Nas UBS são previstos serviços de saúde mental de menor complexidade, como terapias em grupo e individuais, atividades educativas, visitas domiciliares, dentre outros. Atualmente o município conta com duas UBS, como também o Programa Saúde da Família (PSF) que, segundo Brasil (2005), tem como premissa fundamental a assistência ao sujeito dentro do seu contexto familiar, sendo responsável não só pela promoção de saúde mental, mas também pela prevenção de doenças, reconhecimento de problemas no âmbito mental e na dinâmica familiar, oferecendo o devido atendimento e encaminhamento, quando pertinente.

Conforme relatado em entrevista, a situação das UBS está um pouco precária, uma vez que há insuficiência de profissionais da Psicologia e Assistência Social nesses serviços trabalhando em tempo integral. Consequentemente, isso dificulta o desenvolvimento de atividades ligadas à saúde mental dos usuários, como por exemplo, a realização de grupos terapêuticos e visitas domiciliares, ocorrendo dessa forma, muitos encaminhamentos para o CAPS, o que acaba sobrecarregando este último.

Outros dispositivos de atenção a saúde mental como Serviços Residenciais Terapêuticos (STR), Programa de Volta para Casa, Centros de convivência, não estão estruturados no município, uma vez que, segundo a Coordenadoria de Saúde, há uma certa dificuldade de viabilizar os recursos necessários para a implementação dos mesmos, sendo que acrescentado a isso, está uma certa descrença política quanto à importância de determinados serviços de saúde mental. Conforme relato “Tem que partir de cima as ações e recursos necessários, mas é da base que tem que vir as ideias” [sic]. Este discurso nos aponta a dependência financeira do sistema de saúde no que diz respeito à implementação de serviços de saúde, fazendo-se necessário a mobilização de profissionais da saúde, como também dos próprios usuários no que tange ao alcance de uma maior democratização e autonomia nos processos de gestão.

ARTICULAÇÃO INTERSETORIAL

Para abordarmos esse assunto, torna-se necessário inicialmente fazer uma contextualização sobre a Reforma Psiquiátrica, uma vez que foi por meio desta foram

reformuladas as ações referentes à saúde mental, com objetivo de uma atenção integral ao sujeito com sofrimento psíquico, e a descentralização dos serviços de saúde mental. Para Quindere e Jorge (2010) a Reforma Psiquiátrica Brasileira trouxe uma nova visão de tratamento e acompanhamento para as pessoas com problemas relacionados aos transtornos mentais. Essa transformação é fruto de experiências exitosas emergidas do movimento de reforma psiquiátrica do Brasil, através de novas práticas no campo da saúde mental e da influência de teorias de diversos países no campo da psiquiatria e da saúde mental, marcando a construção de um novo modelo de atenção.

Esse novo modelo de atenção em saúde mental tem se transformado ao longo dos últimos anos e demonstrado que é possível cuidar das pessoas com transtornos mentais através de serviços integrados aos diversos níveis de complexidade do sistema de saúde e não somente restrito ao hospital psiquiátrico, que só vincula o setor saúde e crucifica as pessoas que dele precisam (QUINDERE, JORGE, 2010).

Como bem destaca Furtado e Onocko-Campos (2005), a confluência de vários saberes é propiciadora de certa relativização de poderes entre categorias profissionais, o recente e complexo campo da saúde mental possui limites imprecisos e indefinições - o que o torna, exatamente por isso, bastante propício às experimentações e produção de novas práticas. Não por acaso, a saúde mental vem sendo um espaço, por excelência, para o desenvolvimento de novas formas de cuidado, novas formas de colaboração interprofissional e, sobretudo, geradora de novos modelos de atenção e, conseqüentemente, novas práticas, onde se insere a articulação intersetorial, sendo que segundo a Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro (2004) a intersetorialidade é:

“[...] a articulação entre sujeitos de setores sociais diversos e, portanto, de saberes, poderes e vontades diversos, para enfrentar problemas complexos. É uma nova forma de trabalhar, de governar e de construir políticas públicas que pretende possibilitar a superação da fragmentação dos conhecimentos e das estruturas sociais para produzir efeitos mais significativos na saúde da população”.

Cury (1999) destaca que a rede transformou-se na maneira mais eficaz de articulação entre as diferentes organizações sociais, uma vez que é através das redes que distintas organizações estão conseguindo multiplicar iniciativas. O autor nos fala ainda que “diferentemente das parcerias, que se constroem para o enfrentamento de um problema objetivo, pontual, as redes costumam se articular em torno de temas específicos.” (p. 52).

Nesse sentido, buscando uma estruturação e desenvolvimento dessa ação, que as secretárias Municipais de Saúde devem garantir a Atenção Integral de Saúde. Isto é, devem investir na formação e qualificação de Equipes Multidisciplinares e Multiprofissionais para

todas as Unidades e Serviços de Saúde, proporcionando capacitação, formação e reciclagem permanentes para os Trabalhadores em Saúde, visando à ampliação da participação integrada de todos na atenção prestada (promoção, proteção, prevenção, tratamento, cura e reabilitação) tanto individual como coletivamente.

Como processo organizado, coletivo, a ação intersetorial não é um processo espontâneo. Depende de uma ação deliberada, que pressupõe o respeito à diversidade e às particularidades de cada setor ou participante. Envolve a criação de espaços comunicativos, a capacidade de negociação e também trabalhar os conflitos para que finalmente se possa chegar, com maior potência, às ações. Ações que não necessariamente implicam na resolução ou enfrentamento final do problema principal, mas que implicam na acumulação de forças, na construção de sujeitos, na descoberta da possibilidade de agir. (CAMPOS, 2000 apud COMERLATO et al., 2007 p. 268).

Os espaços da intersetorialidade são espaços de compartilhamento de saber e de poder, de construção de novas linguagens, de novos conceitos que não se encontram estabelecidos ou suficientemente experimentados. Há necessidade de um exercício permanente de paciência e de negociação, pois ninguém está acostumado a ficar pensando no assunto que é do outro; além disso, algumas vezes se percorrem caminhos já esgotados setorialmente, outras vezes surgem questões novas que jamais seriam pensadas do ponto de vista setorial (RIO DE JANEIRO, 2004). Infelizmente, ainda é possível perceber que algumas ações nos serviços de saúde mental remetam ao modelo hospitalocêntrico, como a ênfase no uso da medicação. Entretanto outras possibilidades surgem na construção de novos saberes e novas práticas no trabalho intersetorial e multidisciplinar.

Em resumo, a articulação intersetorial nos municípios abrangidos pela Coordenadoria de Saúde, engatinha no primeiro nível, sendo que boa parte desses serviços existem somente de forma física, uma vez que estão muito longe de abranger uma integralidade adequada. Faltam estruturação, e, sobretudo, profissionais qualificados e dispostos a enfrentar esse caminho, cheio de desafios e imperfeições, incertezas que envolvem sofrimento, assim como conquistas, através de novos olhares e descobertas.

SISTEMA DE REFERÊNCIA E CONTRARREFERÊNCIA

O Ministério da Saúde (1990a) nos diz que os serviços de atenção à saúde devem oferecer todos os tipos de modalidades de assistência à população, iniciando desde o nível primário qualificado para suprir e resolver os problemas que demandem esses serviços até mesmo ao nível de maior complexidade, proporcionando todas as ações de promoção, proteção e recuperação aos seus usuários. Nesse sentido, destacam-se, a partir da entrevista junto à Coordenadoria de Saúde no município em estudo, esses serviços de atenção à saúde

que estão, de certa forma, passando por momentos precários no que diz respeito às UBS, as quais são a base da saúde nos municípios. É compreensível que falta qualificação de profissionais para atender a demanda que chega nesses locais, bem como a falta de recursos para custear a vinda de alguns profissionais que se tornam fundamentais no processo de assistência em saúde à população, o que acaba acarretando atendimentos pouco resolutivos.

Diante da proposta estabelecida pelo Ministério da Saúde (1990), a hierarquização dos serviços conforme sua complexidade são classificados em primários, secundários e terciários. Com base nesse princípio de hierarquização, o Ministério da Saúde caracteriza o nível primário de atenção como a entrada do usuário no sistema de saúde. Tal nível é formado por postos de saúde, centros de saúde, unidades de emergência (SAITO, 2004 apud BRASIL, 1990a). O nível secundário se constitui pelos ambulatorios que oferecem serviços especializados, ou seja, são os hospitais da comunidade ou regionais. No nível terciário, os serviços são prestados pelos hospitais gerais ou centros médicos de maior complexidade, em que se requer um grau elevado de especialização dos recursos disponíveis.

O sistema de referência e contrarreferência nessa situação constitui-se numa articulação e integração entre todos os níveis descritos acima, sendo que a referência é entendida como o encaminhamento do usuário do nível de menor complexidade para o de maior complexidade. Em contrapartida o sistema de contrarreferência compreende o encaminhamento do nível de maior complexidade para o de menor complexidade (JULIAN, CIAMPONE, 1999).

Nota-se que a articulação entre esses sistemas deve se basear nos serviços que cada um dessas unidades de saúde presta. A partir do momento em que não há recursos e tratamentos suficientes para atender as necessidades de atenção à saúde dos usuários é preciso que o fluxo entre um sistema e outro seja eficaz. Esses recursos incluem uma equipe multidisciplinar eficiente que acompanhe o paciente seja no nível primário ou no terciário, um controle sob o tempo de internação conforme o diagnóstico para que este não permaneça esquecido nos leitos dos hospitais ou para que saia antes do término do tratamento. Além de tudo isso, é fundamental que esses níveis se comuniquem entre si para que a atenção integral à saúde da população seja humanizada.

Conforme relatado, o sistema de referência dentro da Coordenadoria de Saúde do município funciona, pois, considerando a falta de recursos disponíveis (dinheiro, quadro de funcionários e profissionais, qualificação dos mesmos, muita demanda) para atendimentos dos pacientes, estes são imediatamente encaminhados para os serviços substitutivos da rede, ou seja, para os CAPS, Comunidades Terapêuticas e hospitais já que estes possuem a efetiva

resolutividade do problema que ali chega. Em contrapartida o sistema de contrarreferência se sujeita a manter-se na ausência de ferramentas para receber de volta o paciente, sendo que este permanece internado por mais tempo nos hospitais.

APOIO MATRICIAL

Para entender o Apoio Matricial é preciso compreender seus termos, no qual a palavra *matr(i)* vem do latim mãe. O matricial está relacionado com a noção de matriz, o lugar de onde se gera. Segundo Figueiredo e Campos (2009) é possível compreender o Apoio Matricial como um instrumento que é oferecido a uma equipe interdisciplinar de saúde a fim de desenvolver seu campo de atuação e qualificar suas ações, possibilitando uma interlocução entre os diversos serviços de saúde mental.

Tal proposta pode ajudar a aumentar capacidade resolutiva das equipes de referência (Unidades Básicas de Saúde) e a forma de compartilhar experiências e responsabilidades quanto aos usuários dos serviços de saúde mental, para que não haja apenas encaminhamentos para os profissionais especializados na área e sim que a rede toda funcione, regulando o fluxo de pacientes nesses serviços. Dessa maneira, exige que os profissionais, juntos, discutam cada caso e suas necessidades, distinguem as situações sociais e/ou individuais, comuns à vida diária, as quais podem ser abrigadas pela equipe local e por outros recursos existentes nas UBS, diferentemente daquelas que demandam uma atenção especializada dos profissionais da saúde mental.

Figueiredo (2006) articula em sua proposta que:

“O Apoio Matricial da saúde mental seria esse suporte técnico especializado, em que conhecimentos e ações, historicamente reconhecidos como inerentes à área ‘psi’, são ofertados aos demais profissionais de saúde de uma equipe. É um encontro entre profissionais de saúde mental e a equipe interdisciplinar de saúde na composição de um espaço de troca de saberes, invenções e experimentações que auxiliem a equipe a ampliar sua clínica e a sua escuta, a acolher o choro, a dor psíquica, enfim, a lidar com a subjetividade dos usuários”. (FIGUEIREDO, 2005, p. 30).

A referida autora acima afirma ainda que com isso, é possível prevenir práticas que conduzem à “psiquiatrização” e à “medicalização” do sofrimento e, ao mesmo tempo, promover a equidade e o acesso, garantindo níveis terapêuticos conforme as vulnerabilidades e potencialidades de cada paciente. Salvo que isso favorece a criação e elaboração de novos dispositivos de atenção de acordo com as diferentes necessidades dos usuários e a integração entre os profissionais na construção de projetos terapêuticos pensados para cada situação singular que surgem diariamente (FIGUEIREDO, 2006).

Este apoio existente entre os profissionais da rede básica com aqueles da saúde mental é considerado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2005) como uma estratégia de gestão para a construção de uma rede ampla de cuidados em saúde mental, desviando a lógica de encaminhamentos indiscriminados para uma lógica da corresponsabilização. Além disso, busca produzir uma maior resolutividade à assistência em saúde, pois, as vezes os CAPS não conseguem atender toda a demanda em saúde mental, portanto a atenção básica entra para ampliar a cobertura em saúde mental.

Mais do que uma forma de estruturar essa rede, o apoio matricial é uma forma de fazer saúde, de proporcionar aos profissionais de referência (UBS, postos de saúde, etc.) e aos profissionais da saúde mental a formação de uma outra subjetividade enquanto trabalhadores da saúde, centrada na multidisciplinaridade e no diálogo, contribuindo significativamente para a ampliação da clínica e estimulando as equipes no compromisso com a produção de saúde, com o cuidado com os usuários e com a qualificação e melhoria dos atendimentos e serviços oferecidos. O que se pede, segundo a Coordenadoria de Saúde, é a transparência na divisão de recursos disponibilizados tanto para as UBS que recebem todo e qualquer tipo de problemática e usuário, quanto para os hospitais municipais, regionais e porque não os estaduais que possuem um quadro completo de profissionais e qualificação, efetivando uma articulação justa entre esses serviços em saúde.

No município citado a lógica do apoio matricial existe, porém não há tentativas efetivas dos profissionais para que essa proposta seja desenvolvida na rede de saúde. A necessidade da atuação do apoio matricial é justamente para embasar o trabalho no que diz respeito à assistência e cuidado com a população, articulando discussões diante dos problemas de saúde com todos os serviços da rede.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, cabe destacar que conforme Brasil (2005), a construção de uma rede comunitária de cuidados é crucial para a consolidação da Reforma Psiquiátrica. A articulação em rede dos variados serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico, como os citados neste trabalho, é fundamental para a construção de um conjunto de referências capazes de acolher a pessoa em sofrimento mental. Uma rede se aperfeiçoa na medida em que são permanentemente articuladas outras instituições, associações, cooperativas e variados espaços das cidades, visto que a rede de atenção à saúde mental do SUS busca a emancipação e autonomia das pessoas com transtornos mentais em diversos espaços comunitários.

Com relação à articulação em redes de saúde mental do município referido nesse trabalho, observou-se uma relativa fragilidade na rede básica de saúde, uma vez que essa é a porta de entrada dos usuários no serviço de saúde necessitando, desse modo, acolher o sujeito de forma integral e eficiente. Essa fragilidade é caracterizada pela ausência de uma equipe multidisciplinar trabalhando em rede com as unidades básicas de saúde, pouca qualificação profissional, excesso de demanda, distribuição indiscriminada de recursos, dentre outros, que afetam a qualidade dos serviços prestados.

A responsabilização compartilhada, maior alocação e qualificação dos profissionais, atendimento integral, humanizado e interdisciplinar nos níveis primários de atenção à saúde é fundamental. A rede é básica, tudo começa por ela, por isso sua estruturação é essencial, pois com isso permitirá regular o fluxo de usuários nos serviços substitutivos, facilitando o direcionamento dos mesmos dentro dos diversos dispositivos da rede. Assim percebeu-se que o ideal e o real estão um pouco distantes, porém a elucidação da realidade da rede já é um caminho inicial para acionar mudanças na prática de uma política pública mais humanizada dentro do serviço de saúde, principalmente o da saúde mental.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Atenção à Saúde. DAPE. Coordenação Geral de Saúde Mental. **Reforma psiquiátrica e política de saúde mental no Brasil**. Documento apresentado à Conferência Regional de Reforma dos Serviços de Saúde Mental: 15 anos depois de Caracas. OPAS. Brasília: Ministério da Saúde, nov. 2005.

BRASIL. **ABS do SUS**: Doutrinas e Princípios. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 1990a.

BRASIL. **ABS do SUS**: Planejamento Local. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 1990b.

BRASIL. **Humaniza SUS**: Redes de produção de saúde. Brasília: Editora MS, 2009c.

CURY, T. C. H. Elaboração de projetos Sociais. In: ÁVILA, C. M. de (Coord.). **Gestão de projetos Sociais**. Textos de Apoio. São Paulo: AAPCS, 1999, p. 33-56.

DE LEON, G. **A comunidade terapêutica**: teoria, modelo e método. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

FIGUEIREDO, M. D.; CAMPOS, R. O. Saúde Mental na atenção básica à saúde de Campinas, SP: uma rede ou um emaranhado?. **Ciênc. saúde coletiva** [online], v. 14, n. 1, p. 129-138, 2009.

FIGUEIREDO, M. D. **Saúde Mental na Atenção Básica**: Um estudo hermenêutico – narrativo sobre o Apoio Matricial na rede SUS - Campinas (SP). Dissertação (Mestrado). Campinas, 2006.

FILZOLA, C. L. A.; TAGLIAFERO, P.; ANDRADE, A. S. et al. **Alcoolismo e família: a vivência de mulheres do grupo de autoajuda Al- Anon.** Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 08 abr. 2011.

FURTADO, J. P.; ONOCKO-CAMPOS, R. A transposição das políticas de saúde mental no Brasil para a prática nos novos serviços. **Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 109-122, 2005.

JULIANI, C. M. C. M.; CIAMPONE, M. H. T. Organização do sistema de referência e contra-referência no contexto do Sistema Único de Saúde: a percepção de enfermeiros. **Rev. Esc. Enf. USP**, v. 33, n. 4, p. 323-33, dez. 1999.

ONOCKO-CAMPOS, R. Clínica: a palavra negada: sobre as práticas clínicas nos serviços substitutivos de saúde mental. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 58, p. 98-111, 2001.

PITIÁ, A. C. A.; FUREGATO, A. R. F. **O acompanhamento terapêutico (AT):** Dispositivo de atenção psicossocial em saúde mental. Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

QUINDERE, Paulo Henrique Dias; JORGE, Maria Salette Bessa. (Des)construção do modelo assistencial em saúde mental na composição das práticas e dos serviços. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 19, n. 3, set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

RIO DE JANEIRO. **Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil:** reabilitação. 2004. Disponível em: <<http://www.saude.rio.rj.gov.br/cgi/public/cgilua.exe/web/templates/htm/v2/view.htm?editionsectionid=30&inford=2516>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

SAITO, R. X. de S. **Sistema Único de Saúde:** da teoria à prática da integridade. Dissertação (Mestrado)- Escola de Enfermagem, USP, São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/7/7139/tde-28062007-100306/pt-br.php>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

SCHNEIDER, A. R. **A construção da rede de atenção em saúde mental de um município do sul do Brasil.** Disponível em: <<http://www.scielo.com.br>>. Acesso em: 04 abr. 2011.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM DO ESTUDANTE

Daniele Lucini¹
Arnaldo Nogaro²

INTRODUÇÃO

O texto “A formação do professor e sua influência na aprendizagem do estudante”, apresenta resultados de investigação sobre os processos de formação de professores e suas implicações na aprendizagem do estudante. Fala-se e questiona-se muito acerca dos problemas de aprendizagem e comportamento dos estudantes nas escolas com muitas inquietações a esse respeito. Pergunta-se sobre o que fazer e atitudes a adotar para que se possa estabelecer ambiente e prática pedagógica que contribua com o desenvolvimento do discente e sua aprendizagem. Se o estudante não aprende de quem é a responsabilidade? Como ignorar o papel da escola e principalmente do professor nesta tarefa?

A escola tem, dentre suas funções, a de educar transmitindo a seus estudantes um conjunto de conhecimentos que ultrapassem os aprendidos no meio familiar. Essa aprendizagem é mediada pelo professor, que deve não só deter o conhecimento, mas a capacidade de modificar o saber para que se transforme em algo ensinável e com sentido para seus discentes. O professor, dentro desta perspectiva, deve ter condições de fazer articulações entre os saberes escolares e o conhecimento do estudante, pois se ensinar fosse apenas questão de “dar aula”, cumprir horários e dar conta da listagem de conteúdos, tudo seria simples e qualquer pessoa poderia ocupar este lugar, no entanto, longe disso, busca-se e precisa-se de profissionais qualificados e em formação contínua.

De todos os fatores que influenciam a qualidade do trabalho da escola, o professor é, sem dúvida, o mais determinante. A formação faz diferença. Dela resultam saberes, metodologias, recursos de que o professor precisa para contagiar o estudante instigando a curiosidade, provocando-o para ver e fazer coisas novas, mas este só lançará mão dessa prática quando estiver estimulado a fazê-la, e sem dúvida o estímulo parte da interação professor-estudante-conhecimento.

¹ Licenciada em Pedagogia pela URI-Campus de Erechim. Dani_leticia@yahoo.com.br

² Professor da URI –Campus de Erechim. Doutor em Educação – UFRGS. narnaldo@uri.com.br

A formação inicial e continuada de professores no Brasil possui trajetória histórica e socioepistemológica, marcada por diferentes tendências³, emergentes de diferentes concepções de educação e sociedade. Com base nas leituras e entrevistas, queremos demonstrar como a formação do professor e modelos de formação são estratégicos para o resultado de seu trabalho, produzindo uma reflexão sobre práticas pedagógicas de sala de aula e sua influência no processo de aprendizagem do estudante, bem como pontuar a importância da atitude reflexiva para o desenvolvimento profissional.

O olhar sobre práticas cotidianas dos professores diz que se tem muito que mudar culturalmente, bem como os processos de formação de nossos professores, para que saiam de seus cursos preparatórios mais ousados e comprometidos com a reconstrução e ressignificação do conhecimento. Há, também, que se pensar com seriedade na formação continuada para consolidarmos nova cultura da aprendizagem, como afirma Pozo (2002).

O artigo está dividido em três seções. Na primeira, apresentamos concepções de aprendizagem; na segunda, tematiza-se a formação dos professores na Sociedade do Conhecimento e na terceira é feita análise dos dados obtidos na pesquisa, dando voz e vazão às falas dos sujeitos, sobre as implicações da formação docente no desempenho escolar do discente.

1 REFLETINDO SOBRE A APRENDIZAGEM

A aprendizagem ocupa espaço significativo na produção do conhecimento teórico sobre educação. Pensar a aprendizagem se constitui desafio atual e urgente na medida em que se ouve vozes de diferentes direções proclamando a consolidação da sociedade do conhecimento. A aprendizagem está irmanada à História do Homem, à sua construção enquanto ser social capaz de enfrentamento e adaptação a novas situações. Do momento que se ensinou e aprendeu, de forma mais ou menos elaborada e organizada, começam surgir discussões em torno da aprendizagem, com seu estudo estando mais intimamente ligado ao desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência. Contudo, não se procede de forma uniforme e concordante. O estudo da aprendizagem centrou-se em diferentes aspectos, de acordo com diversas correntes da Psicologia, e com diferentes perspectivas que cada uma defendia.

A Psicologia se preocupou, sobremaneira, com questões de aprendizagem, porém essa discussão estendeu-se a outros campos do saber humano. Assim, sempre que se for falar em aprendizagem tem-se necessidade de precisar a respeito do entendimento em relação a ela e o foco que se pretende dar. Fala-se muito em pedagogia, fracasso escolar, inclusão, exclusão e

³ Poderíamos citar a Tradicional, Escolanovista, Tecnocista e outras.

parece que se refere pouco a aprender e a processos de aprendizagem. Dá-se muita aula, amplia-se carga horária, mantém-se mais tempo os discentes “ocupados”, mas isto nem sempre significa maior aprendizado.

O que seria realmente aprender? Encontrou-se em Antunes (2002) uma primeira ideia sobre aprender. Significa reestruturar o sistema de pensamento com o qual compreendemos as coisas, pessoas e, naturalmente, o mundo. Para Morgan (1977), a aprendizagem é qualquer mudança relativamente permanente no comportamento, e que resulta de experiência ou prática. De acordo com Senge (2003), não são somente pessoas que aprendem, as organizações também aprendem, no entanto a

[...] dificuldade em falar em “organizações aprendentes” hoje em dia é que o termo “aprendizagem” perdeu o seu significado central no uso que hoje se faz dele. A maior parte das pessoas vira os olhos impacientemente quando ouve falar em “organizações aprendentes” e “aprendizagem”. Isso não é de admirar, porque na linguagem do dia-a-dia aprender se tornou sinônimo de “absorver informação”. [...] Através da aprendizagem, nós nos recriamos a nós mesmos. [...] nós nos tornamos capazes de fazer algo que nunca havíamos sido capazes de fazer antes. [...] nós percebemos o mundo e nossa relação para com ele. [...] nós estendemos a nossa capacidade de criar, de ser parte do processo gerativo da vida. (SENGE, 2003, p. 13-14).

Na ótica de Grossi (2004, p. 33), aprender não é conseguir se lembrar de ensinamentos transmitidos prontos em aula, mas dispor de esquemas de pensamento que permitam enfrentar problemas. “Esquemas de pensamento são os motores do funcionamento da inteligência, sabendo-se que ser inteligente não é nem dom nem lembrança genética.” A escola tem função primordial nesta empreitada, de desafiar o aprendiz a questionar, problematizar, desenvolver formas múltiplas de pensar. No entendimento de Demo (2004), a concepção de aprender implica saber pensar, construção de autonomia questionadora, cidadania participativa; ultrapassando vezos reprodutivos instrucionistas.

Na visão de Nogaro (2005) aprender consciente é próprio do ser humano. Não há nada mais rico e fascinante do que a mente humana, que possui capacidade bem próxima do infinito, mas pode se perder na mais densa finitude quando não aprender a “jogar” antagonicamente com a realidade das experiências humanas, na qual ela é palco e figurino ao mesmo tempo (TREVISOL, 2003 apud NOGARO, 2005). Só o homem tem capacidade de pensar e repensar processos; de criar, interpretar e reinterpretar. Demo (2004 apud NOGARO, 2005), afirma que a aprendizagem funciona de dentro para fora, diferentemente de máquinas, computadores que necessitam de comando, que alguém os acione. A capacidade de construir, de dar formas diferentes às coisas é atributo humano, superando assim o tecnicismo e o mecanicismo. O ser humano, como ser inacabado, leva este mesmo movimento para a

dinâmica da vida em outras dimensões. “Entre as dinâmicas mais fantásticas do desenvolvimento humano está a habilidade infinita de aprender e conhecer.” (DEMO, 2004, p. 17).

A maioria das pessoas frequentou a escola que valoriza a memorização, acúmulo de informações e reprodução de conteúdos e ideias, onde todos deveriam aprender do mesmo jeito, fazendo tudo de acordo com regras estabelecidas pelo professor. Porém, hoje entende-se aprender de outras perspectivas, de maneiras diferentes e sabendo que é algo complexo, com outras exigências. A aprendizagem é processo que deve estar “vivo”, ao longo da vida, perene, em qualquer lugar e com qualquer pessoa. Para constituir-se como ser humano não basta ao homem nascer, é preciso também aprender. A genética nos predispõe fisiologicamente a ser humanos, porém só por meio da educação e da convivência social conseguimos sê-lo efetivamente (SAVATER, 2000).

A verdade é que não existe um único modo de aprender, uma receita pronta, que funcionará com todos os seres humanos e, conseqüentemente, para todos os estudantes. É diferente e única para cada um, pois estes também são únicos e com diferentes habilidades, competências, dificuldade e especificidades que devem ser consideradas. Aprende-se o tempo todo, de jeito singular e em tempo específico. Cada pessoa tem um tempo de aprendizagem diferente e aprende de jeito próprio que é só seu. Respeitar o tempo de cada um é saber valorizar o indivíduo no mundo global do qual faz parte. É importante que tanto os pais, quanto os professores possam se valer desta informação quando se referirem à aprendizagem dos estudantes e filhos.

Não apenas nós docentes temos direito a nosso tempo de ensinar, também os alunos têm direito a que sejam respeitados seus tempos de aprendizagem e formação. São os tempos de educar muito mais complexos e delicados do que os tempos de ensinar. Educar exige fina sensibilidade para lidar com o tempo humano. Saber o que ensinar e em que tempos. Saber também o que aprender e em que tempos. (ARROYO, 2004, p. 213).

Aprender de acordo com sua singularidade não significa isolar-se do mundo ou dispensar o auxílio de outros. Ninguém é ilha completa em si mesma, todo homem é fragmento do continente, uma parte do todo... (PORTILHO, 2009, p. 15). É evidente a interdependência dos seres humanos, que diferentemente dos animais que aprendem por instinto, aprendem por meio da interação social, sofrem influências e transformações do convívio com os demais.

As pesquisas cognitivistas mostram que, ainda que os sujeitos tenham capacidades ou inteligências para aprender, é necessário que o ambiente brinde oportunidades ao desenvolvimento de tais capacidades e inteligências, chamando a atenção principalmente a relação pedagógica professor e aluno. (PORTILHO, 2009, p. 17).

A aprendizagem, bem como a linguagem e outros valores que impregnam a conduta, são fatores que diferenciam o homem de outras espécies e ajudam a adaptar-se à cultura do meio social. “A função fundamental da aprendizagem humana é interiorizar ou incorporar a cultura, para assim fazer parte dela. Fazemo-nos pessoas à medida que interiorizamos a cultura.” (POZO, 2002, p. 25).

Os primeiros contatos dos seres humanos com o conhecimento e em consequência a aprendizagem, vêm da família e do grupo social do qual o indivíduo faz parte, onde aprende a caminhar, falar, vestir-se, por exemplo, sendo ampliado e enriquecido na escola que tem como função educar transmitindo aos alunos um conjunto de conhecimentos que ultrapassem aqueles aprendidos em casa. Essa aprendizagem é mediada pelo professor, que deve não só deter o conhecimento, mas ter capacidade de modificar este saber para que se transforme em algo ensinável e com sentido para seus alunos.

A aprendizagem não é algo que o ser humano faz de vez em quando, em locais especiais ou em períodos determinados da vida; faz parte da vida e os desafios enfrentados ajudam a ampliar o seu potencial.

A aprendizagem permite-nos prever o que combina com o que, o que vai acontecer em seguida, o que pode ocorrer se fizermos isto em vez daquilo. Portanto, a aprendizagem intervém no fluxo dos eventos para a nossa própria vantagem, de maneiras sempre mais sofisticadas e confiantes. (CLAXTON, 2005, p. 16).

Na ótica de Pozo (2002), a aprendizagem é sistema complexo composto por três subsistemas que interagem entre si: os resultados da aprendizagem, os processos e as condições práticas envolvidos por diferentes mecanismos de aprendizagem que são ativados dependendo da ação ou execução das diferentes funções realizadas diariamente. Não se aprende da mesma maneira a escrever num computador e a programá-lo ou a dirigir um carro e consertá-lo (POZO, 2002), cada ação ativa mecanismo diferente e exige diferentes aprendizagens.

Segundo Marchesi (2006), a aprendizagem é processo dinâmico no qual o aluno faz relações entre o que já sabe com a informação recebida. Aprender não é atividade espontânea e casual, escreve o autor, na qual basta receber nova informação para que ocorra a aprendizagem. É processo que envolve diferentes variáveis, tais como: interesse, atenção, motivação, existência de conhecimento prévio, o contexto em que se dão as aprendizagens, esforço por parte de quem aprende e de quem ensina. No pensar de Vygotsky (2002), o processo de aprendizagem adequadamente organizado é capaz de ativar processos de desenvolvimento. A investigação mostra sem lugar a dúvida que o que se acha na zona do desenvolvimento próximo num determinado estágio se realiza e passa no estágio seguinte ao

nível de desenvolvimento atual. Com outras palavras o que a criança consegue fazer hoje em colaboração será capaz de fazê-lo por si mesma amanhã. Por isso, parece verossímil que a instrução e o desenvolvimento na escola guardem a mesma relação que a zona de desenvolvimento próximo e o nível de desenvolvimento atual.

Para que a aprendizagem se efetue é necessária mobilização em direção ao que se deseja aprender. “A possibilidade de um aprendiz ser mais competente do que outro está na habilidade em tomar consciência e desenvolver o controle de sua própria aprendizagem.” (PORTILHO, 2009, p. 14). Os indivíduos são agentes ativos, buscando construir seus conhecimentos dentro de contexto significativo, ou seja, aprender exige envolver-se.

Não seria ousado demais dizer que se está vivendo a Sociedade do Conhecimento, num mundo cada vez mais acelerado com mais informações, ligadas à exigente demanda de novos conhecimentos, saberes e habilidades que requer dos estudantes e dos professores integração de conhecimentos que vai além da simples e tradicional repetição dos mesmos. Isto exige repensar o papel do professor na promoção de aprendizagem significativa e, conseqüentemente do seu próprio papel social.

2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A questão da profissionalização docente é polêmica em diferentes esferas educacionais no mundo. No Brasil, a discussão não se diferencia; ela permeia fóruns de debates com um dado ainda mais grave, ou seja, além das condições de trabalho serem difíceis há a realidade histórica do magistério absorver em seus quadros forte contingente de profissionais de áreas diversas, sem a qualificação necessária. Esse fator contribui para intensificar o debate e concorre para a queda do pretendido status da carreira⁴.

A formação de professores converteu-se em área de crescente preocupação e interesse para pesquisadores e formadores. A formação do professor é processo contínuo; o momento do ingresso ao curso de formação inicial é apenas um marco numa trajetória de crescimento onde, somados aos constituintes da história de vida do indivíduo, irão conjugar-se conhecimentos de determinada área específica, teorias pedagógicas e elementos práticos oriundos da atividade docente que, em conjunto, formam a base sobre a qual a profissão se alicerça.

Há que se ter consciência de que o começo de uma formação vai exigir muito envolvimento e comprometimento dos profissionais da educação. Vivencia-se um mundo de

⁴ É evidente que outros fatores concorrem para a desvalorização docente, entretanto não pretendemos entrar no mérito dessa discussão no momento.

constantes mudanças educacionais com nova geração de alunos nas escolas, o que faz o professor repensar a prática, procurando estar em constante formação, cada vez mais atualizado e envolvido com a aprendizagem dos alunos. Pois:

Quando pensamos no ensino, vislumbramos um professor que ao lado do conhecimento específico de sua área, seja portador de habilidades convincentes de educar e organizar a prática pedagógica que realiza em sua ação docente. Além disso esperamos ver no professor o reflexo de um profissional comprometido com as mudanças exigidas de cada indivíduo, uma caminhada que auxilia na organização de suas propostas, para atuar, participar e transformar sua realidade. (RIVERO, 2004, p. 85).

O processo formativo deve propor situações que possibilitem troca de saberes entre professores, através de projetos articulados por reflexão conjunta. A formação continuada é uma forma eficaz dos professores atingirem o nível de excelência, pois tecnologias mudam, informações mudam provocando mudanças na escola e no jeito de ser e de pensar dos estudantes; sendo necessário que professores questionem o saber tendo-o como algo inacabado e possível de ser reconstruído. Pois:

[...] não basta que cada qual acumule do começo ao fim da vida uma determinada quantidade de conhecimento de que se possa abastecer indefinidamente. É, antes, necessário estar a altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer esses conhecimentos, e de se adaptar a um mundo de mudanças. (RIVERO, 2004, p. 151).

Masetto (1994, p. 96) aponta características que deve possuir a formação do professor:

Inquietação, curiosidade e pesquisa. O conhecimento não está acabado; exploração de "seu" saber provindo da experiência através da pesquisa e reflexão sobre a mesma; domínio de área específica e percepção do lugar desse conhecimento específico num ambiente mais geral; superação da fragmentação do conhecimento em direção ao holismo, ao interrelacionamento dos saberes, a interdisciplinaridade; identificação, exploração e respeito aos novos espaços de conhecimento (telemática); domínio, valorização e uso dos novos recursos de acesso ao conhecimento (informática); abertura para uma formação continuada.

Quando se fala em formação continuada precisamos ter clareza sobre o que significa realmente *formação* e de que forma ela ocorre. Percebe-se então quão profundo e importante é este conceito, quando relacionado aos profissionais da educação, devendo constituir-se em espaço de produção de novos conhecimentos, de troca de saberes, de repensar e refazer a prática do professor, construindo novas competências para o educador.

Há sentido de falarmos em formação? A insistência não passaria de uma utopia idealista diante das necessidades pragmáticas da sociedade do mercado? Há que se resgatar seu sentido “pedagógico” (*bildung*), por vezes tão criticado por aqueles que desfecham discursos impregnados de “modernismos”, onde o mesmo não passa de elenco de informações, que mais deformam do que formam, até mesmo porque o termo “formação”,

nesta concepção, acaba por estar mais vinculado a um saber fazer profissional do que uma sólida formação profissional. “Poderia se dizer que, em sua acepção mais habitual, ela remete a um processo de preparação, às vezes genérica, às vezes especializada, com a intenção de capacitar os indivíduos para a realização de certas atividades.” (ZABALZA, 2004, p. 38).

Formação adquire importância na medida em que está vinculada a crescimento e a aperfeiçoamento das pessoas, ou seja, “[...] os processos deliberados que visam influenciar, direta ou indiretamente, as pessoas no que tange ao processo de construir a si mesmas.” (ZABALZA, 2004, p. 39). Em síntese, a ação dos elementos que compõem a vida acadêmica deveria garantir aos estudantes diferentes dimensões formativas, dentre as quais poderíamos destacar três: dinâmica geral do desenvolvimento pessoal; aprimoramento dos conhecimentos e capacidades dos indivíduos e referência ao mercado de trabalho. Em outras palavras, contribuir para refinamento da sensibilidade humana e aumentar as possibilidades dos sujeitos se construírem como seres em processo na dimensão pessoal e profissional.

3 O TRABALHO DO PROFESSOR ENQUANTO DIFERENCIAL PARA A APRENDIZAGEM DO ALUNO

O desenvolvimento da pesquisa⁵ utilizou para coleta dos dados entrevista com gestores de três escolas com finalidade de buscar percepções sobre o desempenho do professor. Objetivou investigar a importância da formação dos professores e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem do estudante. A coleta abrangeu doze (12) sujeitos⁶: diretores, vice-diretores, coordenadores pedagógicos e orientadores educacionais de duas escolas da rede pública municipal e uma particular, localizadas no Alto Uruguai Gaúcho. As escolas foram escolhidas com o objetivo de ter amostra significativa e fidedigna que permitisse verificar, em diferentes realidades, as percepções sobre o trabalho do professor.

a) A formação do Professore⁷

Abordamos a formação do professor para encontrarmos elementos com a finalidade de estabelecer comparativo entre formação do professor e atuação ou desempenho como docente. As respostas enfatizam a importância da boa formação do professor, no entanto, não deixam

⁵ Esta pesquisa está registrada no Comitê de Bioética da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI. Os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre esclarecido.

⁶ A escolha dos sujeitos foi dirigida para quem ocupava o cargo citado no momento da pesquisa. Para evitar a identificação e exposição dos sujeitos que participaram da pesquisa utilizamos letras como forma de fazer referência aos mesmos, sem nos preocuparmos com a diferenciação entre escola particular e pública, pois este não é objeto deste estudo.

⁷ Para coleta de dados utilizamos uma entrevista-roteiro e as respostas foram gravadas. Os dados foram trabalhados a partir da definição de categorias de análise, que serão tematizadas na sequência.

de mencionar lacunas e aspectos que devem ser melhorados. *Quanto à formação dos professores vejo como um aspecto fundamental para o exercício da docência. Sabe-se que muitos professores não possuem esta visão e passam anos sem buscar um aperfeiçoamento*⁸. (Sujeito D).

Os sujeitos apontam que a formação teórica está coerente e apropriada, mas constataam necessidade de mais atividade prática quando do período da formação. Também verificam falta do exercício de escrita e elaboração. Para Demo (2004), cada vez mais exige-se que haja elaboração com mão própria se quisermos chegar ao conhecimento e ao saber pensar do aluno. *O que realmente está faltando é a prática de aulas, isto é, os professores têm conteúdos, falta como apresentar isso aos alunos, como ter a habilidade de “manejo” do conhecimento e do aluno.* (Sujeito F). “Um bom projeto instrucional é aquele que aproxima os diversos componentes da aprendizagem em vez de distanciar uns de outros ou deixar que funcione cada um por sua conta.” (POZO, 2002, p. 90).

A perspectiva de formação global do estudante é lembrada quando os sujeitos expressam que o professor ainda olha muito para sua disciplina ou para aspectos isolados da vida e do conhecimento do estudante, sem cuidado maior com a totalidade que é o ser humano. Nesta direção Zabalza (2004) enfatiza afirmativamente que, cada vez mais, busca-se um tipo de formação que permita um desenvolvimento global da pessoa, potencializando sua maturidade e sua capacidade de compromisso social e ético. *Hoje o que se busca dentro de uma escola é proporcionar uma educação integral aos alunos, e nisso as nossas instituições de formação de professores muitas vezes falham.* (Sujeito J).

Como estratégica diante das transformações na ciência, na tecnologia e na produção do conhecimento foi referida a formação continuada. A percepção dos sujeitos é que isso não se constitui como máxima definitiva entre professores, muitos não perceberam como algo intrínseco a seu trabalho e agem com certo descaso em relação a este aspecto da profissão. *Também vejo que toda a formação depende do sujeito estar ou não comprometido com a profissão.* (Sujeito A)

Para os gestores entrevistados, vivemos numa sociedade complexa em que inúmeras transformações vêm ocorrendo e questões consideradas básicas como a educação, limites, disciplina, valores morais e éticos, dentre outros, acabam sendo vistos pelas famílias como responsabilidade única da escola. Estabelece-se uma cisão entre educar e aquisição de

⁸ Para diferenciar as falas dos sujeitos das citações de autores utilizaremos o recurso de letra itálico.

conhecimento, pois percebem o [...] *educar, sobretudo, como função social da família e construir conhecimento como função social da escola.* (Sujeito C).

b) Abordagem metodológica do professor

O domínio do conhecimento é importante, mas a forma como o conhecimento é transmitido, linguagem utilizada, recursos, exemplos, enfim, o que costumeiramente chamamos de recursos metodológicos do professor são determinantes, pois podem inibir ou auxiliar a aprendizagem do estudante. Todos os sujeitos da pesquisa acreditam que estímulo e incentivo estão associados ao método utilizado pelo professor, e que deste depende seu sucesso. Ressaltam diferenças entre modos de aplicar e organizar aulas de um professor para outro. *As diferenças entre metodologias de um e outro professor são visivelmente percebidas. Existe o professor que busca novos caminhos, alternativas para que a aprendizagem ocorra. Outros, no entanto, não buscam recursos diferentes e usam sempre as mesmas metodologias e, portanto, não estimulam os alunos à pesquisa.* (Sujeito B).

O desafio da formação dos professores [...] é ter uma orientação distinta para sua função, é transformá-los em profissionais da “aprendizagem”, em vez de especialistas que conhecem bem um tema e sabem explicá-lo, deixando a tarefa de aprender como função exclusiva do aluno, o qual terá de esforçar-se muito até assimilar, de fato, o que o professor lhe ensinou. (ZABALZA, 2004, p. 169).

A metodologia utilizada pelo professor é o diferencial perante a classe, é a partir dela que estudantes vão sentir prazer ou não pelo estudo abrangendo não somente o planejamento, mas a interação com os discentes. *Cada professor tem uma maneira diferente do fazer pedagógico, que vai desde o tom de voz, afetividade, capacidade de síntese, domínio do conteúdo, criatividade das aulas, organização, trato pessoal. Em outras palavras cada professor tem a sua “imagem”.* (Sujeito I).

A importância da metodologia fica evidente quando os sujeitos da pesquisa mencionam o valor e a interação do professor diante da aprendizagem da turma. *O professor bem preparado envolve os alunos, torna as aulas mais agradáveis e conseqüentemente há mais interação e aprendizagem. Quando não inovam os alunos cansam e não há motivação para a aprendizagem.* (Sujeito A).

c) Fatores da atuação diferenciada do professor

A falta de motivação dos professores foi referida pelos respondentes como uma das causas pelas quais não se sentem encorajados a buscar qualificação e inovação nas suas

práticas. *A falta de incentivo dos governantes representa um desestímulo para suas carreiras e se acomodam de forma a não buscar novas metodologias.* (Sujeito C).

Excesso de trabalho e baixa remuneração os faz desacreditar da profissão. Fatores externos e internos levam-nos ao desencantamento, tais como [...] *acomodação, salário baixo, não busca de formação continuada, alta carga horária.* (Sujeito E). Infelizmente a imagem que se faz do professor e de sua valorização, seja ela através da remuneração ou do reconhecimento social, é vergonhosa, porém cabe à categoria trabalhar para desconstruir esta percepção de senso comum através do comprometimento social e da redescoberta pelo prazer do exercício da docência. Para Savater (2000, p. 23), o trabalho de educar deve estar imbuído de esperança, pois enquanto “[...] educadores, porém, não nos resta outro remédio senão sermos otimistas, infelizmente.” Pois, [...] *o primeiro fator que diferencia o professor em sua atuação é a questão pessoal mesmo. É a formação pessoal, ética, profissional. Geralmente os alunos se aproximam mais por quem é mais empático, tem melhor humor, pois se consegue maior resultado quando se trabalha com alegria.* (Sujeito G).

d) Causas do bom desempenho do professor em sala de aula

A diferença entre a fala dos professores e sua forma de agir é fator de grande impacto na educação e no desempenho do estudante. Torna-se fundamental ter disponibilidade de material, acesso fácil às tecnologias, realizar passeios históricos e culturais, adotar bons livros e ter número adequado de estudantes em sala de aula, mas estas não são as principais causas do sucesso dos discentes nos estudos. O bom desempenho também passa pelo professor e a forma como ministra as aulas. *O professor, assim como outra profissão precisa mostrar empenho, dedicar-se ao que faz, motivar-se, ir em busca de respostas, estar atento e preocupado com problemas de seus alunos, mostrar-se flexível e disponível, estar constantemente buscando formação continuada, por isso acho que não existe um segredo, mas várias características que fazem do professor alguém inspirador e que faz a diferença .* (Sujeito H). De acordo com Demo (2004), o bom professor consegue conversar com o aluno de tal sorte a lhe mostrar que seu desempenho não é satisfatório, procura entender as razões do mau desempenho, e, sobretudo, apresenta-se como apoio para resgatar as oportunidades.

Boa formação docente permite que ele adquira confiança e gosto pela pesquisa que abre portas para o desenvolvimento humano e profissional. *O que determina um melhor desempenho do professor em sala de aula são as inquietudes, o planejamento e a busca constante de aperfeiçoamento, leituras, pesquisas, trocas de experiências e o comprometimento com a educação.* (Sujeito F).

Afinidade com o que faz é determinante para que professores transformem as crianças em aprendizes exitosos, pois atitudes do professor serão refletidas em sala de aula. [...] *além do domínio de conteúdo é fundamental a criatividade, o uso de vários meios pedagógicos – para ter aulas bem preparadas. Para isso é preciso afinidade com o que se faz.* (Sujeito J).

e) Planejamento e organização didática do professor

Rivero (2004), considera que dentro dos parâmetros atuais faz-se necessário formar professores que venham refletir sobre a própria prática, na expectativa de que possam analisar e interpretar a própria atividade didático-pedagógica, tornando a reflexão instrumento de desenvolvimento de pensamento e ação. O planejamento conduz a ação do professor. *Se o professor planejar suas aulas estando convicto dos objetivos que deseja alcançar com aquela aula é certo que haverá aprendizagem por parte dos alunos.* (Sujeito A). Segundo Pozo (2002) não haverá aprendizes estratégicos sem mestres estratégicos.

Se os mestres não concebem seu trabalho de ensinar ou instruir como uma tarefa complexa e aberta, como um problema, diante do qual é preciso adotar estratégias conforme as metas concretas, se ensinar é uma tarefa monótona [...] em vez de uma tarefa diversificada e divertida, dificilmente os aprendizes abandonarão a rotina de aprendizagem monótona. (POZO, 2002, p. 244).

Administrar o tempo e agir com flexibilidade são alternativas para satisfazer diferentes exigências encontradas em meio a tanta diversidade. *Porque a sala de aula é heterogênea. Portanto nem todos aprendem de forma igual* (Sujeito L), ou seja [...] *o professor como orientador e facilitador, determina meios e ações que possibilitarão ao aluno maior ou menor trânsito nas respectivas áreas do conhecimento.* (Sujeito D).

f) Mudanças necessárias na formação do professor e na forma como desenvolver seu trabalho

Diante de mudanças e avanços educacionais, cabe também às instituições de formação de professores reestruturarem ou reformularem seus objetivos, teorias, currículos e práticas para suprir demandas da sociedade. Formar professores é ousar, na ótica de Savater (2000) a educação é valiosa e válida, mas também é um ato de coragem, um passo à frente da valentia humana.

A maior queixa dos professores atualmente é a dicotomia teoria-prática em sala de aula, muita coisa do que aprendem está muito distante da realidade que encontram. *Os cursos de formação de professores, além de fornecerem informações teóricas, deveriam ter preocupação maior quanto a prática pedagógica desse aluno, depois de formado, dentro da sala de aula.* (Sujeito B).

Estágios e práticas em sala de aula, durante a formação acadêmica, são fundamentais. Para os respondentes, se os acadêmicos pudessem vivenciar durante tempo considerável a experiência de ser professor evitaria possíveis frustrações futuras. *Hoje para ser professor precisa primeiramente passar por formação acadêmica. Mas nem sempre a pessoa que termina o curso está pronta para enfrentar a sala de aula. Muitos fazem o curso por não ter outra opção ou por necessidade vão para as escolas e fracassam na sala de aula. Afirmo isso porque percebo que teoria e prática são bem distintas. As entidades formadoras deveriam acompanhar mais os estágios e estes, estenderem-se por mais tempo, pois isso permitiria que professor decidisse se está na profissão certa. Vejo muitos colegas frustrados porque não gostam do que fazem e estão na escola pela estabilidade.* (Sujeito D).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação inicial e continuada é indispensável e decisiva para professores, pois dessa forma se preparam para enfrentar dificuldades, adversidades e diversidades que possam aparecer durante a vida profissional, porém é necessário que cada sujeito se comprometa com a qualificação tendo em vista sua necessidade e urgência. Estímulo e prazer pelo aprender, demonstrados pelo aluno, são, também, consequência dos bons exemplos dos mestres.

Outra consideração importante a ser descrita diz respeito à metodologia dos professores, pois somente possuir conhecimento sem saber de que forma transmitir, com clareza, para os estudantes produz pouco efeito no que diz respeito à aprendizagem. Um excelente profissional busca estratégias e diferentes metodologias para levar os estudantes à obtenção do saber que desejam, sem medir esforços.

Muitos dos entrevistados responsabilizam instituições formadoras de professores pela incapacidade de professores obterem êxito depois de formados, alegando que teoria e prática estão distantes, ou são insuficientes. Cabe, portanto, às escolas formadoras reflexão e exame acurado sobre seu trabalho para que seja, se necessário, reorientado dentro das perspectivas que o contexto deste século exige. Também cabe questionamento aos respondentes: é possível separar teoria e prática? Mas isso já seria objeto de produção de outro debate e outro texto.

Dentre todos os fatores elencados é unânime, entre professores, falas de amor, carinho e respeito pela profissão. Charlot (2005) considera que o trabalho do professor não é somente transmitir ou fazer aprender saberes, mas por meio dos saberes, humanizar, socializar, ajudar o sujeito singular acontecer. Gostar do que faz é uma forma de contagiar os discentes, estimulando-os e dando sentido ao conhecimento. Quando o estudante sente que seu educador trabalha com alegria, disposição e comprometimento se considera valorizado e acolhido.

Formação inicial e continuada, metodologia, planejamento e organização didática, acompanhadas de reconhecimento, respeito e condições de trabalho favoráveis são imprescindíveis para o bom trabalho do professor e para a aprendizagem do estudante. Trabalhar em ambiente de profícuo, com comprometimento e motivação estimula o professor e conseqüentemente os estudantes. Portanto, para se ter educação com qualidade e aprendizes envolvidos deve-se ampliar o investimento na formação de professores, pois é de entendimento comum de que são, em grande parte, os grandes responsáveis pela vida escolar de cada estudante que entra em sua sala de aula, como já se havia escrito antes, fracasso escolar não é culpa do professor, mas é, certamente, problema com o qual ele tem que se preocupar.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **Novas maneira de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ARROYO. M. G. **Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CLAXTON, G. **O desafio de aprender ao longo da vida**. Porto alegre: Artmed, 2005.
- DEMO, P. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- GROSSI, E. **Como areia no alicerce: ciclos escolares**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- MARCHESI, A. **O que será de nós, os maus alunos?** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- MASETTO, Marcos Tarciso. **Pós-Graduação e formação de professores para o 3º Grau**. São Paulo: 1994 (mimeo).
- MORGAN, Clifford T. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.
- NOGARO, Arnaldo. A escola como espaço de aprendizagem. **Revista Filosofazer**. Passo Fundo: Berthier, v 14, n. 26, 2005.
- PORTILHO, Evelise. **Como se aprende?** Estratégias, estilos e metacognição. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- POZO, I. **Aprendizes e mestres: uma nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- RIVERO. C, GALLO, S. **A formação de professores na sociedade do conhecimento**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

SAVATER, F. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SENGE, Peter M. **Uma nova educação para uma nova era**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

TREVISOL, Jorge. **O reencantamento do humano**: processos de ampliação da consciência na educação. São Paulo: Paulinas, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ZABALZA, Miguel. **O ensino universitário**: seus cenários e seus protagonistas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

ÉTICA DO CUIDADO: SIGNIFICAÇÃO DO SER-NO-MUNDO

Ilíria François Wahlbrinck¹

A ética do cuidado origina-se no pensamento de Heidegger, filósofo do existencialismo (1889-1976), que propõe que “Por sua essência, o ser no mundo é cura” (HEIDEGGER, 2008, p. 260). Entendemos que a compreensão de ser no mundo como ser de cura leva à compreensão e ao cuidado de si e do outro por nele e com ele o eu poder ser, uma vez que ser humano é relacionar-se de forma complementar. Nessa dimensão, cabe salientar a importância do *DASEIN*² próprio e individual de cada ente (em sua dimensão de ser), mesmo porque “Cabe a cada pessoa dar os primeiros passos; e isso depende exclusivamente dela.” (MORIN, 2010, p. 65). Pertinente se faz, portanto, compreender a dimensão do “Conhece-te a ti mesmo” de Sócrates (469 – 399 a. C.) como um convite à grandiosa temática do cuidado como essência do ser no mundo. Este, ao interrogar os homens, “os faz tomar consciência de sua ignorância a respeito dos valores que dirigem sua vida [...]. O cuidado de si não tem sentido senão na perspectiva do cuidado dos outros: é preciso cuidar de si, para poder engajar-se na vida *política*.” (KIERKEGAARD apud HUISMANN, 1997, p. 16).

Na compreensão de Heidegger, “o ser da presença diz anteceder-a-si-mesma-no-já-ser-em-(no mundo)-como-ser-junto-a (os entes que vêm ao encontro dentro do mundo). Esse ser preenche o significado do termo *cura*” (KIERKEGAARD apud HUISMANN, op. cit., p. 259-60), pois implica em relacionalidade, complementaridade. A perda de conexão com o todo seria a falta de cuidado, falta da condição essencial que nos caracteriza como *DASEIN/ser-aí* ou que nos concerne a humanidade como atributo maior de nossa existência. Não obstante, a humanidade parece confusa exatamente no que se refere ao seu essencial como humanidade, o que a faz incorrer no equívoco do descuido. Existindo confusão e equívoco, precisa-se compreender onde reside a confusão, em que consiste o equívoco para,

¹ Pesquisadora do Núcleo de Estudos Filosóficos na URI – FW. Bolsista de extensão no Projeto Vida: questão ética e de cuidado, sob a orientação do Professor Claudionei Vicente Cassol, na URI – FW. Email: lia_iliria@hotmail.com.

² O termo *DASEIN* (traduzido, em português, pelo termo *presença*), usado como axioma por Heidegger, expressa a preocupação com a compreensão de qual seja a significação do ser na dinâmica complexidade da existência. A partir do *DASEIN*, o filósofo procura demonstrar que a existência é a especificidade do ser humano que “lançado no mundo de maneira passiva, pode tomar a iniciativa de descobrir o sentido da existência e orientar suas ações em direções as mais diversas.” (ARANHA, MARTINS, 2000, p. 305). Sem poder ser adequadamente traduzido, o termo é usado como *ser-aí* ou *presença* carecendo, muitas vezes, de sentido e significado a partir da tradução. Sem significar, originalmente, na visão heideggeriana, um substantivo, mas um verbo, carregado de sentido ontológico, preferimos usar, em sua tradução, a expressão *ser-presença*, como pode ser observado adiante.

só então, traçar metas e definir direções na correção de rumos. Assim, para que possamos nos empenhar pela revitalização de uma ética que permita dar um salto de qualidade, de convivência e de paz, entendemos que precisamos repensar o paradigma ora vigente e hegemônico, que não prioriza relacionalidade e, então, caracterizarmos o cuidado como essência humana, pois ele “é o conceito unificador da condição humana e exprime a natureza de nossa existência enquanto existimos no mundo com os outros.” (GILES, 1989, p. 104).

A busca pela redefinição de valores e de princípios que possam conduzir-nos a uma existência mediada pelo senso de responsabilidade, em que saibamos, antes de tudo, discernir entre o falso e o verdadeiro para, assim, poder posicionar-se é a revitalização de princípios tidos como universais e que nos auxiliam no estabelecimento de algumas prioridades que contemplem a relacionalidade e a complementaridade na vida em comunidade. A atual realidade que vivemos faz com que, apesar de sermos unidade, nos entendemos reduzidos a partes, muitas vezes separadas e isoladas de um todo maior e, até mesmo, de si entre si. Sequer nos damos conta, assim, de que, dada à complexidade da existência, não se pode isolar uma parte do todo e nem mesmo uma parte de outra parte se quisermos manter o todo. Se quisermos ser integrativos em termos de mentalidade e de vivência, de práxis, necessitamos buscar a percepção e compreensão do real a partir da totalidade, que não permite compartimentação, isolamento e exclusão. Afinal

O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições do todo. Marcel Maus dizia: “É preciso recompor o todo”. É preciso efetivamente recompor o todo para conhecer as partes. (MORIN, 2002, p. 37).

Falar de ser no mundo como ser de cuidado nos faz refletir sobre a essência do humano e sobre o essencial no humano como individualidade e como coletividade em seu respectivo meio. Estará, então, a própria humanidade em crise (no perceber-se, compreender-se e, também, no relacionar-se, expressar-se)? Terá a humanidade se desviado do que a caracteriza? Será possível a revitalização da humanidade a partir da compreensão do ser no mundo como ser de cuidado? Estaríamos na premência de uma ética que nos impila a cuidar não do que temos, mas do que somos? Ou estaríamos a alimentar fantasias acerca de conceitos antropológicos? Seria a humanidade deletéria, sem compreender que a saída, diante da crise, é “transformar o inimigo em ego-alter/alter-ego.” (MORIN, 2010, p. 57). Procurando favorecer a compreensão do *cuidado à vida* entendemos que, apesar do grande avanço tecnológico da atualidade, não avançamos no que se refere ao cuidado da vida e ao desenvolvimento da humanidade no que a caracteriza essencialmente, uma vez que “Para

poder viver, é preciso saber, mas a vida é superior em valor, ao saber e o saber, embora torne a vida possível, não conduz à verdade!” (GILES, 1989, p. 118). Em outros termos,

[...] buscaram-se, na verdade, as vias do progresso, do bem estar e da salvação sobretudo fora de nós, e não já no melhoramento daquilo que nós mesmos somos, dos nossos modos de pensar e de agir. O homem moderno é capaz de transformar tudo, mas esquece de desenvolver a si mesmo (PECCEI apud BELLINO, 1997, p. 82).

O momento de crise em que vivemos é também um momento em que conceitos e valores estão a ser revistos num esforço por conduzir a humanidade a uma visão de cooperação e solidarismo, de complementaridade. Na realidade, observamos um franco processo de perda dos valores de cuidado à vida, princípios que são parte da cultura humana. Observa-se que, ao invés de evoluirmos para uma sensibilidade a favor da vida, acontece um embotamento, uma verdadeira *cauterização da consciência* e a consequente banalização do mal. Se, por um lado, tal cauterização acontece e daí decorre a falta de perspectivas no que tange à ética do cuidar, por outro, sobram soluções associadas, via de regra, ao individualismo e ao consumismo, seja na forma de produtos ou de comportamentos (intra e inter-humanos, onde o próprio ente e também o outro é apenas um meio e não um fim). Estabelecermos diversas e diferentes crises nos fará andar de crise em crise, correndo o risco de estabelecermos, até mesmo, uma “hierarquia das crises” sem, no entanto, abordarmos o que realmente nos importa. Não se trata de, simplesmente, arremeter a essa ou àquela crise (crise do saber, crise da economia, crise da política, crise da educação etc.), mas à crise do *DASEIN*/ser no mundo ou do ente em sua dimensão do ser. Um ser (ente) que só se constrói na alteridade e na complementaridade, a partir da compreensão de seu sentido e significação de *já-ser-(no-mundo)-como-ser-junto-a-para*³ e de uma ética de cuidado de si e do outro, que compõe, **essencialmente**, o autêntico do ser humano. Decorre, daí, que talvez estejamos frente à necessidade de um novo tipo de *homo*? Talvez um *homo-cura*⁴? Um *homo* que, graças à resolução, se liberta do impessoal (ditador onipresente dos afazeres humanos) e, ao *ser-presença*:

³ A junção de termos proposta por Heidegger expressa a compreensão de que a existência é um sempre *já-ser* em sendo, à medida em que se é, bem como um *ser-em* algum tempo e lugar, o que não se dá sem um *ser-com* os outros junto a quem se pode ser. Assim, o *ser-no-mundo* implica em temporalidade, espacialidade e modalidade. No ano de 1923, ele afirma que o cuidado é o “como do ser ‘em’ [o mundo]” e este “ser-em” é um “viver *do (aus)* mundo”, isto é, a partir do mundo enquanto “aquilo que encontramos ao estar-ocupados” (HEIDEGGER, 1988, p. 86). O mundo em que nos encontramos (já de sempre) e que (de cada vez) vem ao nosso encontro é, pois, à partida, “das Besorgte”: é com ele que temos de nos “arranjar”, fazendo pela vida entre as coisas e com outrem.” (DUARTE, 2010, p. 123).

⁴ Isso dito, considerando-se que “humanismo é isto: meditar e cuidar para que o homem seja humano e não desumano, inumano, situado fora de sua essência” (HEIDEGGER, 2005, p. 17).

Deixa de pertencer ao público no sentido de submeter-se a um processo em que cada um, numa atitude de conformismo necessário, se deixa dominar pelos usos estabelecidos, juízos e opiniões, assimilando-se nas formas gerais da existência. [...] A resolução constitui a lealdade do ser-aí a si próprio. [...] A resolução liberta o ser-aí do impessoal, dando-lhe possibilidade de ser mais autêntico em suas possibilidades. [...] É a resolução que soluciona o problema da unidade do ser-aí, e fundamenta a diferença entre o ser-aí autêntico do inautêntico (GILES, 1989, p. 108).

O dito implica em empenho por uma (nem tão⁵) nova visão de pessoa e de mundo. Um jeito, modo, forma de *ser-presença*⁶, uma mudança na forma de pensar e de posicionar-se em si e no mundo, o que se dá pela decisão do assumir-se trazendo, como consequência, a autenticidade do *DA-SEIN*. É precisamente pela resolução que o *DASEIN* se autentica e revoluciona, dinamiza, constrói e transforma, complementa, tornando-se verdadeiro em *já-ser-(no-mundo)-como-ser-junto-a-para*. Diante da crise, na busca por soluções, (re)surge a perspectiva do cuidado, tendo como base o nosso modo de ser no mundo. O termo *DASEIN* consiste no modo em como o ser humano constrói a si e ao mundo, através da sua relação com ele. O ente foi introduzido no mundo e dele pode distanciar-se, bem como com ele estar em contato. O ser no mundo heideggeriano, é um *DASEIN* que consiste na “própria possibilidade para o homem de interrogar o ser, ao mesmo tempo em que a condição para que o ser esteja presente e seja interpretável. [...] O homem é *Dasein* naquilo que *ele faz ser o ser...*” (HUISMAN, 2001, p. 103). Ou seja, não se trata de **ser algo no mundo**, mas de **ser no mundo**.

DASEIN, em nossa compreensão, portanto, para ser corretamente compreendido, deve ser traduzido como “*ser-presença*”. Um ser que acontece e se efetiva na presença como ser que só pode ser, de forma autêntica, a partir da cura e através do cuidado. Uma presença que se torna real e concreta, definida no aqui e no agora, em que a cura se torna fonte e o cuidado se torna imperativo e sentido desse ser. Isso porque o ser do Ser⁷ é cura, cuidado (terapêutico,

⁵ Quando usamos o termo assim colocado, queremos deixar claro acreditarmos ter já havido e continuar a haver tal forma de pensar, refletir, ver, ser, sentir, viver ainda que de formas mais ou menos isoladas e não totalmente integradas. O atual acirramento entre os seres humanos e o fenômeno do descuido, omissão, descaso e negligência parece-nos nem sempre ter sido tão letal na história da humanidade justamente por ter havido uma forma de pensar, de ser e de viver que precisa ser rebuscada, revitalizada em sua essência e reinterpretada no atual contexto em que vivemos.

⁶ Ver nota 2.

⁷ Quando optamos pelo Ser iniciado por maiúscula, referimo-nos à gênese do ser. Ao que transcendentalmente envolve o transcendente de tal forma que o fundamenta e torna possível uma autêntica existência em sua manifestação, pelo *DASEIN*, caracterizado pelo ser-no-mundo, como ser do ente no imanente. Esse Ser deve ser entendido segundo suas propriedades transcendentais de unidade, verdade e bondade. Tais propriedades, por sua vez, devem ser pensadas como universais: presença do Ser transcendental no imanente, ou seja, presença do Ser no ente, que se dá, efetivamente, na imanência, na existência (mediada pelo *DASEIN* como cuidado que, por ser-no-mundo, transcende, por sua vez, o ente). Esse ser transcende a própria realidade de tal forma que, embora se manifeste na imanência, não se reduz ao ser existencial, embora só por este possa ser experienciado (do ponto de vista humano).

em sua essência). Esse *ser-presença* não pode ser de forma estática ou estanque; requer dialética e dinamismo – transcendência - pois só assim configurará práxis terapêutica, cura. Também não pode ser de forma isolada, requer relacionalidade, efetiva-se na alteridade, na complementaridade.

Cuidar é, pois, uma questão de ética, uma ética que parte de uma (nem tão) nova ótica, onde o ser humano cuidar de tudo e de todos, numa forma complexa de ser no mundo e não somente nele estar. Tal ética é possível a partir de um autêntico olhar para si mesmo, na construção de uma (nem tão) nova visão e conduta humana nas relações consigo mesmo, com o meio e com o outro. E, então, estaremos entendendo a ética do cuidado como uma questão de atitude ou de moral, caminhos para a cura e o resgate da essência humana, a essência do ser, que torna possível, de fato e de verdade, o ser-presença. Ao nos remetermos aos termos acima, compreendemos como essencial ao humano, o cuidado, a cura que, no trânsito da vida, requer racionalidade e elaboração ética. Cícero supõe três elementos no humano, a saber: “1. Aquilo que define o homem como homem, 2. aquilo que vincula o homem a outro homem e aos homens em geral e 3. aquilo que forma o homem como homem” (apud RIBEIRO, 1985, p. 9). Os três elementos supõem uma construção intersubjetiva, numa relação complexa, fazendo-nos repensar a ética como “o mister do homem” (ARISTÓTELES apud BELLINO, 1997, p. 21) e conceder-lhe status de essência. Talvez isso nos pareça estranho, pois que podemos encontrar-nos como que anestesiados diante de uma visão de mundo que insiste em afirmar o biológico em detrimento do espiritual. A modernidade nos faz cair em verdadeiras pseudovisões, pois

No mundo moderno, com a transformação da perspectiva religiosa do homem em perspectiva científica, verificou-se uma mudança em nossa visão: de uma visão espiritual do ser humano como agente responsável no mundo, para uma visão biológica do homem como organismo reagente submetido a forças biológicas e sociais. [...] Enquanto na perspectiva religiosa o homem é agente responsável, na perspectiva científica o homem é um organismo não responsável que não age, mas exprime as conseqüências dos impulsos, ou pulsões, instintos etc. O autocontrole moral cede lugar à necessidade de controles externos... (CANABARRO apud BELLINO, 1007, p. 12).

A questão representa, por assim dizer, uma revitalização do essencial ao ser envolvendo o cuidado como ethos. Tal princípio “reside na Sorge, na preocupação ou cuidado [...] e nos torna responsáveis pelo outro, seja ele um ser humano, um grupo social, a natureza, etc. [...] A nova ética... é a responsabilidade pelo futuro” (SANTOS, 2009, p. 112). É responsabilidade do ser-presença no aqui e agora da existência, em que o *DASEIN* se torna imperativo básico e inegável. Não se trata de estabelecer novos paradigmas, em substituição aos antigos ou ultrapassados, mas em empenhar-se por uma (nem tão) nova forma de pensar e,

consequentemente, de agir. Ou seja, um (nem tão) novo jeito de ser e de viver: diante da complexidade da existência, não há como eliminar o ineliminável, nem mesmo fragmentar o infragmentável ou simplificar o complexo. Tornou-se, pois, verdadeiro imperativo na atualidade um jeito, uma forma de pensar e de viver, um *modus vivendi*, um *ethos*, um ser-presença baseado no cuidado e que contemple a complexidade da existência, da vida. Assim, faz-se necessário “substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une. É preciso substituir um pensamento disjuntivo e redutor por um pensamento do complexo, no sentido originário do termo *complexus*: o que é tecido junto.” (MORIN, 2000, p. 89).

Empenhar-se por traçar inter-relações, numa visão integrativa, onde o todo se recomponha sem que as partes deixem de ser, afinal, é resignificar o *DASEIN* como ser-presença, que “pretende referir-se a um fenômeno de unidade” (HEIDEGGER, 2008, p. 98). Assim, empenharmo-nos por um pensamento complexo significa, também, vislumbrar a (re)significação do conhecer que “é um modo da presença fundado no ser no mundo” (Idem, p. 109) e do ser uma vez que “o ser da presença deve tornar-se visível em si mesmo como cura” (Ibidem, p. 103). Já que “O enfraquecimento de uma percepção global leva ao enfraquecimento do senso da responsabilidade [...] bem como ao enfraquecimento da solidariedade – ninguém mais preserva seu elo orgânico com a cidade e seus concidadãos” (MORIN, 2010, p. 18), tornamo-nos vítimas do pensamento fracionário da tecnociência burocratizada (que dissocia, fragmenta e reduz) e do pensamento fechado (que recorta, exclusiviza e exclui).

A percepção sobre a premência de uma verdadeira reforma de pensamento que contemple a unidade a partir da complexidade e que se efetive no ser-presença bem como o estabelecimento de algumas prioridades baseadas em princípios universais para a vida em comunidade pode levar à promoção do circuito a fim de fazer comunicar as instâncias separadas, pois ser-presença é sempre *já-ser-em-como-junto-a-para*. Necessitamos encontro, troca, abertura, relacionalidade, competência (que se exprime na solidariedade, na responsabilidade, na complementaridade), pois somente a partir do cuidado saberemos dar respostas diante da crise que exige não só estratégia, mas serendipidade⁸. Necessitamos de

⁸ *Serendipidade*, também conhecido como serendipismo, serendiptismo ou ainda serendipitia, é um neologismo que se refere às descobertas afortunadas feitas, aparentemente, por acaso. A história da ciência está repleta de casos que podem ser classificados como serendipismo. O conceito original de serendipismo foi muito usado, em sua origem. Nos dias de hoje, é considerado como uma forma especial de criatividade, ou uma das muitas técnicas de desenvolvimento do potencial criativo de uma pessoa adulta, que alia perseverança, inteligência e senso de observação. O cientista francês Louis Pasteur (1822-1895) dizia: “O acaso só favorece a mente preparada”. Morin usa o termo em sua obra *A cabeça bem feita*, p. 62.

uma (nem tão) nova forma de pensar, que leve a um (nem tão) novo jeito de viver, possível pelo ser-presença como ser de cura. Um modo de pensar capaz de unir e solidarizar pensamentos distintos e diferentes e que possa desdobrar-se em uma ética de união e solidariedade, verdadeira complementaridade, favorecendo o senso de responsabilidade e de cidadania na construção de uma vida digna e decente para todos/as.

DASEIN - ser-presença - é, portanto, ser aberto, capaz de estabelecer relacionalidade, assumir responsabilidade por suas escolhas e contribuir no processo de libertação de si mesmo e de seus semelhantes. É esse, em nossa compreensão, o significado de ser-presença de responsabilidade. Uma responsabilidade que move à *já-ser-no-mundo-como-junto-a*, pois “A responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que, *humanamente*, não posso recusar” (LÉVINAS, 2007, p. 84). Se considerarmos que “A pessoa é para os outros e também nos outros, para o mundo e no mundo, antes de ser em si” (MOUNIER apud BELLINO, 1997, p. 118), remetemo-nos à reflexão sobre alteridade. Derivado do latim *alther*, o termo refere-se à condição de outro em relação ao eu. A ética do cuidado é, pois, uma ética da responsabilidade, onde o humano recebe significado e sentido no ser-presença-responsabilidade para consigo mesmo e para com o outro (sem esperar reciprocidade). Manifestada na alteridade, pela responsabilidade, é o verdadeiro advento do ser-presença (e então novamente lembramos de Cícero e dos 3 elementos que compõem o humano). Numa realidade quebrada pelo materialismo mecanicista, fragilizada pelo reducionismo compartimentista, ela é promotora de transformação pelo ser-presença. Onde a manipulação insiste em afirmar a uniformidade (a partir de um modelo exclusivo e que conduz ao conformismo e ao comodismo) em detrimento da diversidade, é o ser-presença, marcado e profundamente encharcado, *essencialmente* pela cura, que resgata o direito à igualdade (contrário à uniformidade) e conduz à autonomia pela complementaridade.

Compreender a ética do cuidado como ética da responsabilidade é vê-la ocupar-se não só de manter e conservar o que está bom, preservar o meio em que se vive ou mesmo promover a saúde, mas de transformar criativamente a crise em possibilidade (não só manter e preservar, mas, também, promover e transformar) de cuidado da vida e do viver. Não obstante, não há como empenhar-se por uma transformação criativa sem antes, passar por uma transformação de/em essência o que, em nossa compreensão, significa assumir-se como ser-presença no que de mais essencial nos caracteriza: a cura, o cuidado. Assim, é na responsabilidade, a partir do cuidado, que o ser-presença encontra e recebe sentido e significado para, efetivamente, poder *já-ser-no-mundo-como-junto-a-para*. *DASEIN* – ser-presença – é ser e permanecer aberto, capaz de estabelecer relacionalidade, assumir

responsabilidade por suas escolhas e contribuir no processo de libertação de si mesmo e de seus semelhantes: é cura, no e pelo cuidado. É caminhar rumo ao bom-senso, entendido como “prática que diz como proceder. Não é uma moralina! É sim uma ética, um estilo de proceder...” (BUZZI, 1992, p. 199), um modo de ser como realização do seu constitutivo essencial. Um proceder que se chama sabedoria e que a educação como formação ajuda a edificar. Compreender o sentido de ser, a si mesmo e ao seu mundo é imperativo para que, a partir da cura e pelo cuidado se signifique o ser no mundo. A cura move ao cuidado. É por ela que o cuidado se presentifica, se faz presença, se dá, é ser no mundo, significando (tornando-se significado, significante) pela compreensão do sentido de ser.

Ser no mundo – *ser* - presença - movido pela compreensão do sentido do ser que é cura e que se expressa na existência como cuidado: eis a característica essencial do “*humanitas* do *homo humanus*”. É o (ser) humano que mediatiza a significação da transcendência na imanência. Talvez por isso Lévinas situe a ética como filosofia primeira. Ética fundamentada e comprometida com a compreensão ôntico-ontológica⁹ do ser, possível somente a partir do ser humano e que, precisamente, o caracteriza como tal em seu pensar e agir, uma vez que “pensar certo é fazer certo” (FREIRE, 2006, p. 34), uma vez que o “Conhecer-se a si mesmo” leva ao “Tornar-se o que se é”, lembrando o poeta grego Píndaro, que dizia “Chega a ser o que és!” (PÍNDARO apud SAVATER, 2005, p. 26).

Premente se faz a (re)vitalização da ética, a ética do cuidado, da responsabilidade, que em nós resgate a humanidade do ser-presença, pois “A humanidade verdadeira encontra-se na Ética, a Ética é a verdadeira vida e a verdadeira vida é a responsabilidade pela vida do humano. [...] Pois a responsabilidade pelo outro é uma imediatez anterior à questão da consciência.” (PIVATTO apud FABIAN, 2007, p. 200). Trata-se, pois, de uma ética, um ser-presença que se transcenda na imanência num *já-ser-em-como-junto-a-para* e que em nós revitalize a *humanitas* do *homo humanus*.

⁹ Sobre essa questão, “Gianni Vattimo: O termo ‘ôntico’ constitui com ‘ontológico’ um par de conceitos paralelo a existêntivo-existencial, mesmo que os significados não se sobreponham completamente. Ôntica é toda consideração, teórica ou prática, do ente que para nas características do ente como tal, sem colocar em questão seu ser; ontológica, ao contrário, é a consideração do ser que focaliza o ser do ente”. Nas palavras de Heidegger: “a “descrição do ente intramundano” é ôntica; a “interpretação do ser deste ente” é ontológica. Procurando ser ainda mais claros: a descrição dos objetos efetuada, por exemplo, pela ciência é uma descrição ôntica; o discurso sobre o sentido da realidade e da própria ciência é questão ontológica.” (REALE, ANTISSEI, 2008, p. 206). Igualmente importante é compreendermos que “a ontologia não vem apenas coroar nossas relações práticas com o ser, como a contemplação das essências no livro *X da Ética a Nicômaco*, coroa as virtudes. A ontologia é a essência de toda relação com os seres e até de toda relação no ser” (LÉVINAS, 2009, p. 25).

REFERÊNCIAS

- BELLINO, Francesco. **Fundamentos de Bioética**. São Paulo: EDUSC, 1997.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Ética do Humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004
- BUZZI, Arcângelo. **Introdução ao pensar**. 21. ed. Petrópolis: Vozes. 1992.
- DUARTE, Irene Borges. A fecundidade ontológica da noção de cuidado. De Heidegger a Maria de Lourdes Pintassilgo. **Ex æquo**, n. 21, 2010, p. 115-131. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aeq/n21/n21a09.pdf>>.
- FABIAN, Eloi Pedro. A crítica ao sentido e á significação intelectualista e a defesa do sentido ético do humano em *Humanishe de L'Autre Homme* de Lévinas. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen, v. 8, n. 11, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2006.
- GILES, Thomas Ranson. **História do Existencialismo e da Fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.
- _____. **Carta sobre o humanismo**. São Paulo: Centauro, 2005.
- HUISMAN, Denis. **História do existencialismo**. São Paulo: EDUSC, 2001.
- LEVINAS, Emmanuel. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70 LDA, 2007
- _____. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2000.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. **Para onde vai o mundo?** Petrópolis: Vozes, 2010
- REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. v. 6.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. São Paulo: Summus, 1985.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2005.

A presente edição foi composta pela URI,
em caracteres Times New Roman,
formato e-book pdf, em setembro de 2011.